



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**EMANOEL LUCAS DOS SANTOS SILVA**

**AS FACES DE UM INTELLECTUAL:  
TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DE ÁTILA ALMEIDA (1974-1991)**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2024**

**EMANOEL LUCAS DOS SANTOS SILVA**

**AS FACES DE UM INTELLECTUAL:  
TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DE ÁTILA ALMEIDA (1974-1991)**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

**Orientador:**

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

**CAJAZEIRAS – PB**

**2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

S586f Silva, Emanuel Lucas dos Santos.  
As faces de um intelectual: trajetórias e narrativas de Átila Almeida  
(1974- 1991) / Emanuel Lucas dos Santos Silva. – Cajazeiras, 2024.  
109f. : il. Color.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2023.

1. Almeida, Átila, 1923-1991 - Bibliógrafo. 2. História intelectual. 3.  
Historiografia. 4. Folclorista. 5. Biblioteca - Obras raras. 6. Literatura de  
cordel. 7. Contos - Átila de Almeida. 8. Escritor paraibano. I. Sales Neto,  
Francisco Firmino. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 090.1


Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

**EMANOEL LUCAS DOS SANTOS SILVA**

**AS FACES DE UM INTELLECTUAL:  
TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS DE ÁTILA ALMEIDA (1974-1991)**


**APROVADO EM 05 / 07 / 2024**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **FRANCISCO FIRMINO SALES NETO**  
Data: 08/07/2024 16:49:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto  
(UACS/CFP/UFCG - Orientador)**

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA JOEDNA RODRIGUES MARQUES**  
Data: 08/07/2024 16:45:47-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Profa. Ma. Maria Joedna Rodrigues Marques  
(PPGH/UFRN)**

Documento assinado digitalmente  
 **JOSE RODRIGUES FILHO**  
Data: 08/07/2024 17:17:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Me. José Rodrigues Filho  
(PPGHS/USP)**

---

**Profa. Dra Ana Lunara da Silva Moraes  
(UACS/CFP/UFCG)**

À minha bisavó, Giselda Ferreira (*in memoriam*),  
por todo amor, afeto, carinho e proteção.  
Imensa é minha gratidão e amor.

## AGRADECIMENTOS

Ler os agradecimentos nos trabalhos sempre foi uma das principais partes que gosto de olhar quando estou com um trabalho completo em mãos. Além de serem carregados de emoções, sentimentos e carinho pelos que lhe acompanharam durante a trajetória, são capazes de expressar a mais genuína experiência que a universidade nos oferece, a de nos relacionar com os outros. E aqui é o que pretendo expressar, minhas ricas redes de amizades, as quais foram possíveis através do convívio durante esta jornada. As pessoas que aqui serão eternizadas nas seguintes palavras constituíram uma importante vertente da minha formação, me fazendo mais sociável, no melhor termo da palavra.

Começo estes agradecimentos, refletindo sobre a proteção divina que me abençoou durante toda a minha trajetória. Agradeço a Deus todo poderoso, à Virgem Maria santíssima, aos anjos e santos, que sempre abençoaram, me protegem de todos os males e me mantiveram até o presente momento com saúde e coragem de buscar seguir meus sonhos.

A gratidão é a forma de reconhecer toda ajuda e companheirismo de quem contribuiu de alguma forma nas trajetórias aqui expostas. Sem essas pessoas a jornada seria muito mais turbulenta. Desse modo, começo por quem esteve presente desde o primeiro momento, no início de uma amizade que perpassa os muros da universidade. Assim, agradeço de coração pelo companheirismo de Gabriely Késia e Maria Mylena, por serem as parceiras que tanto me fortaleceram ao longo dessa estrada. Sem vocês não seria possível.

Não poderia deixar de mencionar aqueles que compartilharam comigo os perrengues da graduação, os amigos da turma 19.1. Obrigado pelos momentos vivenciados Érica Teles, Diogo Sousa, Elson Filho, Valdyleide Bento, Karine Nogueira, Yslan Wesllen, Cícero Leandro, Cristian Matheus, Hewerton Oliveira, Victor Daniel, Isabela Medeiros, Ana Raquel, Ana Júlia, Açucena Moreira, Janyle Lima, Raniere Lima, Davi Moura, Eduardo Vieira, Vitória Moreira e Vitória Duarte.

Também aos demais amigos que foram fermentando estas redes, a Lucas Cesar pelas horas de conversas, pelas risadas e choros simultâneos entre nós. À Ana Maria, companheira nas apreensões pré apresentações de relatórios do PIBIC. À Thainara Gonçalves, Jonas Alexandre, Raquel Rodrigues e Mayara Leite, obrigado pela amizade!

Também dedico espaço aos amigos que compartilharam a experiência da vivência nas residências universitária (RUM/RUF), vocês foram família nesse momento longe de nossos lares, nos ajudamos na medida em que conseguimos. Obrigado pelas partilhas, Damião Alves,

Cleiton Souto, Ticiano Queiroga, Aderlândia Fernandes, Wesley Marcos, Itamar Miranda, Lilian Bezerra, Eduarda Fernandes, Debora Arruda, Iolanda Rodrigues, Odoniel Bernardo, Fernando Bandeira, Diego Silva, Adriano Freitas, Adsson Felipe, Cícero Ismaildo, Denilson Marques, Saniel Simplício, Samuel Simplício, Marcos Araújo, Jamerson, Leandro e Marvin. E dos conterrâneos que me aproximei depois de ingressar na UFCG, Pedro Henrique, Moema Vieira e Eduardo Bento. Ainda neste espaço, destino agradecimentos às funcionárias das residências, Dona Neném e Leide, a quem agradeço pelo carinho.

De modo singular dessa experiência, a amizade e o companheirismo de Marleide Moraes, agradeço pelos momentos de diversão compartilhados, de quem foi e sempre será uma amiga de todas as horas. E demais frutos da RUF, um espaço especial para Laiza Melo e Daniela Bernardo, obrigado pela amizade, os perrengues, as chatices, as tardes de café e as preocupações vividas, todas foram importantes. Como também um agradecimento único ao meu amigo João Israel, obrigado pelo carinho, pelos cuidados, e por sua existência.

De forma mais próxima, dedico estas linhas, aqueles que compartilharam as vivências mais íntimas dessa trajetória, morando no mesmo quarto, o 14, a quem sou imensamente grato por ter os conhecido. A primeira geração de moradores, que destaco, é composta por João Paulo, a quem agradeço pela partilha de sua história. Você foi um amigo que precisei em diversos momentos e sempre me atendeu. Antônio Marcos, pela leveza como lidava com as questões mais complexas da vida, pelos risos e brincadeiras constantes, elas foram de relevância absurda. A José Walber sou grato pelos ensinamentos mais simples e significativos da vivência em conjunto, com sua organização impecável, seu jeito metódico que lhe conferia particular identidade.

A segunda geração de moradores do quarto 14, composta por José Bruno, a quem logo deixou de lado a timidez e passou a se abrir de forma espontânea, revelando o bom sujeito, amigável e simpático, a quem também partilhamos na laje da residência momentos de descontração, buscando esquecer a correria da vida acadêmica. E um particular agradecimento aos carinhos, cuidados e afetos de Davi França Lucena, você é uma peça fundamental para a conclusão dessa etapa de minha vida, sem seus incentivos, contribuições e investimentos não estaria hoje concretizando esta graduação. A ti tenho especial carinho, desejo o mundo de possibilidades as quais eu sei que alcançará e que trilhará de maneira louvável.

Aos professores que marcaram, cada um a seu modo, a minha formação como historiador: Geraldo Venceslau, Dmitri Bichara, Laercio Teodoro, Ana Lunara, Rosemere Olímpio, Maria Lucinete, Camila Correia, Silvana Vieira, Isamarc Lobo, Osmar Luis, Israel Soares, Janaína Valério. Obrigado pelos ensinamentos!

De modo mais que especial, agradeço à minha querida e amada professora/orientadora, Rosilene Alves de Melo, exemplo de mulher, professora, pesquisadora e acima de tudo, de humana. Agradeço pela paciência em seu modo de ensinar, pelas orientações, pelas conversas rotineiras e por acreditar que eu poderia e seria capaz de fazer pesquisa. Rosi se tornou muito mais que uma professora, uma verdadeira amiga, a quem poderei sempre contar nos momentos difíceis e, é claro, nos felizes. Agradeço por me iniciar nessa trajetória e toda confiança que a mim confiou. Sua marca em minha trajetória é evidente e sem a senhora eu não estaria finalizando este trabalho.

Também não poderia deixar de fora, as contribuições do professor Francisco Firmino Sales Neto, que me amparou neste momento em que Rosi teve que se afastar para fazer o que ela ama e faz tão impecavelmente bem: a pesquisa. A você meu caro, tenho agradecimentos que começam desde seus ensinamentos nas disciplinas de projeto, me mostrando que o mundo da pesquisa é sim prazeroso e que temos condições de fazer investigação partindo do nosso lugar social.

Aos amigos de longa data, do pequeno distrito, São José de Solonópole, agradeço pela amizade que se manteve, mesmo à distância, Antonio Isaias, Matheus Costa, Marta Maria, Vilker Freitas, Bianca Moreira, Bianca Alves, Lucas Fernando, Ana Patrícia, Natália Cristina Ana Glória. A minha panelinha do ensino médio, Jammiully Nogueira, Rayally Batista, Angélica Lima e Mikaely Lima.

Por fim, e aqui destinei este espaço de maneira especial, gostaria de apresentar a dimensão da gratidão à minha família, a base a qual constituíram em mim, as primeiras impressões do que é o mundo de fato. Minha mãe, Maria Marciane, e meu pai, Manoel Carlos. Meus irmãos, entre brigas e carinhos compartilhados, Larissa, Leones e Layssa. De modo especial e com eterno amor, minha bisavó materna, Giselda Ferreira (*in memoriam*), com quem vivi grande parte da minha infância, a quem sou grato pelas lições e pelo puro carinho, pela companhia durante noites ao seu lado, por cada momento único, saudades eternas. Não caberia aqui mencionar todos os nomes da família, mas de importante destaque para minha avó, Maria Zuleide, e meu avô Raimundo Caetano. Às minhas tias, Aurilene e Aurileide (Aurinha).

Nestas últimas linhas, também me faço grato ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão da bolsa do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/UFCEG), a qual me proporcionou a experiência da pesquisa e instigou em mim a vontade de seguir nesse caminho.



*Os poetas ficam velhos e morrem, mas a poesia?  
Ah, nunca!*

(Apolônio dos Santos)

## RESUMO

Este trabalho problematiza a atuação do bibliófilo, folclorista, professor e escritor paraibano Átila Almeida (1923-1991) e se concentra no período mais fecundo de sua obra entre as décadas de 1970 e 1980. Durante esse período, Átila Almeida concentrou seus esforços em colecionar livros, como também investiu nos estudos folclóricos, financiando diretamente pesquisas em torno da cultura popular, com seu principal contribuinte, o poeta José Alves Sobrinho (1921-2011). Em paralelo a esta atuação, Átila Almeida começou a publicar contos em revistas e posteriormente em livros. Após a sua morte, em 1991, o acervo foi adquirido pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e institucionalizado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. Nesse sentido, o presente estudo se propõe a discutir, no âmbito da historiografia, trajetórias de Átila Almeida problematizando as principais relações intelectuais e sociais que desencadearam estas produções. O trabalho se aproxima da abordagem de Michel de Certeau, presente na obra *A Escrita da História* (1982), buscando examinar o lugar social, as práticas e a produção escrita do intelectual. Para situar a atuação do intelectual, recorreremos ao conceito de *campo intelectual* de Pierre Bourdieu (1996), além das contribuições de Jean François Sirinelli (2003) sobre a categoria de *intelectual*, e de Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) sobre *Intelectuais Mediadores* para analisar as relações entre o pesquisador e o poeta José Alves Sobrinho no contexto dos estudos folclóricos. A pesquisa utilizou-se de fontes orais e documentais que compreendem entrevistas realizadas com Oriana Trindade, entrevistas disponíveis na internet com Ruth Trindade de Almeida, além de correspondências, periódicos e fotografias relacionadas ao nosso estudo, como também as obras escritas por Átila Almeida, especificamente seus livros de contos e os livros em parceria com José Alves Sobrinho. Assim, o trabalho tenta promover uma discussão sobre a atuação intelectual de Átila Almeida, à medida que explora os conceitos mencionados.

**Palavras-chave:** Átila Almeida. História Intelectual. Historiografia.

## ABSTRACT

This work discusses the role of the bibliophile, folklorist, teacher, and writer from Paraíba, Átila Almeida (1923-1991), focusing on the most prolific period of his work between the 1970s and 1980s. During this period, Átila Almeida concentrated his efforts on book collecting and also invested in folklore studies, directly funding research on popular culture, with his main collaborator being the poet José Alves Sobrinho (1921-2011). Concurrently, Átila Almeida began publishing short stories in magazines and later in books. Following his death in 1991, his collection was acquired by the State University of Paraíba (UEPB) and institutionalized in the Átila Almeida Rare Books Library. In this regard, this study aims to discuss, within the historiographical framework, his trajectories by examining the main intellectual and social relationships that led to these productions. The work approaches the perspective of Michel de Certeau, as presented in his work *The Writing of History* (1982), seeking to examine the social position, practices, and written production of the writer. To situate the intellectual's role, we resort to Pierre Bourdieu's concept of the intellectual field (1996), as well as the contributions of Jean François Sirinelli (2003) on the category of intellectuals, and Angela de Castro Gomes and Patrícia Hansen (2016) on Mediator Intellectuals to analyze the relationship between the researcher and the poet José Alves Sobrinho in the context of folklore studies. The research utilized oral and documentary sources, including interviews conducted with Oriana Trindade, internet interviews with Ruth Trindade de Almeida, as well as correspondence, periodicals, and photographs related to our study, as well as the works written by Átila Almeida, specifically his short story collections and the books co-authored with José Alves Sobrinho. Thus, the work attempts to foster a discussion about Átila Almeida's intellectual engagement as it explores the mentioned concepts.

**Keywords:** Átila Almeida. Intellectual History. Historiography.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

APL	-	Academia Paraibana de Letras
BORAA	-	Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida
CDFB	-	Campanha de Defesa do Folclore
CNF	-	Comissão Nacional de Folclore
IHGP	-	Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
ITA	-	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
LAELL	-	Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e de Literatura
OAB	-	Ordem dos Advogados do Brasil
PIBIC	-	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (CNPq/UFCG)
SBF	-	Sociedade Brasileira de Folclore
UEPB	-	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	-	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	-	Universidade Federal de Pernambuco
UNB	-	Universidade de Brasília
UNE	-	União Nacional dos Estudantes
UNESCO	-	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1</b> - Horácio de Almeida e Corinha Freitas de Almeida .....	25
<b>Imagem 2</b> - Família Almeida.....	31
<b>Imagem 3</b> - Ruth Trindade de Almeida e Átila Almeida.....	33
<b>Imagem 4</b> - Átila Almeida e seus colegas de Faculdade .....	34
<b>Imagem 5</b> - Átila Almeida em sua Biblioteca Particular .....	43
<b>Imagem 6</b> - Átila Almeida em sua Biblioteca Particular 2.....	43
<b>Imagem 7</b> - Ruth Trindade de Almeida visitando a BORAA.....	45
<b>Imagem 8</b> - Literatura Popular em Verso, Bráulio do Nascimento .....	53
<b>Imagem 9</b> - Os sete pecados de uma antologia, M. Cavalcanti Proença .....	54
<b>Imagem 10</b> - Anotações de José Alves Sobrinho .....	68
<b>Imagem 11</b> - José Alves Sobrinho e Átila Almeida .....	69
<b>Imagem 12</b> - José Alves Sobrinho, Severino Pinto e Átila Almeida.....	71
<b>Imagem 13</b> - Lançamento do Livro Bruxaxá (1979).....	80
<b>Imagem 14</b> - Carta de Carlos Drummond de Andrade .....	83
<b>Imagem 15</b> - Genealogia de Átila Almeida e Ruth Trindade de Almeida .....	98
<b>Imagem 16</b> - Genealogia de Átila Almeida .....	98

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>19</b>
<b>A FACE DO BIBLIÓFILO .....</b>	<b>19</b>
1.1 INÍCIO DE UM LEGADO CULTURAL: HORÁCIO DE ALMEIDA .....	22
1.2 PERPETUAÇÃO DE UM LEGADO: ÁTILA ALMEIDA.....	30
1.3 BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA .....	39
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>47</b>
<b>A FACE DO FOLCLORISTA .....</b>	<b>47</b>
2.1 INTELECTUAIS, FOLCLORE E LITERATURA DE CORDEL: PERCURSOS DO SÉCULO XX .....	49
2.2 DO CORDEL À ACADEMIA: INTERAÇÕES INTELECTUAIS DE JOSÉ ALVES SOBRINHO E ÁTILA ALMEIDA .....	60
<b>2.2.1 Registro e resgate: o legado das pesquisas de José Alves Sobrinho e a construção de uma referência acadêmica sobre o cordel.</b> .....	<b>66</b>
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>73</b>
<b>A FACE DO ESCRITOR .....</b>	<b>73</b>
3.1 TRAJÉTORIA DE UM CONTISTA: ÁTILA ALMEIDA E SEUS CONTOS .....	76
3.2 O SUCESSO DOS CONTOS DE ÁTILA ALMEIDA .....	84
<b>3.2.1 Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito (1979)</b> .....	<b>84</b>
<b>3.2.2 As Transparências Impenetráveis (1981)</b> .....	<b>89</b>
3.3 OS ÚLTIMOS CONTOS: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA .....	92
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>100</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>103</b>

## INTRODUÇÃO

Ao ingressar no curso de licenciatura em História, em 2019, me deparei com diversas discussões entre os próprios colegas sobre as pesquisas acadêmicas que cada aluno teria que desenvolver para concluir o curso. Isso gerou uma pressão em mim, como estudante do primeiro período, para encontrar rapidamente uma área de interesse que pudesse adotar como linha de pesquisa. Diante desse contexto, optei imediatamente pela linha de pesquisa com a qual mais me identificava, algo relacionado à história cultural. Essa escolha foi influenciada pelo fato de ter nascido no sertão central do Ceará, cercado por muitas práticas culturais que atravessaram minha infância e juventude, tais como o repente, a cantoria e principalmente os poetas de cordel.

No decorrer dos períodos letivos, iniciei as disciplinas de Projeto de Pesquisa com o objetivo de explorar elementos diretamente ligados à produção de poetas e cantadores. Havia considerado inicialmente analisar o trabalho de Patativa do Assaré, contudo, decidi adentrar em um espaço que refletisse um aspecto menos explorado. Foi então que me deparei com a dissertação de mestrado intitulada *Arcanos do Verso: Trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte (1926-1982)*, da professora Rosilene Alves de Melo.

Como aluno de Rosilene Alves de Melo, em 2020, entrei em contato com a professora para que pudesse me orientar em um trabalho relacionado à cultura popular. Assim, elaborei inicialmente, um projeto de pesquisa intitulado *Editora Tupynanquim: A Literatura de Cordel na Contemporaneidade (1995-2020)*. Nesse projeto, assim como a dissertação *Arcanos do Verso*, planejava analisar a trajetória e os mecanismos de atuação de uma tipografia especializada no segmento do cordel, situada na cidade de Fortaleza, Ceará.

Em junho de 2022, fui convidado pela professora Rosilene Alves de Melo para participar como bolsista do Programa de Iniciação Científica do CNPq/UFCG intitulado *Intelectuais, instituições e usos da literatura de cordel no Brasil: de literatura popular a patrimônio cultural (1913-2018)*. Esse convite representou um divisor de águas na minha trajetória acadêmica, abrindo um leque de possibilidades de pesquisa que não havia experimentado até então. Em agosto do mesmo ano, viajei até Campina Grande, na Paraíba, onde visitei o acervo de José Alves Sobrinho, pertencente ao Laboratório de Apoio ao Ensino de Língua e de Literatura (LAELL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Lá pude testemunhar o resultado de um investimento intelectual do poeta e a vastidão e riqueza de uma coleção, percebendo os múltiplos sentidos que poderiam ser extraídos e analisados.

Durante meu envolvimento na iniciação científica, enquanto explorava diversas produções intelectuais, uma figura que se destacou foi a do intelectual Átila Almeida (1923-1991) e da instituição que leva seu nome. Isso me levou a decidir concentrar meus ideais de pesquisa em uma única área, o que facilitaria minha atuação no PIBIC/CNPq, com o objetivo de ter o trabalho de conclusão do curso centrado na figura de Átila Almeida como objeto de estudo. A partir desse momento, as nuances do presente trabalho começaram a ser desenvolvidas.

Após delimitarmos o tema deste trabalho, embarcamos em uma jornada em busca de fontes capazes de proporcionar informações essenciais para a construção das narrativas sobre o protagonista em questão. Durante nossa pesquisa notamos que, apesar da menção à importância do trabalho de Átila Almeida no PIBIC, ele raramente era o foco principal das investigações, o que aguçou ainda mais nossa curiosidade.

Ao avançarmos, nos deparamos com duas questões interligadas. Primeiramente, identificamos uma variedade de fontes documentais sobre Átila Almeida, incluindo correspondências, anotações, diários e outros registros pessoais. Segundo, as fontes estão todas reunidas em um único local, a Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA). No entanto, nos deparamos com um grande obstáculo, a falta de acesso a esse material para pesquisadores em qualquer nível de atuação.

A Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, é a única detentora de toda essa documentação, não havendo cópias disponíveis em outras instituições. Mesmo após duas décadas sob sua custódia, esses materiais ainda não foram organizados nem catalogados. Como resultado, nenhum pesquisador, independentemente de sua área de atuação ou nível de instrução, tem acesso aos documentos pessoais do patrono da biblioteca, o que explica a escassez de pesquisas aprofundadas sobre Átila Almeida. Diante dessa situação, nosso trabalho se propõe a contornar essas limitações. Optamos por abordagens que nos permitissem oferecer a melhor compreensão possível sobre nosso objeto de estudo.

Átila Almeida foi um bibliófilo e folclorista dedicado à pesquisa da cultura popular. Além disso, foi professor universitário de matemática, escritor de obras científicas e literárias, e desempenhou diversos outros papéis ao longo de sua vida. Filho do historiador paraibano Horácio de Almeida (1896-1983), sua biografia foi influenciada pela relação com o pai que o estimulou no apreço pelos livros, dicionários e pela Literatura de Cordel. Átila Almeida foi casado com a arqueóloga Ruth Trindade de Almeida, uma referência nos estudos de arte rupestre, que desempenhou um papel pioneiro na catalogação de sítios arqueológicos na região



dos Cariris Velhos, na Paraíba. Para apresentarmos algumas facetas de atuação deste intelectual, estruturamos o presente trabalho em três capítulos, este que foram pensados da seguinte forma.

No primeiro capítulo, *A Face do Bibliófilo*, buscamos apresentar Átila Almeida através de sua atuação bibliófila, problematizando os mecanismos que possibilitaram emergir nesse seguimento. Para entendermos as origens dessa atuação foi necessário traçarmos brevemente a trajetória de seu pai, Horácio de Almeida, o qual iniciou a coleção que posteriormente foi herdada por Átila Almeida. Recorrendo à obra autobiográfica de Horácio de Almeida intitulada *Ao redor de mim mesmo: lembranças que não se apagam* (1985), conseguimos delinear uma narrativa que nos permite compreender sua influência no meio intelectual. O ambiente propício pela figura paterna possibilitou que Átila Almeida pudesse colecionar e expandir consideravelmente a biblioteca particular que vinha montando, como um projeto político entre os dois intelectuais.

A reunião desta coleção mereceu uma problematização mais específica sobre os significados das coleções e seus endereçamentos. Neste sentido, as contribuições das reflexões no campo da antropologia dos objetos e das coleções, a partir do trabalho do antropólogo José Reginaldo Gonçalves (2007), trouxeram uma compreensão mais ampla, não apenas da formação do conjunto de obras, mas também de sua trajetória e da construção de significados em torno dos objetos. O caso exemplar do acervo de Átila Almeida ilustra esse processo, permitindo-nos observar não apenas a constituição de uma biblioteca particular, mas também a complexidade dos significados atribuídos a ela após sua institucionalização na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida da UEPB.

Para um melhor entendimento do investimento intelectual de Átila Almeida, optamos por utilizar as contribuições advindas da história oral. Por meio deste método foi possível investigar alguns sentidos pessoais próximos à Átila Almeida, possível graças aos relatos de sua filha, a professora Oriana Trindade de Almeida, que gentilmente compartilhou descrições de seu pai, das quais não teríamos acesso através da documentação “dita oficial”. Desse modo ressaltamos as perspectivas singulares que a história oral nos oferece, sejam sobre eventos ou figuras históricas recentes, conferindo-lhes significados exclusivos. Assim, entendemos a fonte oral como:

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (Alberti, 1990, p.52).

Dessa forma, surgem interpretações singulares sobre uma figura histórica, mesmo quando a entrevista aborda o tema de forma mais social. Essa abordagem possibilita a construção de uma narrativa envolvendo nosso objeto de estudo.

No segundo capítulo, *A Face do Folclorista*, buscamos explorar a atuação de Átila Almeida no contexto dos estudos folclórico, problematizando suas pesquisas em cultura popular junto ao poeta José Alves Sobrinho. Iniciamos a discussão em torno das pesquisas folclóricas no Brasil ao longo do século XX, elementos que foram investigados na pesquisa de iniciação científica intitulada *Intelectuais, instituições e usos da literatura de cordel no Brasil: de literatura popular a patrimônio cultural (1913-2018)*, a qual neste momento do presente trabalho, cumprem a função de contextualizar os estudos folclóricos e posteriormente entender a desenvoltura particular de Átila Almeida.

Assim foi necessário entender de maneira mais profunda a principal parceria de Átila Almeida dentro desse movimento de pesquisar, registrar e categorizar o popular. Por isso apresentamos uma trajetória de seu companheiro de pesquisa, o poeta José Alves Sobrinho (1921-2011), a qual juntos elaboraram as obras *O Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada (1978)* e *Romanceiro Popular Nordestino – Marcos e Vantagens (1981)*. Estes trabalhos são frutos de uma parceria de pesquisa prolífica e colaborativa. Além das contribuições diretas, é importante destacar os estudos sobre o poeta realizados pela professora de Letras, Língua e Literatura, Joseilda de Sousa Diniz, que dedicou sua trajetória acadêmica à compreensão das nuances da obra de José Alves Sobrinho.

Nessa compreensão de sentidos, tomamos emprestado o conceito de intelectual para categorizar as atividades desenvolvidas por Átila Almeida, e dentro de uma subdivisão do conceito desta categoria discutidas por Peter Burke em *O Polímata (2012)* e por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen em *Intelectuais Mediadores (2016)* para buscarmos problematizar esse papel de um produtor de conhecimentos do popular.

No terceiro capítulo, *A Face do Escritor*, exploramos uma última faceta de Átila Almeida, sua dimensão como escritor. É importante ressaltar a distinção entre as obras apresentadas neste capítulo e aquelas mencionadas ao longo do trabalho. As obras discutidas aqui representam uma vertente literária específica que incluem *Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito (1979)*, *As Transparências Impenetráveis (1981)* e *O Livro de Guto: Reflexões De Um Menino Pernambucano (1991)*, que compõem o repertório literário publicado por Átila Almeida.

Exploramos sua atuação como escritor, destacando os meios e modos pelos quais ele ingressou no mundo da literatura. Um aspecto interessante para análise é a autoria dos livros mencionados, os quais passaram por um processo de pesquisa e validação de veracidade. Nestas obras, Átila Almeida utilizou pseudônimos, sendo eles Francisco Jorge Torres (1783-1852), Aldo Lopes Dantas de Oliveira e Luiz Augusto de Almeida Mascarenhas Leite, respectivamente.

Além de analisar o contexto social abordado nos contos desses livros, também destacamos o sucesso alcançado por essas obras, que garantiram a Átila Almeida reconhecimento em vida. Sua última obra representa um esforço autobiográfico, narrada sob a perspectiva de seu neto, não apenas para atribuir autoria, mas também para oferecer *insights* sobre sua vida e a de seus familiares. Assim, a obra desempenha o papel de revelar mais aspectos da vida pessoal do autor.

Ao receber este trabalho, seja em formato impresso, PDF ou qualquer outro meio disponível, esperamos que você, caro (a) leitor (a), possa desfrutar das reflexões apresentadas e conhecer melhor este notável intelectual e seu trabalho por meio das facetas que selecionamos para apresentá-lo na historiografia.

## CAPÍTULO I

### A FACE DO BIBLIÓFILO

*A bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um hobby inocente, um emprego de capital para alguns espertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência.*

(Moraes, 2005, p. 18)

Neste capítulo, exploramos uma face intelectual de Átila Almeida, a bibliofilia, investigando e problematizando sua trajetória nesse campo e as influências que o tornaram um bibliófilo. Para isso, é crucial traçar seu perfil desde suas primeiras incursões no mundo do colecionismo, destacando especialmente a influência de seu pai, o historiador Horácio de Almeida (1896-1983), e analisando como essa tradição cultural deixou um legado duradouro por meio de sua própria coleção.

Logo compreender o ofício do bibliófilo demanda uma análise social do visível. Se restringirmos a compreensão desse conceito apenas à aquisição e à acumulação de livros, estaremos distantes de apreender a complexidade da relação entre o bibliófilo e a obra. Embora a construção de uma vasta biblioteca, repleta de livros de variados tipos, conteúdos e formatos, possa ser um resultado tangível do labor do bibliófilo, não constitui, de fato, o cerne de seu método. Conforme ressaltado pelo bibliófilo Rubens Borba de Moraes (1899-1986)<sup>1</sup>, a atuação dos bibliófilos é marcada pela benemerência, virtude e uma significativa contribuição para a esfera social. Antes de qualquer coisa, são formulados diante interesses e projetos pessoais.

Assim, o estudo se inicia explorando, primeiramente, aspectos mais pessoais do perfil do intelectual. Embora o enfoque principal seja a construção de uma problematização que destaque o lugar social, conforme proposto por Michel de Certeau, no texto *Operação Historiográfica* (1982) apresentamos aqui características como as influências de seu saber fazer e uma discussão em torno de sua produção, reconhecida por sua extensão e riqueza cultural.

O papel de bibliófilo desempenhado por Átila Almeida revelou-se seletivo, evidenciamos aqui a escolha dos materiais que compuseram sua vasta obra. Átila Almeida demonstrou interesse nos seguintes gêneros: dicionários (abrangendo todas as variedades

---

<sup>1</sup> Rubens Borba de Moraes nasceu na cidade de Araraquara – SP em 1899 e faleceu em Bragança Paulista em 1986, foi um bibliotecário, bibliógrafo, bibliófilo, historiador, pesquisador brasileiro e separatista paulista, fundador do jornal *O Separatista*, que defendia a independência do estado de São Paulo em 1932. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, professor, pioneiro da biblioteconomia no país e diretor da biblioteca da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque. Desde 1987, o Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região, confere a Medalha Rubens Borba a profissionais de destaque.

imagináveis) folhetos de cordel, almanaques, jornais e documentos. Diante dessa constatação, percebemos como o seu critério em seu ofício, na seleção do material ao longo dos anos, o difere da mera aquisição aleatória de livros. Essa abordagem permite compreender que:

coleccionar livros não é uma ocupação mais cara que a de comprar casualmente um ou outro romance para se ler em viagem. Depende do gênero que se quer coleccionar. Imprimem-se, todos os anos, milhões de livros no mundo. Da descoberta do prelo até hoje imprimiram-se outros tantos milhões. Não é, por conseguinte, por falta de material que se deixa de coleccionar. Mas, justamente essa plethora é que torna difícil a escolha. É preciso, portanto, escolher com muito critério qual o gênero de livro que se quer coleccionar. Nunca um bom coleccionador deve ir comprando o que lhe agrada no momento. Se assim fizer, chegará, no fim de alguns anos, a ter uma vasta livraria sobre os assuntos mais diversos, obras dos autores mais variados, edições das mais disparatadas, mas nunca uma coleção digna de um bibliófilo. Terá formado um acervo de biblioteca pública, quando muito (Moraes, 2005, p. 22-23)

Nesse contexto, a análise do próprio ofício de bibliófilo ganha relevância nesta pesquisa, visando destacar a distinção entre a aquisição criteriosa que deu origem às coleções de Átila Almeida e aquela de muitos livreiros que abrangem uma ampla variedade de livros, englobando uma diversidade de temáticas. Embora as categorias de maior destaque colhidas por Átila, como dicionários e folhetos de cordel, abranjam uma extensa diversidade de conteúdos e temas, estas conferem um significado, uma lógica pessoal e um método para ele, o mesmo se aplica aos outros materiais que compõe sua coleção.

Quando se trata da atuação dos livreiros, a motivação recai sobre a quantidade de material adquirido, visando rentabilizar e obter lucro por meio das vendas<sup>2</sup>. Essa abordagem contrasta significativamente com a coleção do bibliófilo, cuja intenção na aquisição é divergente. Dessa forma, as duas práticas não podem coexistir harmoniosamente. A bibliofilia segue em uma direção oposta ao comércio, desprovida da intenção de acumular riqueza.

As coleções de livros que permearam a vida de Átila Almeida transcendem significativamente a mera acumulação de conteúdo tangível. O impacto dessas coleções vai além da simples materialidade, revelando camadas mais profundas de valor que se desdobram ao longo deste capítulo. Inicialmente moldado pela influência de seu pai, o historiador Horácio

---

<sup>2</sup> Para reforçar essa afirmação, Rubens Borba de Moraes compartilha a história de um bibliófilo/livreiro em seu livro *O Bibliófilo Aprendiz*, 2005. O protagonista enfrentou dificuldades ao tentar conciliar ambas as atividades, uma vez que sua busca por obras excepcionais como bibliófilo impactava diretamente suas vendas como livreiro. O público, por sua vez, mostrava pouco interesse em adquirir obras que não possuíam valor pessoal. Diante dessa situação, o autor destaca a importância de estabelecer uma clara distinção e ressalta a inviabilidade de harmonizar essas duas funções. Ele argumenta enfaticamente que a prática da bibliofilia não deve ser motivada unicamente por interesses comerciais, mas sim por objetivos sociais.

de Almeida, o ofício de colecionar de Átila Almeida ganhou nuances mais complexas e significativas ao longo dos anos.

Ao explorarmos esse tema, é pertinente destacar a visão de coleções como uma categoria de pensamento. Sob essa ótica, cada item adquirido torna-se não apenas um objeto isolado, mas parte integrante de uma categoria mais ampla que reflete a mente e as escolhas do colecionador. Nessa perspectiva, surge a oportunidade de analisar não apenas os objetos em si, mas também a dinâmica social que envolve esses indivíduos e suas coleções.

toda e qualquer coletividade humana dedica-se a alguma atividade de colecionamento, embora nem todas o façam com os mesmos propósitos e segundo os mesmos valores presentes nas modernas sociedades ocidentais. Quem coleciona o quê, onde, segundo quais valores e com quais objetivos? Basicamente, toda e qualquer “coleção” pressupõe situações sociais, relações sociais de produção, circulação e consumo de objetos, assim como diversos sistemas de ideias e valores e sistemas de classificação que as norteiam (Gonçalves, 2007, p. 24)

O antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves<sup>3</sup>, na obra *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios* (2007) ao contribuir para essa discussão, sustenta que a compreensão das coleções vai além da simples apreciação do que está exposto, alcançando uma esfera mais profunda que revela aspectos sociais intrínsecos aos sujeitos colecionadores e aos objetos por eles reunidos. Cada item presente na coleção de um indivíduo carrega consigo elementos intrínsecos de natureza social e cultural de uma sociedade específica. Esses objetos são impregnados de simbolismo, delineando as estruturas materiais e refletindo concepções da ordem cósmica e social.

No âmbito mais pessoal da aquisição de livros, como resultado do trabalho bibliófilo de Átila Almeida, destaca-se a clara percepção de elementos mais tangíveis, relacionados ao apreço específico pelo tipo de material que compunha sua coleção. É evidente que, tal apreciação, é uma característica compartilhada por muitos entusiastas do mundo bibliofílico, conforme se percebe na narrativa de José Mindlin (1914-2010)<sup>4</sup>, que expressa seus sentimentos em relação às suas próprias aquisições.

---

<sup>3</sup> Foi professor Titular de Antropologia Cultural da UFRJ (Aposentado). Membro Titular do Conselho Consultivo do IPHAN (2018-2022). Atualmente desenvolve projetos de pesquisa sobre os seguintes temas: coleções, museus e patrimônios; memória e cidade; história da antropologia; culturas populares e Antropologia dos objetos, onde ele problematiza a relação das coleções com a museificação e a patrimonialização dos objetos. Fonte: Currículo Lattes, disponível em <http://lattes.cnpq.br/8759132068825242>. acesso em 09/12/2023.

<sup>4</sup> O bibliófilo José Ephem Mindlin nasceu em São Paulo (SP) em 8 de setembro de 1914 e faleceu na mesma cidade em 28 de fevereiro de 2010. Quinto ocupante da cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras - ABL, eleito em 20 de junho de 2006, na sucessão de Josué Montello, e recebido em 10 de outubro de 2006 pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Mindlin reuniu uma das coleções mais importantes de livros, que hoje integra A Biblioteca

além do conteúdo, edição, encadernação, diagramação, tipografia, ilustração, ou papel, o livro exerce sobre mim uma atração física. Não me satisfaz ver um livro numa vitrine, sem poder pegá-lo. Minha tese é que a gente deve poder tocar naquilo que gosta, sentir objetos e pessoas [...] Quando, depois de anos e anos de procura, encontra-se um livro raro, o coração bate mais forte. Sente-se uma emoção grande, mas não se pode deixar que ela transpareça diante do livreiro. Por motivos óbvios (Mindlin, 1997, p. 22-24).

Essa passagem sublinha a complexidade da relação entre o bibliófilo e seus tesouros literários, revelando a profundidade do envolvimento emocional que permeia a prática da coleção de livros raros e preciosos. Dada a natureza dessas características, que envolvem afetos e sentimentos, optamos por começar abordando a origem das escolhas que o direcionaram ao universo dos livros. Essa inclinação é perceptível não apenas na dedicação de Átila Almeida, mas também na atuação de Horácio de Almeida, a quem discutiremos a seguir. Buscamos assim destacar dimensões mais abrangentes das principais influências exercidas não apenas na bibliofilia, mas também em outros campos de saberes pelos quais Átila Almeida transitou.

### 1.1 INÍCIO DE UM LEGADO CULTURAL: HORÁCIO DE ALMEIDA

A história de Átila Almeida (1923-1991) não pode ser adequadamente introduzida neste estudo sem antes explorarmos as raízes mais profundas que contribuíram para sua sabedoria, deixando, de certa forma, marcas profundas na sua existência e forma de ver o mundo. A figura paterna de Horácio de Almeida (1896-1983) desempenhou um papel crucial na compreensão de certas características singulares de seu filho Átila. Assim, a contribuição de Horácio na formação intelectual de seu filho é inegável, buscamos apresentar de maneira concisa a trajetória intelectual que resultou em uma herança cultural para nosso sujeito de estudo.

Horácio de Almeida, último filho de Rufino Augusto de Almeida (1845-1928) e Adelaide Jucunda da Costa Gondim de Almeida<sup>5</sup> (1855-1954), nasceu em Areia-PB no final do século XIX, testemunhando o declínio das famílias de engenho, especialmente a sua própria. As condições em que viveu na infância permaneceram quase toda a vida. Essas experiências são claramente documentadas em suas palavras, como evidenciado em sua autobiografia de 1985, intitulada *Ao redor de mim mesmo: lembranças que não se apagam*.

---

Brasileana Guita e José Mindlin, do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>5</sup> Conhecida carinhosamente como Iaiá, Adelaide Jucunda da Costa Gondim adotou o sobrenome Almeida ao se unir em matrimônio a Rufino em 23 de outubro de 1891.

A decadência dos engenhos de açúcar nas primeiras décadas do século XX no nordeste representou uma mudança significativa na economia e na estrutura social de várias regiões, especialmente onde a produção açucareira foi uma força dominante por séculos. Fatores como a competição crescente de outras áreas produtoras, mudanças nos padrões de consumo e as transformações tecnológicas contribuíram para o declínio desses engenhos. Obras literárias como *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943), do escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957), categorizado como o *Ciclo da Cana-de-Açúcar*, retratam esse processo de decadência de um sistema socioeconômico. No livro de Horácio de Almeida, também encontramos descrições que exemplificam esse declínio, como o caso do engenho da Várzea.

Compreendemos, portanto, que a obra auto descrita pelo próprio sujeito desempenha um papel essencial na interpretação dos eventos históricos que moldaram sua vida. Escrever sobre si, igualmente qualquer obra historiográfica, implica escolher conscientemente ou não, o que se deseja destacar e o que permanecerá oculto aos olhos do leitor, mas que pode ser discernido por meio de uma análise crítica do texto. Nesse sentido, a escrita pessoal foi empregada como um recurso para identificar diversas fases pelas quais o sujeito passou. Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes:

as práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho etc. (Gomes, 2004, p. 13).

A narrativa construída pelo autor consegue preservar a linearidade dos eventos, contudo, revela momentos em que ele desempenha papéis distintos: desde a fase de infância, passando pela maturidade em sua construção intelectual. Nesse contexto, ao analisar sua escrita pessoal, procuramos ressaltar os elementos que desempenharam um papel crucial na formação da sua própria compreensão da identidade como intelectual.

É importante salientar que o objetivo apresentado por ele no livro não era a autopromoção, embora possamos pensar a respeito de suas intenções, visto que ele buscou apresentar ao seu modo sua jornada por meio de memórias que mereciam reconhecimento. Em suas próprias palavras, o autor expressa a aspiração “Que estas memórias corram até o fim sem pieguice, sem prevenções, fiéis ao critério da verdade, como se fossem uma verdade histórica” (Almeida, 1985, p. 28). Essa característica de buscar a verdade por meio de um relato pessoal é uma constante observada nesse estilo de escrita, ainda segundo Gomes (2004, p. 14).



o tema da verdade como sinceridade, como o ponto de vista e de vivência do autor do documento, foi situado e discutido de maneira contundente. Isso porque a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua” verdade. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade”.

Nesse contexto, torna-se evidente o compromisso do autor em manter-se fiel aos fatos, buscando preservar a integridade da verdade para conferir credibilidade às suas narrativas. Ao redigir o livro *Ao redor de mim mesmo: lembranças que não se apagam* (1985), cuja elaboração ocorreu em um estágio avançado de sua vida “estou as vésperas de 86 anos, mas não me sinto velho” (Almeida, 1985, p. 150), o autor demonstra uma maturidade intelectual, evidenciando sua conscientização e preocupação com a forma de narração e o uso da perspectiva histórica.

O livro, no entanto, permaneceu inacabado devido à idade avançada do autor, como também problemas de saúde que o impediram de concluir o trabalho, conforme mencionado no texto. Embora tenha escrito até o ano de 1982, realizando alguns ajustes na introdução em 1983, o livro não chegou a ser concluído. O autor inseriu três breves parágrafos adicionais antes da introdução, uma espécie de contracapa, com o intuito de mencionar sua esposa, Corintha Freitas de Almeida (1893-1979) com quem se casou a 12 de dezembro de 1922<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Na época da celebração da núpcia, o major Torquato Assumpção de Freitas, pai de Corintha, e senhor do Engenho Bujari, era o homem mais rico de Areia, posto que a cultura do café consolidou sua fortuna e ele se tornou uma espécie de banqueiro da região brejeira (Gondim, 2017, p. 192).

**Imagem 1** - Horácio de Almeida e Corintha Freitas de Almeida



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

A imagem 1 registra o casamento de Horácio de Almeida com Corintha Freitas de Almeida, ao qual fez questão de mencionar no livro inacabado, informando apenas a idade com que se casou, aos 26 anos, e o nome de solteira da esposa, Corintha Messias de Assunção Freitas. Também fez questão de mencionar os filhos, no entanto Horácio de Almeida não detalhou as relações que manteve com os filhos, apenas informando a existências dos sete filhos do casal.

As primeiras lembranças destacadas remontam à infância de Horácio de Almeida, situada na decadência do engenho da Várzea. Diante da falta de aptidão de seu pai para gerir o comércio da família e influenciado por condições naturais adversas como a seca, ele experimentou o peso do declínio do engenho familiar.

meu pai cada dia mais neurastênico. Já raiava pela loucura. Quanto mais pobre se via, mas revoltado ficava com os filhos, como se fossem eles os responsáveis pelo desmoronamento da situação econômica. Vendera o sobrado da cidade e comera o dinheiro. Lá se foi o patrimônio que vinha dos avós de minha mãe. Queria agora vender o engenho da Várzea para ir morar na cidade. Não vendeu porque minha mãe declarou que não assinava a escritura. A situação financeira era insustentável. Safras pequenas, a propriedade hipotecada, sem renda sequer para pagar os juros da hipoteca (Almeida, 1985, p. 73).

Essas circunstâncias exerceram um impacto direto nas fases iniciais da formação de Horácio de Almeida durante sua juventude. Ele transitou de uma escola para outra devido à escassez de instituições educacionais e também à vontade de seu pai, Rufino Augusto de Almeida, que não o permitiu frequentar uma escola pública. Tais condições deixaram uma marca profunda na vida de Horácio, embora não nos aprofundemos nessas questões, uma vez que o próprio autor destaca que são memórias distantes que conseguiram imprimir algumas marcas em seu passado. Sob essa perspectiva, “Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas” (Castro, 2004, p. 13).

No início do século XX, a cidade de Areia, começava a ganhar destaque com uma efervescência intelectual, impulsionada pela proliferação de jornais locais, que proporcionaram um espaço para troca de ideias, debates e reflexões sobre temas diversos. A presença nessa atmosfera proporcionou um estímulo intelectual, em um ambiente propício ao surgimento de intelectuais, escritores e pensadores que deixaram contribuições significativas para a história da cidade. A interação entre os habitantes e periódicos locais não apenas enriqueceu o ambiente intelectual de Areia, mas também influenciou o panorama cultural e social da época, moldando as perspectivas e os ideais da comunidade. Dessa forma, direcionamos nosso olhar para as primeiras incursões intelectuais de Horácio de Almeida na cidade no ano de 1917, quando ele participou da fundação de jornais locais, mesmo sem se reconhecer como letrado.

por incrível que pareça, pouco menos que analfabeto, fundei um jornal em Areia. Denominava-se A RONDA. [...] A redação de A RONDA era no engenho da Várzea. À noite, sob a luz de lamparina, eu e o mano José espremíamos o cérebro na feitura de pífios sueltos para o jornalzinho publicar. José tinha uma espontaneidade de escrever que eu invejava, mas feneceu na bagaceira do engenho (Almeida, 1985, p. 80).

Os jornais fundados na cidade de Areia não perduraram devido às condições financeiras precárias, bem como às adversidades decorrentes do conteúdo e do sentido político adquiridos pelo jornal.

propunha-se o jornalzinho a ser um semanário crítico e noticioso, alheio a questões políticas. Declarava esse propósito no editorial programa. Mas não tardou a abrir campanha contra o prefeito da cidade, por sua inoperância administrativa. [...] Quem desencadeou a campanha, num artigo violento, foi o farmacêutico Nestor Corbiniano de Queiroz. Não só abriu a campanha como me instigou a prosseguir na luta. [...] O prefeito era um homem calmo e tinha até uma certa capacidade para aturar verrinas, mas tinha por outro lado amigos

prepotentes, além de dispor da política, e não lhe custava nada fazer calar a voz insólito dos que ousavam enfrentar o poder (Almeida, 1985, p. 81).

Diante de sugestões de amigos e familiares, Horácio encerrou as produções em *A Ronda*, admitindo que também o faria por questões econômicas, devido à falta de pagamento dos assinantes. Não demorou para que Horácio de Almeida se vinculasse a outro jornal local. “Nesse mesmo ano *d’A Ronda*, 1917, Gutemberg Barreto convidou-me a fazer um jornalzinho de festa em Areia. [...] Fizemos *O Smart*, que circulou de 30 de novembro a 8 de dezembro” (Almeida, 1985, p. 82-83). O jornal fora criado já com vida breve, visto que funcionaria somente durante os festejos de Nossa Senhora da Conceição.

Esses episódios na vida de Horácio conferem à sua obra um sentido cada vez mais biográfico em torno de suas memórias. Observamos que, à medida que os eventos ocorrem, percebe-se um amadurecimento do posicionamento de Horácio.

De acordo com Benito Bisso Schmidt (2014, p. 196), “a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos”. Esses elementos são perceptíveis na narrativa do livro, principalmente em torno da figura do engenho que marca sua vida, e é ponto de partida para as narrações desenvolvidas.

Na década de 1920, Horácio de Almeida, já estabelecido na capital da Paraíba, protagonizou um importante capítulo em sua trajetória intelectual ao participar ativamente da criação da revista *Era Nova*<sup>7</sup>, sob a liderança de Sinésio Guimarães. Nesse período, Horácio emergiu publicamente como crítico literário, consolidando sua presença na imprensa. *A Era Nova* reunia uma seleção de nomes que começavam a ganhar destaque no cenário intelectual, ainda abaixo das figuras renomadas da época. A direção da revista era composta por “Severino de Lucena como diretor, Sinésio Guimarães como secretário, e Horácio de Almeida, Epitácio Vidal e José Pessoa como redatores, com J. J. Gomes assumindo a função de gerente” (Almeida, 1985, p. 97). A revista teve duração de 1921 a 1925, mas Horácio saiu no segundo ano, ao qual novamente ele regressava ao engenho da cidade de Areia.

---

<sup>7</sup> A revista circulava na capital paraibana, também no interior e nos estados vizinhos. *A Era Nova* apresentava um público específico, a classe média/alta paraibana que tinha acesso à revista, era criada uma seção para que fossem estampadas fotos dos leitores e retratos de cidades, sua assinatura podia ser feita anualmente, semestralmente ou por compra avulsa. Os redatores da *Era Nova* informavam que sua publicação era a de maior circulação no estado, desde o litoral até o alto sertão, sendo inegável a sua situação em outros estados, nos quais foi adquirindo a simpatia e a admiração de seus leitores. Desse modo, o autor chama a atenção para o crescimento da revista, através de seus assinantes, que divulgavam para outros o sucesso do periódico pelo seu conteúdo. Fonte: SANTOS, Jonas do Nascimento dos. *Paraíba Criativa. Revista Era Nova*. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/revista-era-nova/> Acesso em: 15 dez 2023.

Ao retornar à Areia, Horácio de Almeida empreendeu a criação de mais um periódico, batizado de *O Luzeiro*, cuja circulação se estendeu de janeiro a outubro de 1927<sup>8</sup>. Após o lançamento desse jornal, Horácio sentiu uma forte necessidade de viajar ao Recife. Ao chegar lá, deparou-se com algumas situações que o levaram a reconsiderar sua matrícula no curso de direito, a qual permanecia trancada desde 1922. Nas palavras dele: “A ideia de retomar os estudos estava fora das minhas cogitações. Sentia-me ultrapassado, além do mais, um homem de ilusões perdidas, vencido pela sorte mesquinha” (Almeida, 1985, p. 106).

Durante a década de 1920, o Recife emergia como um vibrante centro intelectual e cultural do Brasil, impulsionado em grande parte pela influência da Faculdade de Direito, uma das poucas instituições desse tipo no país da época. Esta instituição não apenas atraiu jovens de todo o Brasil, mas também cultivou um ambiente intelectual estimulante que nutriu uma série de figuras proeminentes. Nomes como Veríssimo de Melo<sup>9</sup> (1921-1996), Câmara Cascudo<sup>10</sup> (1898-1986) e Assis Chateaubriand<sup>11</sup> (1892-1968) destacaram-se nesse cenário, consolidando o Recife como um polo de pensamento progressista e culturalmente enriquecedor. O ambiente intelectual propício que o Recife oferecia, como também a estima pelo título de bacharel que era nutrido na sociedade certamente influenciara as decisões de Horácio de Almeida de retomar os estudos, ao qual finalizou no ano de 1930<sup>12</sup>, “formei-me já casado, pai de seis filhos, com 34 anos de idade” (Almeida, 1985, p. 114).

Já ao final do período ditatorial varguista, na primeira metade da década de 1930, Horácio de Almeida menciona os movimentos políticos no estado da Paraíba, ao qual, mostrava-se a força da Igreja católica frente a sociedade, especialmente através da organização promovida pela Liga Eleitoral Católica, utilizada como defensora dos princípios da fé cristã católica. O impacto dessa iniciativa eclesiástica reverberou na formação de oposições em diversos estados do país, culminando na criação da Liga Pró-Estado Leigo.

---

<sup>8</sup> O jornal *O Luzeiro* de Horácio de Almeida era de caráter espírita, o primeiro da Paraíba, e um dos poucos do Brasil.

<sup>9</sup> O folclorista Veríssimo de Melo nascido em Natal – RN, iniciou os estudos em direito no Rio de Janeiro – RJ em 1942, mas concluiu pela Universidade do Recife – PE em 1948.

<sup>10</sup> O folclorista Luis da Câmara Cascudo iniciou o curso de Medicina na Faculdade Medicina da Bahia, porém não concluiu. Posteriormente estudou Direito a partir de 1924 na Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 1928.

<sup>11</sup> Assis Chateaubriand ingressou na Faculdade de Direito do Recife, concluindo o curso em 1913. Quando estudante colaborava para vários jornais, entre eles o *Diário de Pernambuco*, onde chegou a redator chefe.

<sup>12</sup> Em setembro de 1930, a capital do Estado teve seu nome alterado para João Pessoa, como uma homenagem póstuma a João Pessoa, que foi assassinado durante campanha política. Horácio de Almeida, por sua vez, nunca aceitou essa mudança e resistia a aceitar tal fato. Da mesma forma, o paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) nunca legitimou a designação do estado da Paraíba, devido a questões familiares.

No ano de 1933, na Paraíba, Horácio desempenhou um papel importante. Ele não apenas participou ativamente da fundação da Liga Pró-Estado Leigo, mas também foi eleito seu presidente “Participei de sua fundação e fui escolhido seu presidente por generosa confiança dos companheiros de jornada” (Almeida, 1985, p. 131). Durante esse período, Horácio interagiu vigorosamente por meio de publicações, conferências e proclamações ao povo.

Dentre outras instituições a qual vinculou destaca-se ainda a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Academia Paraibana de Letras (APL), e o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

mais tarde, quando se criou a Ordem dos Advogados do Brasil, fiz parte do seu Conselho Diretor na seção da Paraíba. [...]

Fui um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras. Éramos dez acadêmicos, sob o comando de Coriolano de Medeiros, ilustre figura do cenário intelectual da Paraíba. [...] Nunca pensei na ABL. Sempre estive fora de minhas cogitações.

Instituto Histórico Paraibano. Fiz parte dessa agremiação como sócio efetivo, frequentando-lhe as seções. Eleito, tomei posse a 23/08/1936, conforme diploma em meu poder. (Almeida, 1985, pp. 139, 140, 142, 150)

Horácio de Almeida viu sua presença se expandir consideravelmente no panorama intelectual e político, conforme relatado por sua filha, Ignez Freitas de Almeida.

meu pai exercia a profissão de advogado, onde militou de 1931 a 1945, fazendo um razoável patrimônio. Afastou-se de sua carreira e ingressou no cenário político. Comprou um jornal intitulado *O Estado da Paraíba*, onde fez a campanha política do seu partido PSD. Mas seu partido perdera as eleições na Paraíba e ali ele não viveria mais. Então decidiu que era preciso deixar a terra onde vivia rumo ao Rio de Janeiro. (Almeida, 1998, p. 07)

Essa experiência adversa representou uma verdadeira catástrofe na vida de Horácio de Almeida, levando-o a renunciar à sua vida na Paraíba. Durante esse período, ele optou por vender sua biblioteca ao seu irmão José Rufino de Almeida (1895-1979), bem como vendeu obras de arte e alguns objetos de antiguidade que havia colecionado. Somente na década de 1950, após estabelecer-se no Rio de Janeiro, Horácio retomou o colecionismo como sua ocupação, reconstruindo-se também no cenário intelectual.

nos anos de 1950 Horácio de Almeida começou o seu colecionismo, com destaque para formação de uma biblioteca dedicada a temas paraibanos, que intitulou de Coleção Paraibana, ao mesmo tempo começou também a sua escrita como historiador e ensaísta. Horácio de Almeida ao aposentar-se no ano de 1966 dedicou-se ainda mais à atividade intelectual, publicando dezenas

de livros, entre dicionários, ensaios e estudos históricos, bem como foi presidente de instituições como a Academia Brasileira de Literatura e a Sociedade de Homens e Poetas do Brasil. Nas décadas de 1960 e 1970 consolidou-se na capital carioca em sua trajetória como historiador, advogado, bibliófilo, ensaísta e dicionarista (Gaudêncio, 2020, p. 98)

Apenas depois de conseguir se restabelecer e consolidar sua presença no Rio de Janeiro, Horácio retoma sua atividade de bibliófilo, dedicando-se à coleção e arquivamento de livros de diversas categorias. Essa prática não apenas caracterizava sua vida profissional, mas também tinha um aspecto pessoal, conforme descrito pela arqueóloga Ruth Trindade de Almeida<sup>13</sup>, esposa de Átila Almeida e nora de Horácio de Almeida.

ele era, assim comunicativo, mas realmente intelectual, o tempo dele era pra ler, pra escrever, pra se dedicar a livros, ele morava no Rio, em Copacabana, e no Rio tinha muito sebo, e o prazer dele era, as tardes, ele ia para as livrarias de sebo, para procurar obras raras. Ele começou a organizar a biblioteca paraibana, ele fez um trabalho mais ou menos conjunto com o Átila. A biblioteca ele deu pro Átila, mas a coleção de dicionários ele deu pra essa tia, a minha cunhada (Ruth Trindade de Almeida, 2019)

Ruth Trindade de Almeida recorda a herança deixada por Horácio de Almeida para seus filhos na década de 1970, destacando a Biblioteca pessoal legada a Átila Almeida e uma coleção de dicionários destinada inicialmente à filha Ignez Freitas de Almeida, a qual posteriormente presenteou seu irmão Átila Almeida.

As diversas trajetórias mencionadas moldaram o intelectual Horácio de Almeida. Cabe a nós buscar compreender as influências deste rico histórico intelectual sobre seu filho Átila Almeida. Entre eles, estabeleceram conexões que transcenderam a relação paternal, formando, dentro da família, o primeiro elo de uma rede de sociabilidade que ele experimentou.

## 1.2 PERPETUAÇÃO DE UM LEGADO: ÁTILA ALMEIDA

Átila Augusto Freitas de Almeida, como mencionado anteriormente, foi o primogênito entre os seis filhos de Horácio de Almeida e Coríntia Freitas de Almeida, seguido por Armênia, Libânia, Luiz José, Carlos Eduardo e Ignez. Ele nasceu na cidade de Areia, na Paraíba, em 7 de novembro de 1923. Ao longo de sua jornada, ele atravessou uma diversidade de experiências intelectuais que contribuíram para moldar e perpetuar uma tradição cultural. Uma parcela

---

<sup>13</sup> Entrevista concedida a Bruno Gaudêncio por Ruth Trindade Almeida, realizada em 13 de maio de 2019, em Recife-PE (58 min).

significativa dessas influências derivava de seu círculo familiar, enquanto outras foram adquiridas durante sua formação acadêmica e os laços estabelecidos ao longo dos anos no meio intelectual ao qual estava vinculado, seja no Rio de Janeiro - RJ, em Areia - PB ou Campina Grande - PB. Esses diversos elementos foram essenciais para forjar sua identidade intelectual, caracterizada por sua proficiência em matemática, seu interesse em pesquisas sobre culturas populares e sua habilidade na escrita de contos.

**Imagem 2 - Família Almeida**



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

Na imagem 2 é possível observar Átila Almeida ao centro, com seus irmãos em volta, e a frente sua mãe Corinha Freitas de Almeida e seu pai Horácio de Almeida. Até o final da década de 1920, a família permaneceu na cidade de Areia – PB, “sei que moravam em Areia. E nasceu em Areia. Depois, quando meu avô se formou em direito, foram para João Pessoa”<sup>14</sup>, como supracitado na trajetória de Horácio de Almeida.

Ao referir-se sobre Átila Almeida, a professora Oriana Trindade de Almeida (2023), compartilha sobre suas lembranças, onde descreve, “o relacionamento com papai era ótimo, pessoa controversa e muito criativa. Com os demais membros da família também ótimo”, o relato se estende a família de modo geral, visto que Átila Almeida já residia na Paraíba quando os filhos nasceram, enquanto Horácio de Almeida e Corinha Freitas de Almeida estavam de morada no Rio de Janeiro. “Acho que naquela época isso era muito comum. Havia reunião de

<sup>14</sup> Entrevista concedida ao autor, realizada com Oriana Trindade de Almeida em 6 de dezembro de 2023.



férias no Rio com meus avos, fossem maternos ou paternos. Passávamos várias férias lá. Mas tudo era caro e eles não tinham muito dinheiro então poucas vezes eles foram”

É possível perceber sentimentos, afetos e carinho, especialmente considerando a proximidade com o objeto de estudo. “Porque a subjetividade, os sentimentos, as paixões são coisas de História que talvez sejam mais importantes do que as coisas da política; são uma política mais funda, mais radical, que faz parte do sangue e das veias das pessoas com quem falamos” (Portelli, 2010, p. 4). Em relação a aspectos que delineiam o perfil de Átila Almeida, podemos observar:

peessoa inteligente, criativa. Muito polêmica. Cheio de entusiasmos. Às vezes muito irritável, mas também tinha um humor equivalente. Tinha muito preparo técnico em matemática. E gosto por livros e biblioteca. Em 75, eu acho, herdou a coleção de livros de vovô Horácio. E expandiu. (Almeida, 2023)

Neste momento, é possível traçar o perfil bibliófilo que Átila Almeida construiu ao longo de sua vida. Sua interação ao mundo dos livros surgiu desde tenra idade, e ao avançar na narrativa, será elucidado o papel fundamental das interações entre pai e filho, revelando aspectos essenciais da relação que desenvolveram no decorrer dos anos.

Na cidade do Rio de Janeiro na década de 1950, Átila Almeida iniciou sua jornada acadêmica ao cursar matemática na antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi nesse contexto que sua atuação intelectual no meio acadêmico teve seu ponto de partida. O relato de sua esposa, a arqueóloga Ruth Trindade de Almeida<sup>15</sup>, lança luz sobre esse período:

Eu sou do Rio, mas quando eu conheci o Átila, ele já morava no Rio e ele fazia o curso de matemática na faculdade nacional de filosofia e eu fazia geografia e história na mesma faculdade, então eu entrei em 51 e ele já estava lá porque ele fez licenciatura e bacharelado e gasta mais um ano, então são cinco anos, e aí eu fiquei, o conheci em final de 1951, aí começamos a namorar. Eu me casei em 1955, no Rio mesmo. (Almeida, 2018)

Átila Almeida uniu-se em matrimônio com Ruth Trindade de Almeida em 12 de dezembro de 1955, na cidade do Rio de Janeiro, na época ela tinha 25 anos e ele 32 anos de idade.

---

<sup>15</sup> Entrevista feita por Oriana Trindade de Almeida com Ruth Trindade de Almeida, em 20 de agosto de 2018. 19 min. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=MIpenb2o3dk&ab\\_channel=S%C3%A9rgioRivero](https://www.youtube.com/watch?v=MIpenb2o3dk&ab_channel=S%C3%A9rgioRivero). Acesso em 19/12/2023.

**Imagem 3 - Ruth Trindade de Almeida e Átila Almeida**



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

A imagem 3 registra o dia dessa celebração matrimonial, da união do casal originou-se uma família composta por cinco filhos: Olívia, Horácio, Oriana, Fernanda e Verônica. Após concluir o curso de Matemática em 1954, Átila Almeida foi contratado pelo Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em São Paulo, onde lecionou física por cerca de quatro anos. Em seguida, retornaram ao Rio de Janeiro, mas permaneceram lá por pouco tempo.

**Imagem 4 - Átila Almeida e seus colegas de Faculdade**



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

Na imagem 4 é possível ver Átila Almeida (Quarto da segunda fila da direita para a esquerda) e seus colegas do curso de Matemática na Universidade do Brasil. Em 1959, Átila e sua família mudaram-se para a Paraíba, quando ele assumiu o cargo de professor de Matemática na Escola Politécnica, mais tarde incorporada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). De acordo com Ruth Trindade de Almeida:

O pessoal da Paraíba escreveu pedindo um professor de matemática pra Campina Grande, pra escola de engenharia, ele não estava pensando em vir, mas aí os tios escreveram, que ele viesse que ficasse algum tempo só, que não precisava ficar toda a vida, e desse esse apoio e depois ele fizesse o programa que quisesse. Então ele voltou e a gente nunca mais voltou pro Rio (Almeida, 2018)

Oriana Trindade de Almeida recorda a mudança de Átila Almeida para a Paraíba, explicando: “Papai era professor do ITA em São José dos Campos. Lá deu aula de física, apesar de ser matemático. Acredito que foi Lynaldo<sup>16</sup> quem o convidou para retornar aqui. Ele veio para a UFCG, antiga UFPB. Lynaldo trouxe muitos professores famosos do ITA”. Lynaldo

<sup>16</sup> Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque (1932-2011), filho de Marly Cavalcanti de Albuquerque e Arnaldo Cavalcanti de Albuquerque. Foi Professor Catedrático da Escola Politécnica de Campina Grande da Universidade da Paraíba - de 1957 a 1961. Diretor da Escola Politécnica de Campina Grande da Universidade da Paraíba - Com dois mandatos: 03/01/64 a 03/01/67 e de 17/03/67 a 17/03/71. Professor Titular do Departamento de Engenharia Civil do Centro de Ciência e Tecnologia do Campus II da UFPB - de 1967 a 1984. Reitor da UFPB, nomeado em 24/12/1975, e mandato de 13/02/76 a 13/02/80.

Cavalcante convidou Átila Almeida para dar aulas na Escola Politécnica<sup>17</sup> em Campina Grande, estabelecida em 1952 e posteriormente integrada ao campus II da UFPB durante a década de 1960. Em 2002, um projeto de lei<sup>18</sup> resultou no desmembramento dessa instituição, dando origem à UFCG, que passou a ocupar o campus I.

Além de seu apreço pelos números e pelas ciências da matemática, Átila Almeida demonstrou cedo seu interesse pelo colecionismo, especialmente pelos folhetos de cordel. Seu envolvimento com o universo dos livros se intensificou ao herdar a biblioteca de seu pai, Horácio de Almeida, em 1975, momento em que Átila Almeida começou a se destacar como escritor de contos, além de contribuir com artigos para jornais e revistas. Pouco depois, recebeu uma coleção de dicionários que sua irmã Ignez Freitas de Almeida havia herdado do pai.

Ignez deu a coleção para o Átila. Quando nós recebemos a coleção de dicionários que ela mandou, eram mil e quinhentos dicionários, que entram na língua portuguesa e outros, e quando nós vendemos a biblioteca, tínhamos quatro mil dicionários ou mais. [...] ele ficou muito interessado em ampliar essa parte (Almeida, 2018).

O trabalho de Átila Almeida na ampliação do legado iniciado por seu pai é evidente nas palavras de sua esposa, Ruth Trindade de Almeida. A expansão se concretizou como resultado de seu intenso interesse por obras raras, sendo um frequente visitante de sebos na cidade. “Comprava muito no Brandão<sup>19</sup> quando era usado. Comprava muito na Pedrosa<sup>20</sup>. Também comprava no interior. Pagava com o próprio dinheiro tudo” (Almeida, 2018).

Conforme observado por Gaudêncio (2012), as livrarias em Campina Grande, assim como em todo o país, até a primeira metade do século XX, desempenhavam um papel social significativo que transcendia a mera venda de livros. Elas forneciam um ambiente propício para uma interação mais ampla, abrangendo a comercialização de diversos produtos relacionados à cultura escrita, como papéis, tintas, canetas e tinteiros. No entanto, sua função social primordial

---

<sup>17</sup> A Escola Politécnica da Paraíba foi a primeira instituição de ensino superior a se consolidar na cidade de Campina Grande. Criada durante o governo de José Américo de Almeida (1887-1980), Apesar da lei de criação da escola ter sido promulgada em 6 de outubro de 1952, a Escola Politécnica só entra em funcionamento a partir de 1954.

<sup>18</sup> O projeto de Lei Nº 10.419, de 09 de abril de 2002, instituiu a UFCG por desmembramento da UFPB.

<sup>19</sup> Não foram encontradas informações sobre o proprietário ou o funcionamento da livraria localizada na cidade de Campina Grande, Paraíba.

<sup>20</sup> Fundada no ano de 1946, pelo livreiro e poeta José Pedrosa, foi uma das mais importantes livrarias de Campina Grande, a livraria Pedrosa ficou reconhecida por seu slogan, “faça do livro o seu melhor amigo”. Localizada na Rua Maciel Pinheiro, 262, a Livraria Pedrosa, já no final década de 1940, realizava as atividades de livraria, papelaria, tipografia e pautação. Em 1949, a empresa estruturou uma oficina gráfica. Além de ser um sucesso na comercialização de livros, a Livraria Pedrosa ficou bastante conhecida por ser um reduto de intelectuais durante várias décadas em Campina Grande. (Gaudêncio, 2012, p. 113).

era proporcionar um espaço de lazer, onde as pessoas podiam se reunir, conversar e trocar ideias. Nesse contexto, a livraria Pedrosa se destacava como um ponto de encontro importante. “As livrarias se tornavam espécies de círculos de intelectuais, redutos de letrados, com ânsias de socializarem seus conhecimentos” (Gaudêncio, 2012, p. 110). Essa cultura em torno das livrarias foi uma característica duradoura em Campina Grande por um período significativo.

Nesse cenário, o papel de bibliófilo gradualmente conquistou seu merecido reconhecimento. Oriana Trindade de Almeida recorda, “até mesmo o Mindlin foi lá em casa conhecer a biblioteca. E estudiosos de cordéis do Brasil e do exterior visitaram seu acervo” (Almeida, 2023). Destaca-se a figura de Mindlin, já reconhecido por seu apreço pelo colecionismo de livros e obras raras. O trabalho de Átila Almeida ganha visibilidade, especialmente no que diz respeito aos folhetos de cordel. Muitas vezes, contou com a ajuda de seus próprios filhos, que compartilhavam seu entusiasmo: “Sempre sentou e trabalhou muito. Ficava horas focado em alguma coisa. Ajudei muito a fazer as caixas de cordel. Ajudei muito a colar os cordéis deteriorados” (Almeida, 2023).

Nesse período, com Horácio de Almeida estabelecido no Rio de Janeiro e Átila Almeida residindo em Campina Grande – PB, é perceptível o desenvolvimento da biblioteca do intelectual, parte de um plano pessoal de Horácio para criar uma biblioteca paraibana. Essa evolução é evidente nas correspondências trocadas entre pai e filho. Em uma carta datada de 7 de fevereiro de 1974, Horácio de Almeida compartilha: “Após publicar a *Contribuição*, já adquiri cerca de 800 livros novos da Paraíba” (Almeida, 1974, p. 1)<sup>21</sup>.

Horácio de Almeida precisou vender sua biblioteca para seu irmão, José Rufino de Almeida, ao deixar a Paraíba em 1947. Somente após se estabelecer no Rio de Janeiro, retomou sua paixão pelo colecionismo, concentrando-se desta vez em obras relacionadas à Paraíba, incluindo Literatura de Cordel e dicionários. Esses preciosos volumes foram posteriormente herdados por seu filho, Átila Almeida.

A reconstrução desse acervo é evidente ao analisar a correspondência de 1974, na qual Horácio de Almeida compartilha com Átila Almeida: “Comecei de novo a adquirir livros paraibanos [...] as melhores coisas da Paraíba adquiri aqui no Rio” (Almeida, 1974, p. 3). As trocas de correspondências revelam a colaboração mútua na construção das bibliotecas de ambos. Enquanto Átila enriquecia a coleção paraibana de Horácio, este retribuía enviando outras preciosidades. Horácio expressa sua alegria pela contribuição valiosa que seu filho proporcionava.

---

<sup>21</sup> Carta a Almeida, 07 de fevereiro de 1974.

muito alegre estou com as aquisições que me vem fazendo na Paraíba. De tudo quando adquiriu peço enviar-me apenas as coleções de jornais, coleções de leis, relatórios, revistas. Estatutos e boletins municipais. O resto guarde por lá em lugar seguro. Oportunamente receberá alguns caixotes de que julgo desnecessário ter aqui. Até que, afinal, vá a carga toda. Preciso agora abrir espaço para levantar os volumes já empilhados no chão. Não são poucos (Almeida, 1974, p. 4).

Neste período em que Horácio já acumulava uma considerável quantidade de livros, folhetos e jornais, é evidente a troca constante entre pai e filho. É importante destacar que havia objetivos distintos nessa construção específica da biblioteca. Para Horácio, não era necessário que todos os materiais estivessem presentes; o foco era garantir que seu filho cuidasse dos materiais destinados a compor uma biblioteca paraibana, com temas e materiais específicos. Isso delineava claramente as diretrizes do projeto que ele tinha em mente.

Um aspecto relevante que emerge das correspondências é o afeto paternal de Horácio. Mesmo que em muitas ocasiões o tom fosse predominantemente profissional, a preocupação com o trabalho realizado por seu filho sempre se destacava. Em determinado momento, ele expressa: “Agora você tem em que se divertir sem sair de casa” (Almeida, 1974, p. 2)<sup>22</sup>.

Nesse contexto, observamos a contribuição de Horácio para Átila, enviando materiais do Rio de Janeiro para a Paraíba, consolidando assim a colaboração ativa entre ambos na construção da biblioteca e fortalecendo os laços afetivos e profissionais entre pai e filho.

por estes dias você receberá dois caixões de livros que despachei [...]. A surpresa está na quantidade [...] do material remetido. Mais de seiscentos volumes. Nem todos da Paraibana. Meti no caixão alguns volumes que você precisa ter em sua biblioteca (Almeida, 1974, p. 1).

Assim, é notável o desenvolvimento de ambas as bibliotecas, o trecho deixa evidente as contribuições de Horácio de Almeida na construção do acervo de Átila Almeida, e na ação que possibilitava o ofício bibliófilo de Átila por meio destas trocas, através do ganho de material. Nos envios dos materiais que compunham ambas as coleções, Horácio de Almeida manifesta sua alegria diante da qualidade do material que recebia de seu filho. Essa colaboração ativa evidencia não apenas a construção de acervos ricos, mas também ressalta o vínculo compartilhado entre pai e filho nesse empreendimento intelectual.

---

<sup>22</sup> Carta a Almeida, 24 de agosto de 1974.

Foi uma surpresa para mim o pacote de livros que me mandou. Quantas preciosidades dormiam em esconderijos de onde saíam por certo para a lata de lixo. Não fosse a diligência e faro de pesquisa tudo estaria perdido. Ou iria mais cedo ou mais tarde para as mãos dos concorrentes retardatários, que hora se levantam (Almeida, 1974, p. 2)<sup>23</sup>.

Neste momento, é relevante observar a competição existente para formar uma coleção tão específica quanto aquela que Horácio estava construindo, uma coleção que abrangesse toda a temática paraibana. Horácio de Almeida destaca, em suas palavras, a importância e o comprometimento necessários ao lidar com esse tipo de material, especialmente devido à sua significativa importância histórica, exigindo uma atenção meticulosa à pesquisa. Ambos testemunharam o momento em que, devido às restrições financeiras, Horácio teve que se desfazer de sua coleção anterior, pois não era viável transferir todo o material para o outro lado do país.

O que se percebe, é uma competição entre intelectuais bibliófilos por coleções relacionadas à Paraíba, essa competição pode ser notada dentro da própria família, com figuras como José Rufino Almeida, Elpídio de Almeida (1893-1971)<sup>24</sup> e Maurílio de Almeida (1926-1998)<sup>25</sup>, dois irmãos e um primo de Horácio de Almeida respectivamente. Essa dinâmica impulsionou Horácio a intensificar seu interesse e cuidados ao reunir essas coleções.

Dessa forma, a criação da biblioteca paraibana não seria possível sem o entusiasmo de Horácio em reunir essas coleções, assim como a sagacidade e habilidade de Átila Almeida com o material, conforme evidenciado nas palavras de Horácio.

Você sabe que são meus os livros que vão saindo daqui para lá, sejam paraibanos ou não paraibanos. O fato de ter um filho que sabe conservar aquilo que juntei com amor, diga-se mesmo com sacrifício, já me deixa tranquilo. Mais do que tranquilo, estou consolado. Portanto, acho graça no seu escrúpulo em dizer que é meu fiel depositário. Os outros meus filhos não se interessam por isso. Além do mais, você vem ampliando o acervo com uma capacidade de ação como eu nunca tive igual. A parte da biblioteca que continua em meu poder calculo em três mil volumes, não computados os folhetos de cordel. Daí para mais. O mês vou fazer outro caixão de livros. O resto irá quando sentir cumprida a minha missão (Almeida, 1974, n.p)<sup>26</sup>.

<sup>23</sup> Carta a Almeida, 12 de julho de 1974.

<sup>24</sup> Elpídio Josué de Almeida (1893-1971) segundo filho de Adelaide Jucunda e Horácio de Almeida. Princiou o curso de engenharia em São Paulo, e abandonou por falta de vocação, em 1818 formou-se em Medicina na cidade do Rio de Janeiro (Gondim, 2017, p.161).

<sup>25</sup> Maurílio era bananeirense, de 8 de junho de 1926, médico formado pela Faculdade de Medicina do Recife, especialista em patologia clínica, fundou o laboratório de Análises Médicas Maurilio de Almeida, referência na Paraíba, que presidiu até falecer, em 14 de junho de 1998 (Gondim, 2017, p.172).

<sup>26</sup> Carta a Almeida, 7 de outubro de 1974.

Horácio expressa não apenas um apreço profissional por Átila, mas também uma profunda gratidão e carinho pelo filho. Além de dar continuidade a um ofício iniciado por seu pai, Átila Almeida expande a atividade não por obrigação, mas movido pelo mesmo apreço que ambos compartilhavam pela bibliofilia. Essa relação transcende o âmbito profissional, refletindo um vínculo afetivo e uma conexão compartilhada através do ofício em colecionar livros.

Segundo o relato de Oriana Trindade de Almeida, podemos observar outros aspectos que aproximam e distanciam esses dois sujeitos. Para ela, as principais semelhanças residem na área de interesse, o colecionismo de livros e obras. No entanto, o estudo da Literatura de Cordel por parte de Átila Almeida se mostrou mais profundo em relação ao iniciado por Horácio de Almeida. Horácio por sua vez, concentrou-se na produção de livros de referência, enquanto Átila Almeida dedicou-se a reeditar muitas das obras deixadas por Horácio, como *Ao redor de mim mesmo: lembranças que não se apagam* (1985). É interessante notar que, embora tenha editado e reeditado alguns livros de Horácio, como o *Dicionário Popular Paraibano* (1979), Átila Almeida optou por não incluir o próprio nome.

É neste contexto que observamos não apenas a bibliofilia como ofício de Átila Almeida, mas também sua atuação em diversos outros campos, como professor, folclorista, escritor e editor. A profunda e extensa trajetória como bibliófilo deixou um legado eternizado. Após sua morte, todas as suas obras foram reunidas em uma biblioteca que se tornou uma das instituições documentais de obras raras mais valiosas do estado da Paraíba e do país.

### 1.3 BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA

A Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (BORAA), localizada em Campina Grande - PB, destaca-se como uma das instituições de documentação mais importantes e abrangentes do Estado da Paraíba. Abriga uma vasta diversidade de temas e documentos que remontam à fundação da Paraíba, sendo a maior da América Latina no segmento do Cordel, com mais de 20.000 títulos de folhetos, com datações iniciadas por volta do ano de 1907. Sendo as primeiras peças originadas do acervo pessoal de Átila Almeida, que por sua vez já havia herdado material de seu pai Horácio de Almeida.

Criada em 2004, foi doada à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pelo então Governador do Estado da Paraíba, Cássio Cunha Lima<sup>27</sup>, que adquiriu o acervo de Átila

---

<sup>27</sup> Cássio Cunha Lima foi Governador da Paraíba em 2002, foi reeleito em 2006, mas este último mandato não concluiu por decisão da Justiça Eleitoral, proposta pelo adversário, José Maranhão, ficando até o ano de 2007.



Almeida em 2003 diretamente com a esposa viúva, a arqueóloga Ruth Trindade de Almeida, visto que ela já não tinha mais condições de manter o vasto material. Ela diz: “eu e mais umas quatro ou cinco pessoas, demorávamos quase uma semana para limpar tudo, eram quase 20 mil livros, folhetos de cordel quase 10 mil, duas vezes por ano fazíamos essa limpeza” (Almeida, 2018).

Ruth Trindade recorda que houve pouca intermediação na venda da biblioteca, destacando que “não teve muita mediação, Sebastião<sup>28</sup> ajudou muito, era a pessoa mais próxima que auxiliou nesse negócio, ele era reitor na universidade” (Almeida, 2018). Ela também mencionou o valor da venda ao governo do Estado, afirmando que “a biblioteca foi avaliada em aproximadamente 210 mil reais, mas vendi por 120 mil reais pro governo do estado” (Almeida, 2018). Esse dado evidencia o valor simbólico pelo qual a biblioteca foi vendida, consideravelmente abaixo de seu valor real, que provavelmente ultrapasse os 210 mil reais mencionados por Ruth Trindade.

Os arquivos pessoais do professor Átila Almeida, constituem uma parte de documentos permanentes<sup>29</sup> da biblioteca, sendo a instituição única a responsável pela guarda e conservação de todo este material. Apesar de terem passado por diversas fases de organização documental, esse material ainda não está acessível à pesquisa do público ou de qualquer pesquisador, o que acaba por limitar a compreensão completa do trabalho desenvolvido por Átila Almeida ao longo das trajetórias intelectuais que percorreu. Dentro desse conjunto de documentação de caráter pessoal, encontram-se também outros tipos.

já no Arquivo, temos documentos referentes à três personalidades: Átila Almeida, Horácio de Almeida (seu pai) e Ruth Almeida (esposa de Átila). Esses documentos vieram junto com as demais obras e foram separados para a instalação e organização de seu Arquivo Pessoal, que fisicamente, encontra-se em uma sala dentro do acervo da Biblioteca (Silva, 2021, p. 131).

Além de representar a base da formação da biblioteca, esses documentos são fundamentais para a pesquisa histórica, oferecendo informações valiosas sobre a história, não

---

<sup>28</sup> Sebastião Guimarães Vieira é professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba e faz parte do quadro de docentes da Universidade Estadual da Paraíba. Foi, por três vezes, reitor da UEPB, tendo sido reconduzido ao cargo ainda na segunda gestão de José Maranhão no Governo do Estado, em 2001. Foi no primeiro reitorado, que a Lei nº 4.977, de 11 de outubro de 1987, sancionada pelo então governador Tarcísio Burity, transformou a deficitária URNe em Universidade Estadual da Paraíba. PBAGORA.

Disponível em: <https://www.pbagora.com.br/noticia/educacao/ex-reitor-e-nomeado-por-maranhao-para-assumir-a-presidencia-do-conselho-estadual-de-educacao/>. Acesso em 30/01/2024

<sup>29</sup> No caso dos arquivos permanentes, seus documentos na maioria dos casos podem ter caráter probatório, fazem parte da cultura regional, resguardar a memória local ou pessoal, ter relatos da história local, obras literárias, notícias de jornais de outras épocas, dentre outros fatores que só enfatizam o alto valor histórico e social de suas obras. (Silva, 2021, p. 120)

apenas da Paraíba, mas do Brasil como um todo. A função de um arquivo permanente, como esse, é reunir, conservar e facilitar o acesso a documentos não-correntes, de valor administrativo e histórico como afirma Marilene Leite Paes (2006, p.121):

a função de um arquivo permanente é reunir, conservar, arranjar, descrever e facilitar a consulta dos documentos oficiais, de uso não-corrente, ou seja, concentrar sob sua custódia, conservar e tornar acessíveis documentos não-correntes, que possam tornar-se úteis para fins administrativos, pesquisas históricas e outros fins.

Apesar da relevância desses registros, a atual situação organizacional da instituição não permite o acesso público a essa documentação, impedindo que pesquisadores explorem as contribuições desses intelectuais para a história do Brasil, especialmente da Paraíba. Isso se faz ainda mais preocupante, quando se enxerga a BORAA como um organismo cultural, como diversas bibliotecas capazes de contribuir na construção de memórias coletivas através do seu rico material arquivado, que são resultados de conhecimentos produzidos e acumulados pela humanidade. Nesse sentido, podemos considerar a seguinte afirmação:

neste contexto, as bibliotecas nacionais, vistas como estabelecimentos cuja função primordial reside em salvaguardar e tornar acessível a herança cultural deixada pelos cidadãos de determinado país, através de sua mais evoluída forma de registro do pensamento que é a escrita, contribuem efetivamente para a construção da memória coletiva da nação (Rodrigues, 2015, p. 243).

A administração da biblioteca afirma estar em processo de registro e organização de todo o material. Contudo, é necessário questionar se o aparente descaso não requer uma revisão crítica, demandando maior atenção e valorização para alcançar a completa organização e preservação dos acervos. Em comparação com outras instituições, como a Fundação Casa de Rui Barbosa, a importância da BORRA é igualmente relevante em termos de valor documental e simbólico. No entanto, a Fundação Casa de Rui Barbosa possui uma dimensão consideravelmente maior. Mesmo levando em conta o tempo de existência e o esforço dedicado, é evidente a falta de empenho por parte da instituição da UEPB.

Um segundo contraponto, encontra-se nos sérios problemas estruturais no prédio da instituição, levando ao fechamento de suas portas para consultas presenciais em 14 de novembro de 2022. Atualmente, somente as consultas virtuais estão disponíveis, limitando o acesso a uma parcela mínima da documentação e obras mantidas no acervo. Essa situação agravou significativamente a organização, que ainda carece do acesso aos documentos

permanentes da instituição. Essa lacuna é evidente, conforme apontado pela arquivista Larissa Fernandes Silva (2021, p. 136).

o Arquivo Pessoal de Átila Almeida e a Biblioteca de Obras Raras aqui apresentados, ainda necessitam elaborar uma política específica de conservação preventiva. Entretanto, como algumas mudanças previstas, inclusive de seu espaço físico, notamos que a UEPB tem se doado inteiramente para realizar as atividades inerentes a esses acervos, com desempenho e eficiência, como podemos observar a partir da elaboração do quadro de arranjo e de se manterem dispostos ao atendimento dos usuários.

Se os problemas mencionados forem sanados, ponto esse sensível mediante o longo tempo que estão em posse do acervo documental, completando 20 anos no ano de 2024, tornar-se-á possível aprofundar a compreensão das trajetórias intelectuais, em particular a de Átila Almeida, objeto de interesse neste trabalho. Também será possível investigar mais profundamente a formação de sua inclinação pelo colecionismo e os mecanismos que ele empregou ao longo dos anos.

Nesse contexto, concebemos o colecionismo como uma prática cultural que tem evoluído ao longo do tempo. Colecionar transcende uma simples ação isolada e adquire um caráter sociológico, incorporando reflexões da sociedade. Os materiais, antes considerados isolados, passam a ser interpretados como autênticos e tradicionais, refletindo uma perspectiva característica do ocidente sobre o colecionismo. Conforme destacado por Gonçalves (2007, p. 48) “assim coleciona-se o que vem a ser classificado como ‘tradicional’, ‘autêntico’, deixando-se de lado o que há de híbrido, ou histórico num sentido atual e emergente”.

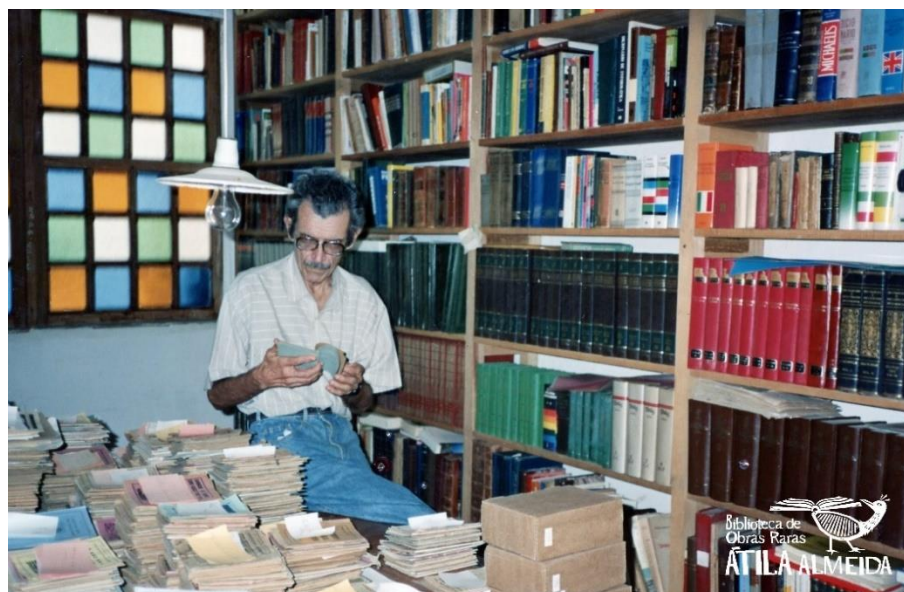
Ao examinar as coleções presentes que se tem acesso na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, é possível compreender os objetos no contexto da sociedade, observando como, em determinado momento, adquiriram novas interpretações e significados nas obras. Contudo, é crucial reconhecer que esses processos são inacabados, visto que as coleções estão sempre incompletas, incapazes de abarcar a totalidade das coisas, conforme ressalta Gonçalves (2007, p. 49)

Afinal uma coleção é sempre parcial, ela jamais atinge uma totalidade. Pela sua natureza mesma, ela problematiza essa totalidade, já que uma coleção jamais se fecha. Trata-se, portanto, de um conhecimento sempre situado, produzido a partir de um sujeito situado numa posição relativa.

Considerando essa perspectiva, ao analisar as coleções que integram os acervos da BORAA, nota-se a inclusão de diversos acervos que ampliaram significativamente as

dimensões da documentação disponível, enriquecendo o caráter social da instituição. Entre essas notáveis coleções que contribuem para a riqueza da biblioteca, destaca-se o acervo do seu patrono, o professor Átila Almeida, composto por livros, periódicos, folhetos, dicionários e jornais que marcaram o início da instituição em 2003.

**Imagem 5 - Átila Almeida em sua Biblioteca Particular**



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

**Imagem 6 - Átila Almeida em sua Biblioteca Particular 2**



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

Observando as imagens 5 e 6, é possível contemplar a biblioteca pessoal de Átila Almeida, composta por suas diversas coleções de livros, dicionários e folhetos de cordel dispostos sobre a mesa, conforme apresenta a imagem 5, representando uma parte de seu colecionismo, que não deixou de expandir até o ano de sua morte.

Além disso, destacam-se outras incorporações relevantes, como o acervo Raimundo Asfora (1930-1987)<sup>30</sup>, que abrange livros e periódicos na área de Direito, integrado por volta do ano de 2010. A coleção de Honório de Melo, composta por livros e periódicos, foi agregada à biblioteca no mesmo ano. O acervo do Dr. Severino Bezerra de Carvalho (1915-2011)<sup>31</sup>, enriquecido com obras raras, discos de vinil, obras de arte e fotografias da cidade de Campina Grande, foi incorporado em 2014. A coleção de jornais da Rádio e *Diário da Borborema*<sup>32</sup>, abrangendo jornais, coletâneas de discos de vinil e fotografias, foi integrada à biblioteca em 2015. Finalmente, o acervo do poeta Ronaldo Cunha Lima (1936-2012)<sup>33</sup>, que engloba revistas, periódicos e livros, incluindo obras de autoria do poeta, chegou à biblioteca em 2018.

Mesmo com o acesso restrito a documentação pertencente aos arquivos permanentes que compõe a acervo pessoal de Átila Almeida, é possível ter conhecimento da documentação disposta na instituição, a qual em grande medida é composta por correspondências, como evidenciado pela arquivista Francineide Batista do Nascimento (2013, p. 29):

---

<sup>30</sup> Raimundo Yasbeck Asfora nasceu em Fortaleza - CE, em 1930, e faleceu em Campina Grande - PB. Era filho de Elias Hissa Asfora e Ormindá Yasbeck Asfora. Em Recife, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, concluindo o curso em 1954. Nas eleições de 1986, foi eleito como vice governador na chapa encabeçada por Tarcísio Burity. Porém, Asfora não chegou a tomar posse, em 6 de março de 1987, apenas nove dias antes de assumir o cargo, Raimundo Asfora foi encontrado morto na Granja Uirapuru, no bairro de Bodocongó, em Campina Grande - PB, aos 56 anos.

<sup>31</sup> Severino Bezerra de Carvalho nasceu em 1915 na cidade de Goitá - PE, e faleceu em 2011 em Campina Grande - PB. Apaixonado por versos e prosa, Bezerra de Carvalho se dedicou a construir sua Ego história. Em seus esforços sobre sua história de vida, alternou sua escrita entre textos descritivos e poemas. Iniciou seus estudos em Recife e aos 17 anos ingressou no curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Recife no ano de 1931, finalizando-o cinco anos após. Um ano após o término, abriu seu escritório médico em Campina Grande, um dos pioneiros na cidade. (Nunes, Layo Kayru Soares. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020).

<sup>32</sup> O jornal campinense *Diário da Borborema* foi fundado pelo magnata das comunicações Assis Chateaubriand que, natural da cidade de Umbuzeiro-PB, viveu boa parte da sua juventude em Campina Grande. Sua primeira edição foi publicada em 2 de outubro de 1957 e contou com seis cadernos. Da primeira tiragem, em 1957, ao último exemplar, em 2012, a coleção dos jornais *Diário da Borborema* está disponível para a consulta, na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. A pesquisa aos volumes é mediada e para a reprodução de imagens dos cadernos, faz-se necessário portar um termo de autorização, concedido pelo *Diários Associados*. (Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida).

<sup>33</sup> Ronaldo Cunha Lima foi prefeito de Campina Grande e Governador do Estado da Paraíba. Filho de Francisca Bandeira da Cunha e Demostenes Cunha Lima, nasceu na cidade de Guarabira, em 1936, e morreu no dia 07 de julho de 2012, em decorrência de um câncer de pulmão diagnosticado em julho de 2011. Foi poeta, promotor, advogado, professor e político. Foi membro da Academia Campinense de Letras, membro do Conselho Federal da OAB. Estudou no Colégio Pio X e no Colégio Estadual do Prata, em Campina Grande. Na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cursou Ciências Jurídicas pela faculdade de Direito da instituição. (Site: Paraíba Criativa; Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/ronaldo-cunha-lima/>. Acesso em: 26/dez/2023).

tratam de formas diversas em relação aos assuntos abordados, muito embora as que já passaram pelo procedimento de organização arquivista, segundo o profissional de arquivo, localizaram-se os seguintes contextos: aquisição de obras para a coleção da “Biblioteca Paraibana”, informações de obras para produção do livro “Dicionário Bio-Biliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada”, informações sobre a Federação das Academias de Letras do Brasil, e/ou trocas de correspondências entre amigos sobre os mais variados assuntos, dentre outras informações que ainda passa pelo processo de identificação e avaliação. Correspondências expedidas; Correspondências recebidas; Rascunhos das correspondências expedidas; Envelopes com os endereços do prof. Átila de Almeida.

Assim é possível compreender um pouco da magnitude da proporção que esse acervo é composto, e a riqueza informacional que estes possuem. Ainda neste espaço estão disponíveis os Almanques que Átila Almeida também incluía em sua coleção, aos quais serviram de fontes de estudo na dissertação de sua esposa, Ruth Trindade de Almeida, intitulado *Almanques populares do Nordeste* (1981), ao qual a conferiu o título de mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Nesse sentido temos nos almanques outro importante seguimento do acervo. O conhecimento que os almanques representam é de caráter informativo sobre diversas temáticas, como: antropologias, astrologia, numerologia, dentre outros. “A quantidade de almanques existente no acervo é de 329” (Nascimento, 2013, p. 31).

#### **Imagem 7 - Ruth Trindade de Almeida visitando a BORAA**



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

Na imagem 7, podemos observar a viúva do patrono da biblioteca, Ruth Trindade de Almeida, visitando a instituição e examinando os documentos preservados pela UEPB. O trabalho anterior de Ruth Trindade de Almeida não apenas foi conduzido com base no material colecionado por Átila Almeida, mas também foi influenciado por ele. Átila sugeriu que ela se dedicasse ao estudo dos Almanques, material esse que era pouco abordado nas pesquisas acadêmicas.

Dessa forma, foi possível resumir de maneira concisa a atividade desempenhada por Átila Almeida como bibliófilo que, ao longo de sua vida, conseguiu reunir uma coleção de importância inestimável para a história. O texto apresenta as trajetórias que permitiram a Átila Almeida emergir no cenário bibliófilo, incluindo o ambiente propício das livrarias e sebos que frequentava, bem como a influência de seu pai, Horácio de Almeida, e suas vivências institucionais ao longo da trajetória. Todos esses elementos convergiram na figura de Átila. A partir dessas conexões, o intelectual desenvolveu outras parcerias ainda não mencionadas, que contribuíram em diferentes áreas de interesse, como a pesquisa em cultura popular que ele conduziu. Essa pesquisa será discutida a seguir, com o objetivo de problematizar sua posição enquanto folclorista e explorar os resultados desse trabalho.

## CAPÍTULO II

### A FACE DO FOLCLORISTA

*Até hoje não sei exatamente o que é um intelectual. É um sujeito que usa a mente? Todo mundo o faz, no mais das vezes mal. É um sujeito que usa muito a mente? Será um glutão, um gastral? Será um sátiro, um gonodal? Deixo para os intelectuais a resposta.*

(Dantas, 1993, p. 8)

O propósito deste capítulo é analisar um aspecto da obra do intelectual Átila Almeida, mais especificamente, sua produção no campo dos estudos folclóricos. Pretendemos apresentar o panorama das pesquisas folclóricas ao longo do século XX, a desenvoltura de Átila Almeida nas próprias pesquisas e os desdobramentos dessa atuação intelectual, especialmente a partir dos anos 1970. Esta faceta da vida intelectual de Átila Almeida não pode ser analisada sem destacar a importância da amizade com o repentista e pesquisador José Alves Sobrinho (1901-2011), que resultou numa parceria de trabalho e de estudos sobre cultura popular.

Da amizade com José Alves Sobrinho, dentre outros projetos conjuntos, destaca-se a publicação do *Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de bancada* (1978) a criação de um acervo de Literatura de Cordel na Universidade Estadual da Paraíba, onde José Alves Sobrinho passou a trabalhar em virtude do encerramento precoce da carreira de cantador por causa de problemas nas cordas vocais. Ao perceber os problemas financeiros do amigo que havia perdido a condição de continuar a prestigiada carreira como repentista, Átila Almeida conseguiu um trabalho para José Alves Sobrinho no campus da UFPB em Campina Grande. Na instituição José Alves Sobrinho teve a oportunidade de se dedicar às pesquisas sobre repente e poesia de bancada, como a Literatura de Cordel era conceituada por alguns folcloristas naquele momento. José Alves Sobrinho trouxe um conhecimento que foi obtido ao longo de décadas de trabalho como cantador, desta amizade e parceria com cantadores vieram as preciosas informações que Átila Almeida sistematizou num livro singular, um dicionário de repentistas e autores da poesia em verso. Esta obra se tornou referência obrigatória, uma espécie de manual de consultas para os pesquisadores da Literatura de Cordel e da cantoria desde e sua publicação em fins dos anos 1970.

A partir do conceito de intelectual, podemos levantar algumas questões, a exemplo, as mencionadas pelo amigo de Átila Almeida, o professor do curso de medicina da UFPB, Sérgio Dantas (1993, p. 8) e quais qualidades definem o intelectual, “será alguém que utiliza muito a



mente?”. Aqui não objetivamos apresentar respostas, nem envolver o leitor nesse embate, mesmo quando tais indagações aparecem em meio a escrita sobre o intelectual.

A discussão sobre os intelectuais tem ganhado destaque no meio acadêmico a partir da década de 1970, evidenciado no texto *Os Intelectuais* (2003) do historiador Jean François Sirinelli. Nele, são abordadas a emergência das discussões em torno dos intelectuais como fonte de pesquisa histórica, suas práticas, seus ofícios e os produtos resultantes desse labor. Percebemos estes usos da história intelectual especialmente nos cruzamentos entre a história política, cultural e social. Nessa perspectiva, em consonância com Sirinelli (2003, p. 232).

Sua juventude não a impediu, contudo, de ganhar vigor, testando problemáticas novas, desobstruindo pistas inéditas e afiando para tantos instrumentos específicos. A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento da história política, social e cultural.

Essa afirmativa reforça as várias possibilidades de se trabalhar com a história dos intelectuais, dos quais não se devem restringir ou classificar o labor do intelectual. Muitas vezes, tentar definir especificamente pode resultar em erro. Como coloca Sirinelli: “Um professor primário é um intelectual? E um oficial? A partir de que posto? E um padre? E alguém que vive de renda? Enfim, foi dada a resposta: É uma questão de qualidade humana” (2003, p. 241). Essa perspectiva ressalta a complexidade e a subjetividade envolvidas na caracterização dos intelectuais, como apontado pelas contribuições da historiadora Claudia Wasserman.

(...) a definição de intelectual é ampla, seja pela heterogeneidade de opiniões, de posicionamentos políticos, de atividades profissionais e de comportamentos diante dos problemas e temas da sociedade. Por isso, qualquer generalização no que diz respeito ao estudo dos intelectuais estaria fadada ao erro (Bobbio, 1997, p. 9, *apud* Wasserman, 2015, p. 65).

Deste modo, o presente estudo não está interessado em conceituar aqueles que atuam nesse campo de forma restritiva, mas sim apresentar um entendimento mais amplo entre os pares, a fim de entender as várias facetas da atuação do intelectual Átila Almeida. Nesse sentido, tomamos como base as subdivisões na categoria da história intelectual discutidas por Peter Burke em *O Polímata* (2012) e por Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen em *Intelectuais Mediadores* (2016), buscando delimitar o trabalho de Átila Almeida.

A segunda face intelectual de Átila Almeida pode ser incluída na categoria discutida em Peter Burke sobre a polimatia intelectual. Esses indivíduos são definidos como “alguém que se

interessa por muitos assuntos e aprende muitos assuntos” (Burke, 2020, p. 20), algo que se aplica à abordagem multifacetada de Átila Almeida. Ele demonstrou interesse e realizou pesquisas em diversos campos, incluindo folclore, bibliofilia, matemática, literatura e editoração. Átila Almeida se mostrou um polímata ativo, produzindo em todas as áreas em que se propôs a atuar. Seu legado inclui contribuições significativas no campo bibliófilo, livros resultados de suas pesquisas folclóricas, entre outras formas de interação nas quais esteve envolvido. Além disso, é importante considerar a atuação intelectual de Átila Almeida como um intelectual mediador, conforme categoria proposta pelas historiadoras Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen. De acordo com as autoras, esses intelectuais não apenas promovem a circulação de ideias, mas também atuam como agentes responsáveis por mediar a cultura.

o intelectual que atua como mediador cultural produz, ele mesmo, novos significados, ao se apropriar de textos, ideias, saberes e conhecimentos, que são reconhecidos como preexistentes. Com esses outros sentidos inscritos em sua produção, aquilo que o intelectual “mediou” torna-se, efetivamente, “outro produto”: um bem cultural singular [...] Podemos pensar, inclusive, como mediador cultural, em especial aquele que se dedica à comunicação com públicos externos às comunidades de experts, tem que aprender a ser mediador. Ele se aperfeiçoa nas atividades de mediação e no uso de linguagens e estratégias com a sua experiência e com aquela acumulada ao longo do tempo (Gomes; Hansen, 2016, p. 18-19).

Ao exercer a função de mediador cultural, Átila Almeida não apenas transmite conhecimento, mas também contribui para a produção de uma nova interpretação desses elementos culturais, enriquecendo o repertório cultural da sociedade. Isso significa que o produto da mediação intelectual não é uma mera reprodução do que já existe, mas sim uma nova criação, um “bem cultural singular”, enriquecido pelos novos sentidos e interpretações introduzidos pelo mediador. Nesse contexto, tanto Átila Almeida quanto José Alves Sobrinho demonstraram interesse em compilar um material que permitisse a identificação, classificação e organização das obras dos poetas e repentistas de bancada do Nordeste. O resultado desses estudos será especificado ao longo deste capítulo.

## 2.1 INTELECTUAIS, FOLCLORE E LITERATURA DE CORDEL: PERCURSOS DO SÉCULO XX

Como mencionado na introdução deste trabalho, o interesse pelos estudos folclóricos relativos à Literatura de Cordel foi influenciado pela participação como bolsista na pesquisa

intitulada *Intelectuais, instituições e usos da literatura de cordel no Brasil: de literatura popular a patrimônio cultural* (1913-2018), financiada pelo Programa de Iniciação Científica do CNPq. Durante a vigência da pesquisa tive a oportunidade de investigar os diversos usos da Literatura de Cordel no Brasil e analisar as contribuições de autores e de instituições que se dedicaram ao estudo da cultura popular ao longo do século XX. Os resultados da pesquisa, especialmente por meio da análise de fontes hemerográficas, revelaram a constituição de um novo campo de saber, de arquivos e de instituições de pesquisa voltadas para a preservação e difusão da Literatura de Cordel.

Neste contexto, entre as diversas contribuições intelectuais, a exemplo, Mário de Andrade<sup>34</sup> (1893-1945), Câmara Cascudo, Mário Souto Maior<sup>35</sup> (1920-2001), e Bráulio do Nascimento<sup>36</sup> (1924-2016), destacamos o trabalho de Átila Almeida, tanto por sua colaboração da recolha de materiais, na produção de estudos e na organização de um arquivo público, para além de sua cordelteca particular, sediado na Universidade Estadual da Paraíba, quanto pelas múltiplas ramificações que estas geraram, resultando em uma instituição com uma ampla gama de materiais para estudos sobre a cultura popular. Para compreender plenamente a importância do trabalho de Átila Almeida, é fundamental apresentar um panorama abrangente das pesquisas folclóricas que marcaram o século XX, aspectos estes que foram examinados durante a iniciação científica.

---

<sup>34</sup> Mário de Andrade (1893-1945) foi um escritor brasileiro, conhecido por sua contribuição ao Modernismo no Brasil. Ele publicou “Pauliceia Desvairada”, o primeiro livro de poemas da primeira fase do Modernismo. Além de poeta, Mário de Andrade foi romancista, contista, crítico literário, professor e pesquisador das manifestações musicais, além de folclorista. Profundamente interessado em tudo o que dizia respeito ao seu país, Mário desempenhou um papel crucial na implantação do Modernismo no Brasil, tornando-se a figura mais importante da Geração de 22. Seu romance “Macunaíma” é considerado sua obra-prima.

<sup>35</sup> Manuel Gonçalves Souto Maior, nasceu no dia 14 de julho de 1920, na cidade de Bom Jardim, Pernambuco e faleceu na cidade do Recife, Pernambuco em 2001. Escritor e folclorista, começou a escrever aos 13 anos de idade. Aos 23 anos, enquanto ainda estudava Direito, assumiu o cargo de secretário da Prefeitura de Bom Jardim. Foi o criador da coleção “Aprender Brincando”, onde publicou diversos livros de sua autoria, como “Um Menino Chamado Gilberto Freyre”, “Um Menino Chamado Hélder Câmara”, “Um Menino Chamado Joaquim Nabuco” e “Um Menino Chamado Capiba”. Entre suas outras obras destacam-se “João Martins de Atayde – Um Poeta do Povo”, “Antônio Silvino – Capitão Trabuço” e “O Papagaio e a Menina”.

<sup>36</sup> Bráulio do Nascimento foi professor, jornalista, crítico literário e folclorista, especialista em romances e contos populares. Nasceu em 1924 na Paraíba e faleceu em 2016 no Rio de Janeiro. Bacharel em Línguas Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ). Foi servidor público federal, no cargo de redator, trabalhou na Seção de Publicações, da Divisão de Publicações e Divulgação, da Biblioteca Nacional. Foi fundador e codiretor da Revista Branca: revista trimestral de literatura e arte; redator das revistas do IPASE e dos Bancários; do Boletim Simón Bolívar e do Boletim Bibliográfico, ambos da Biblioteca Municipal da Guanabara. Foi Secretário da Comissão Municipal de Folclore/GB e redator do Boletim do Museu Municipal de Folclore/GB. Na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, atuou como chefe da Divisão de Proteção ao Folclore e secretário da Revista Brasileira de Folclore. Em 1974, assumiu a direção executiva, onde permaneceu até 1982, sendo o responsável pela conquista da primeira sede própria desta instituição, bem como pela sua transformação, em 1979, em Instituto Nacional do Folclore, no âmbito da então recém-criada Fundação Nacional de Arte – Funarte.

Assim, é preciso compreender as pesquisas folclóricas a partir das perspectivas e conceitos adotados em determinados momentos do século XX, como os conceitos de tradição, literatura do povo, poesia do povo, cultura popular, arte popular, poesia popular e impressa. Portanto, entender a utilização dos conceitos empregados requer uma compreensão e distinção não apenas do simples significado das palavras, mas também do seu teor epistemológico. Como destacou o historiador Reinhart Koselleck (1992, p.135):

É preciso estabelecer a distinção entre conceito e palavra, ainda que não me atenha à divisão dos linguistas. De forma evidentemente simplificada, podemos admitir que cada palavra remete-nos a um sentido, que por sua vez indica um conteúdo. No entanto, nem todos os sentidos atribuídos às palavras eu consideraria relevantes do ponto de vista da escrita de uma história dos conceitos.

Nossa análise revelou uma conceituação restritiva da Literatura de Cordel, que a limitava ao âmbito da poesia popular, negligenciando sua riqueza de sentidos, sem levar em conta os símbolos e seu papel nas categorias de estudos como povo e tradição. Durante o século XX, identificamos dois campos de estudo em relação à Literatura de Cordel. Segundo a historiadora Rosilene Alves de melo (2022) o primeiro emerge nos primórdios dos estudos folclóricos, como será detalhado a seguir. O segundo campo surge como resultado do acúmulo de conhecimento, refletidos em arquivos e instituições de pesquisa, especialmente notável a partir dos anos 1970 com a implementação dos cursos de pós-graduação no país, quando um novo olhar é direcionado à Literatura de Cordel.

Ainda segundo Melo (2022), nos estudos folclóricos os primeiros sinais de movimentos ligados à literatura popular nas primeiras décadas do século XX, giram em torno de uma série de conferências proferidas por renomados intelectuais. Um marco fundamental neste contexto é a atuação de João Ribeiro<sup>37</sup> (1860-1934), cuja conferência de 16 de julho de 1913, intitulada *Folk-lore: Estudos de Literatura Popular*, assinalou o início desse movimento. Nas conferências os estudos em torno do folclore rapidamente se destacavam nos principais periódicos do país.

na sua primeira conferência sobre o folk-lore, na Biblioteca Nacional, apresentou João Ribeiro um exemplo do *mytho* verbal no milagre que se atribui a Santo Antonio de fazer deparar as coisas perdidas. [...] Por investigação própria João Ribeiro verificou que a atribuição daquele milagre

---

<sup>37</sup> João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes mais conhecido como João Ribeiro, foi um jornalista, crítico literário, filólogo, historiador, pintor e tradutor brasileiro. Foi um membro da Academia Brasileira de Letras.

a Santo Antonio data do século XVIII ou dos fins do século anterior (Folklore. *O Imparcial*: Rio de Janeiro, 18 de julho de 1913).

O principal objetivo dessas sessões era apresentar os resultados de pesquisas folclóricas e discutir questões mais profundas relacionadas ao tema e às categorias populares, as quais eram consistentemente enfatizadas nos anúncios de divulgação.

na Biblioteca Nacional realiza-se hoje, as 4, 1|2 horas da tarde, a segunda conferência da série a cargo do Sr. João Ribeiro. Continuando o seu magnífico e interessante curso de “folk-lore”, o distinto homem de letras falará hoje sobre “A novelística nas suas formas literárias”. Os contos populares (Conferências. *O Imparcial*: Rio de Janeiro, 23 de julho de 1913).

Outro importante folclorista e suas conferências merecem destaque segundo Melo (2022) está na figura de Leonardo Mota<sup>38</sup> (1891-1948). Em 13 de fevereiro de 1920, no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, ele proferiu uma palestra intitulada *Cantadores*. As notícias sobre tais eventos rapidamente alcançaram destaque nos principais jornais e revistas do país.

damos a seguir a sumula da curiosa palestra de amanhã, no Eden, que, certamente levará à plateia do nosso formoso teatro a culta sociedade sanluizense, avida por apreciar, através da palavra fácil do Dr. Leonardo Mota, a poesia encantadora nos nosso matutos (Os cantadores. *O Jornal*: Maranhão, 17 de dezembro de 1920).

É evidente que além da notoriedade das palestras, essas jornadas de divulgação de seus trabalhos se estendiam por meses e até anos, carregando consigo os resultados de todos esses esforços intelectuais. “Alcançou brilhante êxito a conferencia que o Dr. Leonardo Mota realizou, no sábado, sobre os cantadores do sertão” (Os cantadores Populares. *O Jornal*: Maranhão, 20 de dezembro de 1920)

Nas análises realizadas sobre as conferências e palestras dos pesquisadores folcloristas e intelectuais, Melo (2022) investigou a composição do público presente em tais eventos. Um exemplo notável é a palestra de Leonardo Mota em 1921, na cidade do Rio de Janeiro, intitulada *Musa Matuta*, realizada na sede do *Jornal do Comércio* (RJ). Nesse encontro estavam presentes figuras proeminentes como os deputados Melo Franco e Moreira da Rocha, bem como os escritores Humberto Campos e Gustavo Barroso. A partir das observações de Melo (2022), podemos começar a traçar uma rede de intelectuais que nos proporciona uma melhor

---

<sup>38</sup> Foi um escritor, professor, advogado, promotor de justiça, secretário de governo, tabelião, jornalista e historiador. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito do Ceará no ano de 1916.

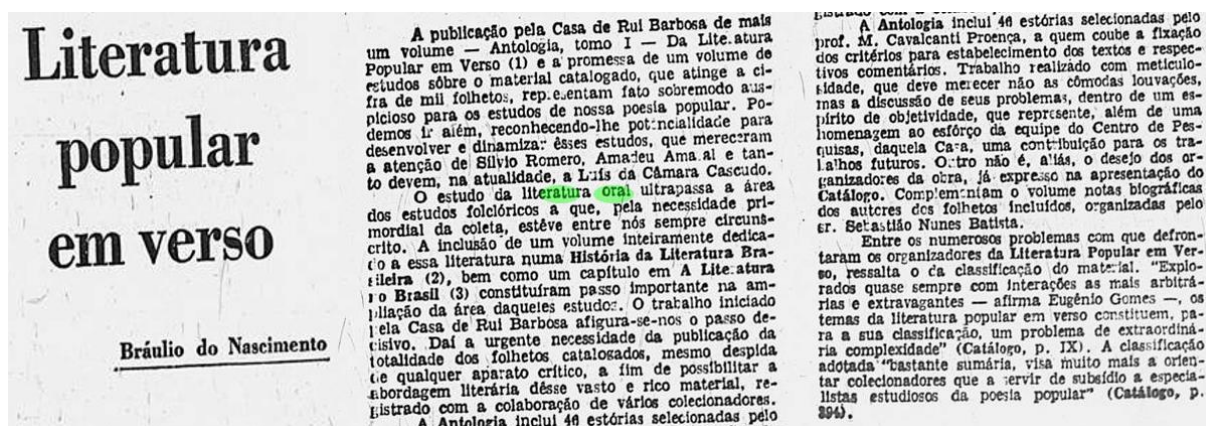
compreensão dos posicionamentos políticos estabelecidos nas diversas formas de conexões, sejam elas institucionais, pessoais ou familiares.

O papel da Fundação Casa de Rui Barbosa em finais dos anos 1950 representou um esforço na preservação e constituição de um acervo que fosse capaz de reunir materiais da Literatura de Cordel, catalogando e registrando folhetos datados no início do século XX.

a partir 1957 a Fundação Casa de Rui Barbosa, através do Centro de Pesquisas, traçou um projeto editorial acerca da literatura de cordel brasileira, tendo como base de pesquisa a reunião de coleções particulares de folhetos raros publicados nas primeiras décadas do século XX (Melo, 2022, p. 8).

O trabalho que a Fundação Casa de Rui Barbosa promoveu representa um investimento feito sobre a poesia popular versada e uma ampliação na área de estudos sobre o cordel, a instituição até 1965 tinha reunido 8 mil exemplares de folhetos. Alguns intelectuais não demoraram a comentar sobre a Antologia lançada, e sobre os folhetos catalogados pela Casa de Rui Barbosa, tais como Bráulio do Nascimento e o professor Cavalcanti Proença.

### Imagem 8 - Literatura Popular em Verso, Bráulio do Nascimento

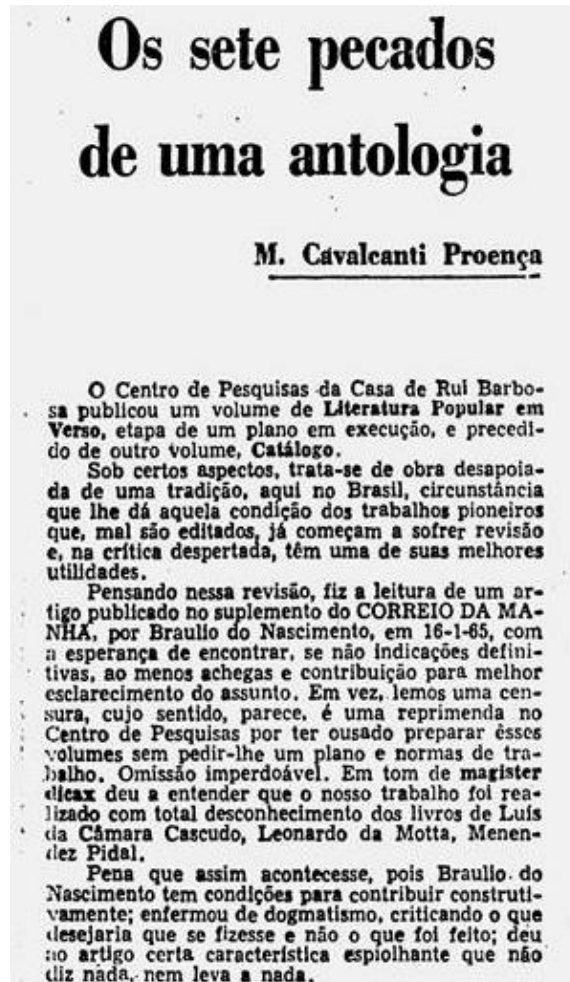


Fonte: Acervo Pesquisa Pibic (2022)

Bráulio do Nascimento em seu artigo *Literatura Popular em Verso* publicado no Correio da Manhã (RJ) em 1965, fala sobre a Antologia publicada, onde destaca a importância do trabalho desenvolvido pela Casa de Rui Barbosa e o centro de pesquisas, e faz uma análise crítica do que foi selecionado para compor as 40 histórias da antologia, e da necessidade de divulgação do restante do acervo, em seu vasto número de exemplares, muitos deles raros, o que ele utiliza como argumento para reforçar a necessidade de possibilitar o acesso de demais pesquisadores. Neste texto, Bráulio do Nascimento empregou diversos conceitos em relação a Literatura de Cordel, onde está presente dentro de uma tradição oral, pertencentes a uma

literatura popular. Contudo seu texto não foi bem visto pelo professor M. Cavalcanti Proença, que em artigo no mesmo jornal, tratou de responder o texto.

**Imagem 9** - Os sete pecados de uma antologia, M. Cavalcanti Proença



Fonte: Acervo Pesquisa Pibic (2022)

O texto do professor intitulado *Os sete pecados de uma antologia*, tratou de responder Bráulio do Nascimento, expondo a indignação pelas críticas apontadas, principalmente quando Bráulio questionou os critérios utilizados pela inclusão das histórias na Antologia como a forma como a equipe classificou o material, seguindo uma ordem alfabética dos versos e não dos autores. Bráulio do Nascimento por sua vez, respondeu em novo artigo, *Literatura Popular em Verso: Resposta* publicado no mesmo jornal em 15 de fevereiro de 1965.

Nesse sentido, buscamos situar a emergência e a utilização dos conceitos empregados, bem como o debate intelectual que envolve os projetos políticos. O trabalho no campo folclórico está intrinsecamente ligado a interesses, desejos, anseios e interpretações. Portanto, é essencial realizar uma análise epistemológica das reflexões que orbitam essa área, a fim de

compreender verdadeiramente o significado desses empreendimentos. Assim, partimos da criação de um folclore, assim como sugere o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013, p. 40),

o folclore e a cultura popular são invenções da sociedade da escritura, é resultado de atividades semióticas de rupturas e registros de sentidos, das significações, dos gestos, dos rituais, das ideias, das crenças, das matérias e formas de expressão que circulam socialmente em meio a setores da população que são vistos como diferentes e parcialmente perigosos.

O papel dos folcloristas durante as décadas de 1920 a 1940 era registrar o trabalho realizado por aqueles que produziram o que eles classificavam como cultura. Em suas publicações, em jornais, revistas e livros eles traziam novos significados para as manifestações culturais. Na visão desses folcloristas, esses primeiros registros capturavam e delimitavam algumas práticas. Dentro desse entendimento, a invenção não era criar algo com significado, mas sim inventariar uma produção existente. Assim, ainda conforme o historiador,

a fabricação do folclore da cultura popular passa, portanto, não apenas por um processo de apropriação simbólica das matérias e formas de expressão das camadas populares por uma elite letrada, pelos folcloristas e estudiosos da cultura popular, quase todos vinculados às elites políticas dominantes nos Estados, mas passa também pela apropriação literal, material, econômica destas traduções populares e seu arquivamento, seu entesouramento, sua monumentalização em locais e instituições representativas desta cultura letrada e destas elites políticas e sociais, sob o pretexto de salvá-las do desaparecimento (p. 63).

Dessa forma, essa atuação folclórica envolvia interesses pessoais e institucionais, partindo dos intelectuais, como parte de uma demanda do Estado para inventariar uma identidade nacional com base em representações culturais. “Quando digo que os folcloristas inventaram o folclore, estou partindo do pressuposto de que não existem objetos prontos, não há uma essência folclórica em si mesma” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 26). Nesse sentido tomamos como ponto de partida o interesse pelas manifestações da poesia versada dos folhetos de cordel.

Sendo assim, se faz necessário perceber como o interesse pela poesia em verso emerge na sociedade brasileira e compreender as razões subjacentes, incluindo quais ideais políticos, sociais e econômicos contribuíram para a crescente valorização da cultura não erudita. A



socióloga Ruth Brito Lemos Terra<sup>39</sup>, em seu estudo, ressalta como a Literatura de Folhetos foi moldada pelo contexto social, “a produção de folhetos surge e se firma no Nordeste quando esta região, que há muito tempo deixara de ser o principal polo da economia exportadora do país, sofre uma série de transformações econômicas, sociais e políticas” (Terra, 1983. p 15).

Portanto, é evidente a consolidação de uma produção de folhetos que surgiram de um contexto social específico, marcado pelo fim do império. Nesse período, tanto os intelectuais quanto o Estado estavam engajados na construção de uma nova identidade nacional, buscando, assim, se distanciar do movimento moderno que se delineava na sociedade brasileira na década de 1910 e 1920. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em sua obra *A Invenção do Nordeste e Outras Artes* (2013), destaca o surgimento de uma nova perspectiva regionalista em relação à região, que estava sendo redefinida.

a busca da nação leva à descoberta da região com um novo perfil. Diferentes saberes, seja no campo da arte ou da ciência, são mobilizados, no sentido de compreender a nação, a partir de um jogo de olhares que perscruta, permanentemente, as outras áreas e volta-se para si próprio, para calcular a distância, a diferença, e para buscar as formas de apagar estas descontinuidades que bloqueiam a emergência da síntese nacional. Cada discurso regional terá um diagnóstico das causas e das soluções para as distâncias encontradas entre diferentes áreas do país (Albuquerque Júnior, 2013, p. 53).

Nesse contexto complexo, surge um olhar sobre a Literatura de Cordel, percebida como parte de um conjunto de práticas culturais, como o repente, a cantoria e a embolada. Essa produção estava concentrada principalmente em áreas distantes de algumas das capitais da região nordeste, como Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Foram nesses espaços que essas práticas foram catalogadas no contexto dos estudos folclóricos. Isso se deu em um momento de fortes transformações socioeconômicas. Segundo a socióloga Ruth Terra (1983, p. 17):

num período onde se dá o aviltamento das condições de vida das camadas populares, e onde, com a introdução do trabalho assalariado ocorre a quebra de costumes e valores que tinham por base relações tradicionais de dominação fundadas numa rede de contraprestações de serviços e favores, tem lugar a literatura de folhetos do Nordeste, escrita por homens pobres, atentos àquela realidade, que repercutirá na temática dos folhetos então produzidos.

---

<sup>39</sup> Ruth Brito Lemos Terra, Bacharel em Sociologia e Política pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Mestre pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, realizou cursos em nível de doutorado de 3º na École des Hautes em Sciences Sociales, Paris. Ruth Brito morreu de forma prematura aos 36 anos de idade por problemas de saúde, sua dissertação de mestrado tornou-se uma referência imprescindível de nos estudos sobre o cordel.

No contexto do final do século XIX e início do XX, onde as condições de vida das camadas populares estavam em declínio e os valores tradicionais eram desafiados pelo advento do trabalho assalariado, a literatura de folhetos surgiu no Nordeste do Brasil. Influenciada pelo contexto político nacional e pelos interesses emergentes, torna-se compreensível mediante os objetivos individuais de intelectuais específicos.

Durante a década de 1930, a atuação do intelectual Luís da Câmara Cascudo exerceu uma influência significativa nas pesquisas folclóricas. Nesse período, Cascudo demonstrou um forte interesse em aplicar conceitos que contribuíssem para a formação de uma identidade nacional para o Brasil por meio da produção cultural do sertão, estabelecendo conexões frequentes entre a poesia praticada nessa região e um contexto conceitual mais amplo.

Além de publicar uma variedade de estudos, Luís da Câmara Cascudo desempenhou um papel fundamental na mobilização de diversos intelectuais em prol de um programa de estudos folclóricos, visando mapear as manifestações da cultura popular em todo o país por meio da criação da Sociedade Brasileira de Folclore<sup>40</sup> (SBF) em 1941. Como destacaram os historiadores Francisco Firmino Sales Neto e Ewerton Wirley Barros (2018, p. 155),

naquele momento, ainda no início da década de 1940, os folcloristas não se pensavam em termos de Movimento Folclórico Brasileiro. Mas nem por isso deixavam de se perceber como integrantes de uma institucionalizada mobilização intelectual em torno do tema. Em 1941/1942, as preocupações estavam mais voltadas para a tarefa intelectual do folclorista, sua função social, os sentidos de suas ações. A criação de instituições folclóricas se mostrava como um artifício necessário e profícuo para a consolidação de um campo de estudos em torno do folclore: um espaço de sociabilidade, fortalecimento e fomento às ideias e aos saberes folclóricos, enquanto disciplina integrante das Ciências Sociais.

Dessa forma, que percebemos o papel significativo desempenhado pela Sociedade Brasileira de Folclore como uma instituição chave em um esforço nacional de mobilização, especialmente durante o Estado Novo, visando mapear as expressões da chamada cultura popular e fortalecer os laços com a nação.

No contexto dos acontecimentos do século XX, que não apenas afetaram só o Brasil, mas também todo o mundo, exercendo influências marcantes nos estudos culturais, incluindo a Literatura de Cordel, a Segunda Guerra Mundial gerou preocupações profundas em escala

---

<sup>40</sup> A Sociedade Brasileira de Folclore foi uma instituição fundada pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte, em 1941, e teve existência até o início da década 1960. A finalidade da sua criação foi estudar e pesquisar o folclore local, nacional, continental e reunir sistematicamente documentos que dissesse a respeito das tradições escritas ou orais, lendas, ritos, cerimoniais, crenças, práticas em ligação com a magia e todas as manifestações folclóricas que partiram do saber popular. (Oliveira. 2023, p. 19)

global, devido a diversos fatores, especialmente o ataque sistemático à cultura promovido pelo Nazismo. Em resposta a esses desafios, em 1945, foi fundada a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com o propósito de apoiar os países na preservação da paz e da segurança mundial através da promoção da educação, ciências naturais, ciências sociais e humanas, e comunicação.

A UNESCO estava particularmente preocupada em promover movimentos capazes de documentar, pesquisar e preservar as tradições culturais. No Brasil, em 1947, foi estabelecida a Comissão Nacional de Folclore (CNF), com o intuito de impulsionar o estudo e a preservação do folclore brasileiro, visando a catalogação das ricas manifestações culturais locais para sua contínua perpetuação.

A partir desse desenvolvimento, em 1958, surgiu a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro<sup>41</sup> (CDFB), um movimento que desempenhou um papel significativo na criação de uma base de dados destinada a pesquisas sobre a cultura e a poesia oral no Brasil. Isso se deveu, em grande parte, a forte participação não apenas de pesquisadores, mas também de poetas e artistas que eram ativos produtores da cultura folclórica do país. Além disso, é crucial examinar as atividades de instituições já consolidadas durante esse período, como a Fundação Casa de Rui Barbosa, que, por meio de suas pesquisas sobre a Literatura de Cordel, conseguiu esclarecer alguns mistérios relacionados à autoria de certas obras.

A partir dos anos 1960, outros movimentos conferem novas dimensões ao uso da Literatura de Cordel, especialmente sob influências como o Teatro Opinião, o Cinema Novo, o Tropicalismo e o Centro Popular da União Nacional dos Estudantes (UNE). Nesse momento, a Literatura de Cordel passa a ser considerada um agente de transformação na sociedade, rompendo com a noção anterior de que era produzida por pessoas ignorantes e desprovidas de pensamento próprio. Apesar de contar com um público significativo de pessoas analfabetas, essa forma de literatura foi reavaliada como uma produção crítica e de resistência, desafiando as convenções estabelecidas e narrando uma ampla variedade de histórias.

Durante os anos 1960, o conceito de cultura popular se institucionaliza, distanciando-se e ganhando determinada autonomia em relação ao folclore, isso é visível principalmente com a implementação oficial dos cursos de pós-graduação no país, isso representa um verdadeiro ponto de viragem dos estudos sobre a Literatura de Cordel. Antes disso, tentativas de

---

<sup>41</sup> No dia 05 de fevereiro de 1958, através do decreto nº 43.178, o “Grupo de Trabalho” criado no III CBF passou a ser institucionalizado e ter um nome: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB). [...] Os objetivos do novo órgão, de acordo com o decreto federal, eram de promover em âmbito nacional o estudo, a pesquisa, a divulgação e a defesa do folclore brasileiro (Barros, 2018, p. 83).

estabelecer modelos de pesquisa nas universidades já haviam sido feitas, incluindo os que se assemelhavam aos cursos de pós-graduação. Cássio Miranda dos Santos comenta sobre essa incursão dos programas de pós-graduação no país.

a implantação formal dos cursos de pós graduação no Brasil se deu somente em 1965, pelo Parecer 977 do Conselho Federal de Educação, de autoria do conselho Newton Sucupira. Segundo o autor do Parecer, o modelo de pós graduação a ser implantado correspondia à própria concepção de universidade, projetada nas mesmas bases de centros de ensino e pesquisa que estavam, segundo ele, revolucionando o mundo (Santos, 2002, p. 485).

Nas primeiras incursões acadêmicas nos cursos de pós-graduação que elegeram a Literatura de Cordel e outros elementos da cultura popular como seus objetos de estudo, a partir dos anos 1970, emergiu uma abordagem renovada desses elementos e suas expressões culturais. Isso ocorreu principalmente sob a influência de correntes teóricas que começavam a ganhar espaço e impacto no cenário intelectual brasileiro. Um exemplo notável é o marxismo, que já se solidificava nas universidades brasileiras, assim como na Escola Sociológica Paulista, que já estava ativa desde a década de 1930.

num momento em que o paradigma teórico marxista era dominante nas ciências sociais brasileiras, graças à hegemonia intelectual da Escola Sociológica Paulista, as tentativas de explicação sobre os novos papéis do Estado nas sociedades contemporâneas são buscadas inicialmente nos quadros de um arcabouço teórico carente de respostas a essas questões, dadas as fragilidades, ou mesmo inexistência de uma teoria política no interior do marxismo clássico. Daí a proliferação das leituras e interpretações baseadas em novas correntes do pensamento marxista, como o estruturalismo ou o historicismo de Gramsci (Forjaz, 1997, p. 108).

As novas interpretações surgem como resultado claro de um cenário intelectual renovado no país, que direcionou um olhar mais atento às classes populares, buscando promover novas reflexões nesse campo de estudo. Esse movimento foi possibilitado em grande parte pela reforma universitária ocorrida no final dos anos 1960.

uma das consequências mais importantes da reforma universitária realizada na USP, no final dos anos de 1960, e da nacionalização da pós-graduação (a partir da década seguinte) foi a constituição efetiva de especialidades acadêmicas. Embora ocorresse certa diferenciação progressiva, dada por recortes temáticos ou teóricos desde a década de 1940, quase toda produção acadêmica nas ciências sociais tinha como foco o problema da modernização brasileira, o que deslocava a questão central que mobilizara a inteligência do país até então, movida pelo esforço de entender os processos constitutivos de nossa formação – social, econômica, política e cultural (Jackson, 2007, p. 115).

Após a reforma universitária de 1968, observamos uma mudança de foco nas problemáticas investigadas no ambiente acadêmico, que resultou na descentralização da abordagem anti-moderna atribuída aos estudos folclóricos. Estes estudos viam na Literatura de Cordel vestígios dos elementos fundadores da identidade nacional, anteriormente percebidos como fugindo da modernidade. Os novos estudos passaram a perceber a Literatura de Cordel não mais como ligada a uma ideologia conformista, controlada e massificada pelas elites econômicas, mas como um mecanismo de resistência, formação de opinião e combate às tiranias do Estado.

Os primeiros trabalhos que investigaram os mecanismos das manifestações culturais como elementos de resistência, opinião e política surgiram da perspectiva das Ciências Sociais. Estes trabalhos estabeleceram uma clara divisão entre aqueles que ainda consideravam a Literatura de Cordel como “menor”, por não se enquadrar em regras e métodos de construção tradicionais. Exemplos notáveis incluem as dissertações de Mauro Willian Barbosa de Almeida<sup>42</sup>, na área de Ciências Sociais, em 1979, intitulada *Folhetos: a literatura de cordel no Nordeste brasileiro*, e da socióloga Ruth Brito Lêmos Terra, em 1983, intitulada *Memórias de lutas: a literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930)*.

Portanto, é relevante ponderar sobre como a Literatura de Cordel foi vinculada a diferentes projetos intelectuais e políticos ao longo de sua história. Isso inclui a perspectiva romântica do século XIX, que a via com uma simpatia benevolente em relação a tudo que emanava do povo, bem como as diversas interpretações do século XX, onde o cordel foi destacado como uma manifestação saudosista de resistência à modernidade. Foi considerado uma forma de resistência subalterna à cultura dominante, o que levou à definição do cordelista como um intelectual orgânico, moldado pela cultura de massa.

## 2.2 DO CORDEL À ACADEMIA: INTERAÇÕES INTELLECTUAIS DE JOSÉ ALVES SOBRINHO E ÁTILA ALMEIDA

---

<sup>42</sup> Mauro Willian Barbosa de Almeida nasceu em 14 de junho de 1950, em Rio Branco, no Acre. Concluiu o doutorado em antropologia social pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido, em 1993. Participou da formalização do programa das Reservas Extrativistas e da concepção da Universidade da Floresta do Alto Juruá (Uniflora). Em 2006, foi professor e pesquisador na Universidade de Chicago. Em 2007, recebeu o prêmio Chico Mendes de Florestania. Recebeu também, do Ministério da Educação (MEC), o Grande Prêmio Capes de Tese 2016. Desde 1977, leciona no Programa de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde, desde 2013, atua como professor-colaborador e coordenador do Centro de Estudos Rurais (Ceres).

A distinção entre cultura popular e folclore se concretiza após a institucionalização da cultura popular nas instituições acadêmicas durante a segunda metade do século XX. Contudo, mesmo após esse processo, a tarefa de diferenciar as nuances e funções de cada uma delas permanece delicada. Essa complexidade pode ser atribuída às interseções e à unidade que por muito tempo caracterizaram essas relações. Segundo o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1982, p. 23).

poesia à parte, se o folclore é isso, talvez não seja muito difícil compreender o que ele é. Mas acontece que ele, ao mesmo tempo, pode ser muito menos ou muito mais do que isso. Na cabeça de alguns, folclore é tudo o que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Na de outros, é só uma pequena parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é folclore é tão grande quanto o do que é cultura. Na de outros, por isso mesmo folclore não existe e é melhor chamar cultura, cultura popular o que alguns chamam folclore. E, de fato, para algumas pessoas as duas palavras são sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo.

Assim, percebemos uma variedade de abordagens intelectuais de estudiosos e pesquisadores em relação à cultura popular e ao folclore. Neste estudo, os significados se mesclam ao explorar a interação entre Átila Almeida e José Alves Sobrinho, os quais simultaneamente deram forma aos dois conceitos, amalgamando dois universos que se fundem, unindo criador e criação em um mesmo espaço e esforço. Juntos, Átila Almeida e José Alves Sobrinho realizaram pesquisas, categorizaram, arquivaram e produziram materiais que ainda hoje são referências para os estudos sobre cultura popular, especialmente a Literatura de Cordel.

O encontro entre Átila Almeida e José Alves Sobrinho ocorreu em 1976, em João Pessoa, promovido por Horácio de Almeida, que os apresentou. Naquele momento, ambos ficaram impressionados com a desenvoltura e o profundo conhecimento dos saberes populares de José Alves Sobrinho, que se revelariam de extrema importância para a manutenção da coleção de Horácio de Almeida, que seria posteriormente herdada por Átila Almeida. Este último já havia iniciado sua coleção particular, seguindo os passos de seu pai. A pesquisadora Joseilda de Sousa Diniz (2009, p. 213) argumenta sobre os motivos que levaram a este encontro.

motivada pela preocupação de Horácio de Almeida quando constatou que seu filho, futuro herdeiro do acervo, nada sabia sobre a arte da cantoria e a literatura de cordel. Esse encontro foi fundamental, pois José Alves Sobrinho e Átila de Almeida decidiram trabalhar juntos. Essa amizade foi se consolidando com o tempo graças ao interesse comum pelo assunto.

De fato, o encontro marcou o início de uma grande amizade e parceria que rendeu muitos frutos para as pesquisas de cultura popular. Assim, torna-se necessário traçar um percurso da

vida de José Alves Sobrinho, destacando os principais momentos do poeta pesquisador e os contextos que os direcionaram e possibilitaram a parceria com Átila Almeida.

José Clementino de Souto (1921-2011), nome de batismo do poeta, nasceu em 25 de julho de 1921 na cidade de Picuí, na Paraíba. Desde cedo, enfrentou adversidades, como o falecimento de sua mãe, Maria Clementino de Souto, quando tinha apenas 18 meses de idade. Com a perda da matriarca da família, seu pai, Clementino Julino Souto, teve que recorrer à ajuda dos pais da falecida para auxiliar na criação da família. Segundo relatos concedidos pelo próprio José Alves Sobrinho em entrevistas a Joseilda de Sousa Diniz<sup>43</sup>, ele relata que a criação com seus avós instigou seu interesse pela cultura popular e pela poesia por meio das narrativas contadas. Essas histórias, enriquecidas de detalhes, significados e aspirações, proporcionaram ao futuro poeta um ambiente propício, assim como sua ida para a escola.

os avós do poeta sabiam ler e escrever. O ambiente familiar estava aberto à leitura e ao contato com o texto impresso. No entanto, foi o mundo prodigioso das tradições orais, também chamadas de folclore (sabedoria do povo), infinitamente ricas em histórias, imagens e ritmos poéticos, que deslumbrou e formou a criança (Diniz, 2009, p. 39).

Tanto a imersão em um ambiente rico em práticas culturais quanto o contato com a cultura da escrita foram influências formativas para o poeta. Foi nesse contexto que José Clementino de Souto decidiu adotar um pseudônimo, inspirado nos elementos das tradições locais, que ele poderia utilizar e incorporar em sua obra dali em diante. Essa escolha revela a conexão profunda entre suas raízes culturais e sua expressão artística. Essa informação é corroborada por Diniz (2009, p. 51).

a partir de treze anos, José, respeitando a tradição dos grandes poetas populares de sua região, escolheu um nome artístico. A partir desse momento José Clementino de Souto passou a ser chamado de José ALVES SOBRINHO. A primeira parte, ALVES, foi escolhida em homenagem a seu tio e padrinho, José Alves Souto, irmão de sua mãe. A segunda parte, SOBRINHO, foi uma homenagem a seu mestre de escola, o poeta João Quinto Sobrinho, que descobriu seu dom para a poesia. Esse tio foi o primeiro membro da família a ter realmente motivado o jovem José a seguir a carreira de cantor popular.

---

<sup>43</sup> Joseilda de Sousa Diniz realizou seus estudos na Universidade de Poitiers, na França, no programa Maison des Sciences de l'Homme et de la Société. Durante sua trajetória acadêmica, tanto no mestrado quanto no doutorado, ela retornou ao Brasil em diversas ocasiões para conduzir quatro séries de entrevistas com o poeta, entre 1998 e 2006. No desfecho dessas séries de entrevistas, o próprio poeta a convidou para residir com ele por um período. Durante 40 dias, ela permaneceu hospedada em sua casa, tendo a oportunidade de observar de perto diversos aspectos da vida e do trabalho do poeta popular, seu objeto de estudo.

De fato, a prática de utilizar pseudônimos era recorrente entre os poetas, chegando a tornar-se conhecidos apenas por esses nomes fictícios. Um exemplo notável é Antônio Gonçalves da Silva<sup>44</sup> (1909-2002), que adotou o pseudônimo “Patativa do Assaré”, e Severino de Andrade Silva<sup>45</sup> (1904-1965), que ficou conhecido como “Zé da Luz”. No entanto, a escolha desses pseudônimos também reflete questões sociais relacionadas à atuação direta dos poetas e repentistas.

outra razão para a adoção desse pseudônimo relacionava-se com o fato de que a profissão de poeta improvisador era mal vista por sua família. Com efeito, não apreciavam ver a criança escolher essa profissão. Naquela época, o ofício de artista nômade estava associado à vadiagem e à ociosidade e muitos não o consideravam como honrado. No início, criança e adolescente, enquanto sua atividade de cantor foi exercida no âmbito da comunidade familiar e para os próximos, a família não se opôs. Esse dom para a poesia era ainda considerado como um talento divertido (Diniz, 2009, p. 51).

José Alves Sobrinho construiu uma trajetória notável que o tornou reconhecido por onde quer que passasse. Casou-se com Maria de Lourdes, com quem teve quatro filhos<sup>46</sup>: José Filho, Idalgo Souto, Maria das Graças e Fátima. Ele integrou uma verdadeira era de ouro da cantoria nas décadas de 1940 e 1950, compartilhando o palco com inúmeras figuras, todas elas mencionadas por ele durante as entrevistas com a pesquisadora Diniz (2009, p. 74):

o poeta lembra todos aqueles com quem cantou. Foram, no total, cento e cinco poetas cantores; noventa e quatro encontrados quando era cantor e improvisador, e onze somente após a perda da voz e com quem cantou a pedido deles e por amizade, pois não cantava mais profissionalmente. Lembra-se, com alegria dos nomes de dos os colegas antigos e da nova geração com quem conviveu. Entre os mais jovens menciona: Oliveira de Panelas, José

<sup>44</sup> Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, nasceu na Serra de Santana, a 18 Km da cidade de Assaré, em 5 de março de 1909. Filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, família pobre, perdeu o pai aos oito anos, passando a partir daí a trabalhar na roça para garantir o sustento da família. O nome “Patativa” surgiu devido à semelhança entre seu canto e o do pássaro Patativa, ave nordestina que possui um canto mavioso e singular, quando o jovem poeta tinha apenas vinte anos. Com um nome artístico, passou a viajar pela região cantando seus repentes e apresentando-se várias vezes na rádio Araripe. Sua obra tem grande destaque na literatura cearense. Um dos seus poemas mais conhecidos, “A triste partida”, foi cantado por Luiz Gonzaga, rei do baião. O poema fala de uma família de retirantes que, sofrendo com a seca, parte para São Paulo em busca de dias melhores. FEITOSA, Luiz Tadeu. Patativa do Assaré – a trajetória de um canto. São Paulo, Escrituras Editora, 2003.

<sup>45</sup> Nasceu em Itabaiana (Paraíba) a 9 de março de 1904. Filho de Pedro Bezerra de Andrade e Maria Izaias de Andrade, não teve sequer curso primário. Exerce a profissão de alfaiate e re-side hoje na Capital Federal. Publicou na Paraíba, em 1936, o seu primeiro livro de poesias “Brasil Caboclo”, do gênero catuliano, que foi reeditado pela “Empresa Gráfica O Cruzeiro” do Rio, em 1949, com um prefácio de José Lins do Rêgo. Zé da Luz é um espontâneo poeta regionalista, interpretando com admirável felicidade o que diz o sertanejo no seu linguajar rústico, inteiramente desprovido de gramática. Faleceu no Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1965. (MIRANDA, Antonio. Severino de Andrade Silva, 2019) Acesso em 29/02/2024, disponível em: SEVERINO DE ANDRADE SILVA – Zé da Luz- Brasil – Poesia dos Brasis – Paraíba - [www.antoniomiranda.com.br](http://www.antoniomiranda.com.br)

<sup>46</sup> José Alves Sobrinho teve outros filhos que não reconheceu e com os quais não manteve contato (Diniz, 2009, p. 74)



Miguel, José Francisco, Juvenal de Oliveira, Raimundo Pereira Sobrinho, Francisco Pedra, Antônio Aleluia, Sebastião Silva, Francisco Rodrigues, Simeão Alves de Souza (Simeão Caetano) et José Alves de Souza (José Caetano).

Essa fase marcou a era de ouro na vida do poeta cantador, que teve seu sustento exclusivamente dessa profissão até o ano de 1959. No entanto, devido a um grave problema nas cordas vocais, ficou afônico por um ano inteiro, o que o obrigou a abandonar a cantoria, já que sua voz nunca mais recuperou sua qualidade anterior.

a partir desse episódio, a voz do poeta – instrumento de coesão e de empatia –, ausente, distancia-o da interação público-artista, o que gradualmente vai afastá-lo do seu papel de mediador comunitário, de porta-voz reconhecido, legitimado no tempo e no espaço. Com uma voz irreconhecível, o poeta foi forçado a abandonar a cantoria para viver, segundo suas próprias palavras, “de assuntos alheios a sua vontade”. Quase um ano afastado dos palcos devido à rouquidão, o poeta tenta, em vão, até inícios dos anos 1970, um retorno aos palcos da cantoria, sem o sucesso alcançado anteriormente (Diniz, 2019, p. 105).

O problema que afetou as cordas vocais de José Alves Sobrinho causou a perda temporária da fala, correndo o risco de afetar permanentemente sua voz. Mesmo após recuperar a capacidade de falar, não conseguiu retomar sua carreira como antes. Em uma entrevista, o cantador compartilha suas aspirações caso não tivesse enfrentado esse problema.

quando eu me fiz na viola, no meio do mundo, essa coisa: andei muito, bati, virei, mexi, então quando eu voltei, me casei e a profissão foi essa. Criei meus filhos com a viola, toda a minha família, criei com a viola, só deixei de cantar quando perdi a voz. Quando tive essas consequências nas cordas vocais, cheguei ao ponto de deixar até de falar. Senão, ainda hoje, seria cantador. Lhe digo com toda certeza: se eu ainda fôsse o eu que era, a voz de antes, eu ainda hoje era cantador. Se eu ainda tivesse a voz que tinha (Sobrinho, 2006).

Desesperado e angustiado, José Alves Sobrinho escreveu alguns poemas que nunca foram publicados, como *Saudosas Lembranças*, *Adeus Samaritana* e *A Última Partida*, nos quais expressava o lamento por uma vida sem poder cantar, o ofício que tanto amava e que havia garantido seu sustento até então. Durante o período em que esteve afônico, chegou a compor um poema de despedida para sua viola. No entanto, esse poema só veio a ser publicado em 1975.

### **Adeus Violinha (1975)**

Adeus violinha,  
 Até não sei quando...  
 Porém estou pensando  
 Que até nunca mais,  
 Levo por lembrança,  
 Da nossa amizade:  
 Tristeza, saudade,  
 Soluços e ais

Por motivo justo  
 Que não te declaro,  
 De ti me separo  
 Violinha querida,  
 Porém não esqueço  
 Que em dias maiores  
 Me deste os melhores  
 Momentos da vida

O poema possui 14 estrofes, nas quais o autor expressa a dor da despedida da viola, companheira de suas entoações em noites de apresentações mundo afora, que fizeram o nome do poeta. Ele anuncia a perda da voz e marca o fim de sua era na cantoria. Esses foram os últimos versos cantados por José Alves, na *Rádio Tabajara*, onde trabalhou até 1959. Cantadores amigos do poeta também deram voz aos versos de *Adeus Violinha*.

Sem poder mais cantar para sustentar sua família, o poeta teve que buscar outros meios de subsistência, embora nenhum deles pudesse substituir a falta e o prazer que a cantoria lhe proporcionava. Esses relatos são corroborados por Diniz (2009, p. 204) na seguinte elucidação,

com efeito, após ter parado de cantar, José Alves Sobrinho exerceu diferentes ofícios, sem que nenhum correspondesse realmente às suas aspirações. Continuou a participar do mundo da poesia popular nordestina enquanto ouvinte e convidado de honra em eventos culturais como congressos e festivais de poetas repentistas, que estavam muito em voga a partir do fim da década de cinquenta. De acordo com seu próprio depoimento, esses convites e ocupações foram fundamentais para a nova vida que estava sendo obrigado a construir.

José Alves Sobrinho fez tentativas de retornar à cantoria após recuperar parcialmente sua voz, mas percebeu que ela já não possuía a mesma qualidade de antes e não garantiria o sucesso que havia desfrutado anteriormente. Mesmo assim, ele permaneceu envolvido diretamente no mundo da cultura popular, o que mais tarde se revelaria uma vantagem em sua parceria com Átila Almeida.

Após o encontro com Átila Almeida em 1976, ambos perceberam a vantagem de colaborar juntos. Inicialmente, Alves Sobrinho contribuiu significativamente para expandir a coleção de folhetos de cordel do professor, que já contava com aproximadamente 700 exemplares. O poeta viajava e adquiria folhetos com o financiamento de Átila Almeida, o que triplicou o número de obras em sua coleção. Diante da habilidade demonstrada pelo poeta, não demorou muito para que Átila Almeida utilizasse sua influência dentro da UFPB para garantir uma posição para o poeta na instituição.

lançando mão de sua influência política e do prestígio obtido durante muitos anos de trabalho acadêmico e, conhecendo os magros meios de subsistência do poeta, Átila de Almeida tudo fez para integrar Alves Sobrinho ao corpo docente da Universidade. Essa integração à vida acadêmica, às atividades de ensino e pesquisa universitária, permitiram valorizar o trabalho realizado até aquele momento. O apoio da poderosa família Almeida, associado à inteligência e à experiência do poeta, permitiu-lhe a obtenção de um cargo de pesquisador auxiliar em Literatura Popular, cargo esse que exerceu, de 1977 a 1991, no Núcleo de Estudos Linguísticos e Literários (NELL) do Departamento de Letras da UFPB. Como Alves Sobrinho não possuía diploma universitário, a responsabilidade e a direção do centro foram confiadas ao professor Átila de Almeida. Dessa forma, as competências do poeta enquanto pesquisador científico puderam se desenvolver de forma mais sistemática. Frequentes viagens em campo permitiram-lhe colher novos dados e outros folhetos e descobrir o quanto a literatura popular ganhou em termos de espaço após tantos anos de afastamento forçado. A cada retorno do poeta-pesquisador, o poeta e o matemático selecionavam os dados colhidos e os confrontavam com as informações anteriormente coletadas por Alves Sobrinho (Diniz, 2009, p. 214).

A colaboração estabelecida no ambiente acadêmico agora não só ofereceu espaço, mas também o financiamento necessário para que pudessem desenvolver a pesquisa que culminaria em um dos principais produtos de seu trabalho conjunto, o dicionário que compilou informações sobre a vida dos poetas e repentistas do Nordeste.

### **2.2.1 Registro e Resgate: o legado das pesquisas de José Alves Sobrinho e a construção de uma referência acadêmica sobre o cordel.**

A amizade entre os dois intelectuais, Átila Almeida e José Alves Sobrinho, proporcionou ao mundo dos pesquisadores e à Literatura de Cordel um material de extrema importância para a preservação dessa prática cultural. *O Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada* (1978) representa o resultado de um extenso processo de registro e catalogação das práticas poéticas e dos poetas do nordeste brasileiro. O objetivo era reunir dados suficientes para criar um repositório que abrangesse as principais informações sobre cada cantador ou poeta de bancada conhecido, “além de versistas, os poetas populares se chamam e são chamados poetas de bancada” (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 11). Assim, ainda de acordo com os autores,

de cada poeta foram registrados todos os nomes, pseudônimos e nomes de guerra, pelos quais é ou se tornou eventualmente conhecido, remetendo-se o leitor para o verbete principal onde encontrará no nome oficial do poeta as

informações que sobre ele puderam ser recolhidas. Foi deixada de lado a preocupação de informar nomes dos pais e estado civil dos poetas; na medida do possível procurou-se documentar local e data de nascimento ou morte, o que nem sempre se conseguiu por falta de informações. Às vezes nem o próprio sabe dizer o ano de nascimento (p. 9).

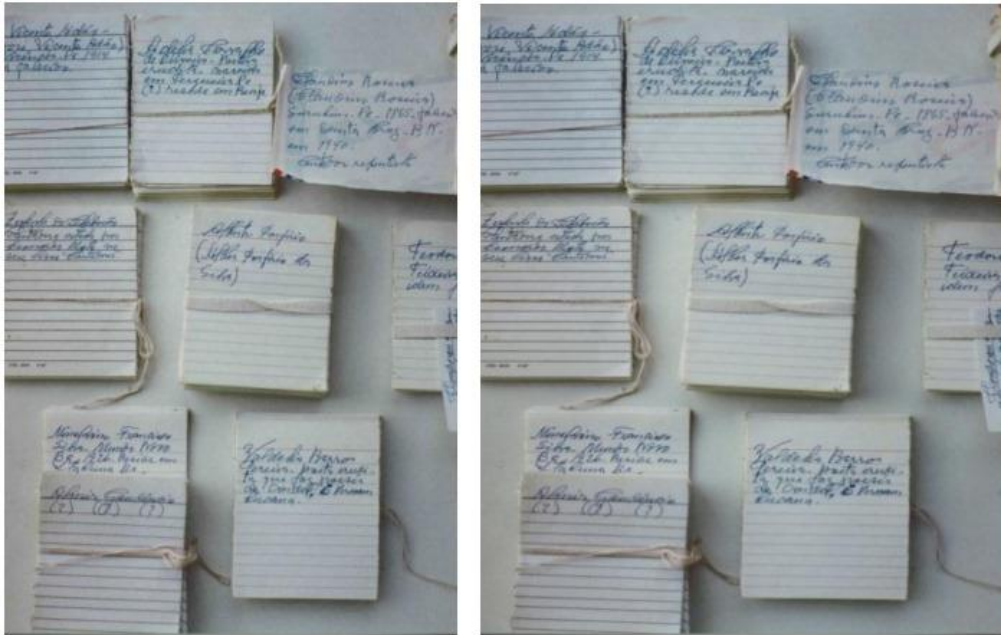
A preocupação era fornecer de forma sucinta informações poéticas sobre cada autor, uma vez que uma biografia detalhada não era viável devido às limitações de informações disponíveis. Muitas vezes, nem o próprio poeta possuía dados pessoais suficientes para fornecer aos pesquisadores. Além disso, a pesquisa de campo enfrentava desafios, como a vasta extensão geográfica a ser coberta e o curto período de tempo disponível, o que impossibilitava visitar todos os estados e áreas sertanejas onde a maioria dos poetas e repentistas estava concentrada. A amizade de Átila Almeida com o então reitor da universidade, Lynaldo Cavalcante Albuquerque, que deixaria o cargo em 1978, motivou a necessidade de publicar durante sua gestão, pois não havia garantia de apoio para o projeto em gestões futuras.

Embora a pesquisa tenha oficialmente iniciado após a formalização de José Alves Sobrinho na UFPB em 1977, grande parte dos dados já havia sido coletado pelo poeta por meio de suas anotações com poetas com quem cantava e aqueles que ouvia na rádio ou em competições presenciais. Na verdade, os objetivos originais das anotações eram diferentes<sup>47</sup>.

---

<sup>47</sup> Em uma das entrevistas com a pesquisadora Joseilda de Sousa Diniz ele expressa suas intenções nas primeiras anotações. “O poeta me confiou uma parte desse enorme tesouro que engloba, além das notas biográficas, muitas folhas contendo anotações para um livro que pretendia escrever e cujo título era *Datação de palavras*. Nele desejava explicar a origem e a história das palavras e termos inventados, típicos, específicos do vocabulário dos cantores” (Diniz, 2009, p. 210)

**Imagem 10 - Anotações de José Alves Sobrinho**



Fonte: Arquivo pessoal, Joseilda de Sousa Diniz

Nas suas anotações, o poeta registrava os nomes dos versos e dos poetas, os quais foram posteriormente incorporados ao dicionário, seguindo também o modelo de registro do trabalho desenvolvido mais tarde. O objetivo era apresentar as produções que destacavam esses poetas e cantadores, bem como traçar uma trajetória resumida de suas vidas. Em suas próprias palavras, José Alves Sobrinho reflete sobre a abordagem adotada durante as entrevistas com os poetas e repentistas.

a minha preocupação era de perguntar ao cantador, que eu cantava com ele, de onde ele era, como era o nome, quantos anos fazia que cantava, com quem começou a cantar, essa coisa... qual o melhor cantador do passado dele, quem foi? E anotava aquilo nas cadernetas. Mas eu não pensava nunca, disso me servir, no futuro. Eu não tinha ideia de escrever nada. Eu não tinha naquele tempo...outra coisa muito interessante: Eu tinha caderneta de anotar cantoria dia tal, em casa de fulano de tal dos anzóis, fazenda tal, com fulano de tal dos anzóis, eu cantei, quem agradou mais, foi eu ou foi ele. Tudo isso eu tive o cuidado de anotar. Eu não pensava nunca que isso um dia me servisse. Era só a curiosidade. Pra um dia saber com quem eu cantei, aquele cantador de onde era...Parece que era o meu espírito que queria guardar isso pra eu responder um dia, a quem perguntasse. Não sei! Eu não tinha ideia de escrever nada, nem sabia, nem tinha condição. A minha letrinha era pouca, e só dava pra fazer um folhetinho, um folhetinho dava pra fazer (Sobrinho, 11 de abril de 2000).

José Alves Sobrinho revela suas limitadas habilidades na escrita, resultando em registros mínimos, estes mesmos registros que revelam a aptidão do poeta para a pesquisa. Com o passar dos anos, suas anotações se acumularam, adquirindo um valor cada vez mais significativo.

com o passar dos anos, o poeta recolheu dessa forma uma imensa quantidade de dados pertinentes e preciosos, capazes de suscitar inveja em qualquer pesquisador científico. As entrevistas realizadas pelo poeta com os colegas cantores tinham um objetivo preciso: anotar o perfil de cada um deles sob uma luz diferente daquela que ele já conhecia. As entrevistas começavam com dados biobibliográficos e alcançavam progressivamente uma dimensão mais analítica com o objetivo de mostrar o papel desempenhado e a contribuição trazida pelos poetas entrevistados. As anotações do poeta pesquisador forneceram uma infinidade de dados sobre o percurso e as influências, no vocabulário, das formas poéticas, das imagens e das ideias recebidas pelos poetas populares durante sua carreira artística (Diniz, 2009, p. 210).

Este trabalho, iniciado de forma independente pelo poeta, revelou-se como um elemento fundamental para a realização do projeto dentro de um prazo mínimo. A pesquisa se concretizou da seguinte maneira, José Alves Sobrinho conduzia a pesquisa de campo e, ao retornar com as informações analisava com Átila Almeida cada autor encontrado durante as viagens aos sertões nordestinos.

### **Imagem 11 - José Alves Sobrinho e Átila Almeida**



Fonte: Arquivo pessoal, Joseilda de Sousa Diniz

A imagem 11 retrata o encontro dos dois intelectuais na residência de Átila Almeida, possivelmente revisando e analisando os dados coletados nas pesquisas do poeta. Como

mencionado anteriormente, as informações contidas no dicionário não abrangem todos os poetas e cantadores do Nordeste, com uma ênfase maior nos poetas do Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, e poucos registros dos demais estados da região nordestina.

infelizmente, poucas informações serão encontradas sobre os poetas populares e contadores dos estados do Maranhão, Piauí e da Bahia. As distâncias são imensas, o tempo foi curto, as informações publicadas quase nenhuma. A dívida fica reconhecida e registrado o propósito de pagá-la na primeira oportunidade. Seria proveitoso que baianos, piauienses, maranhenses e esquecidos se ofendessem, viessem à boca de cena com suas violas e seus folhetos, para declarar que são fulano, sicrano, beltrano, contadores e poetas populares sobre os quais silenciou o Dicionário (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 10).

Os autores reconheceram as ausências que o dicionário não conseguiu preencher completamente. Por isso, anos depois, uma nova edição foi elaborada na tentativa de aprimorá-lo, pois perceberam que ainda estava incompleto. No entanto, essa atualização não chegou a ser publicada. Mesmo assim, o primeiro e único dicionário publicado abordou questões significativas. Não se limitou apenas a ser uma fonte de pesquisa, mas também serviu como um manual para compreender as técnicas e normas dessa forma literária. O dicionário apresentou não apenas produções poéticas, mas também suas origens, destacando quais poetas introduziram certas técnicas nas cantorias e como essas influências se difundiram entre outros autores.

fato inusitado é que este dicionário defende teses! Um dicionário quente, poder-se-ia dizer. E qual o mal, se o objetivo básico foi a busca da verdade fria no mundo policromado das ilusões em que ela se ocultava? Não se pretendeu fazer um dicionário de matemáticas e sim de homens que, à imitação de Deus, escreve certo por linhas tortas! Nada mais chocantemente amoral do que a lição de moral que o genial autor da “história do cavalo que defecava dinheiro” deu ao povo e o povo entendeu! (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 48).

O dicionário, em sua essência, representava um esforço para trazer à tona uma perspectiva que os poetas e cantadores não haviam experimentado anteriormente. Durante o percurso das pesquisas para catalogar e registrar esses artistas populares, as reuniões frequentemente se realizavam na residência de Átila Almeida. Além de revisar o material coletado, os pesquisadores demonstravam habilidade ao envolver diretamente os próprios poetas populares em discussões, conforme retratado na imagem a seguir.

**Imagem 12** - José Alves Sobrinho, Severino Pinto e Átila Almeida



Fonte: Arquivo pessoal, Joseilda de Sousa Diniz

Na imagem, podemos observar da esquerda para a direita, José Alves Sobrinho, o poeta Severino Pinto<sup>48</sup> no centro e o professor Átila Almeida. Alguns poetas registrados no dicionário permitiram uma investigação mais aprofundada, como é o caso de Severino Pinto. Além de dados biográficos, foi possível apresentar versos do trabalho do poeta e sua habilidade na cantoria, especialmente em respostas durante disputas. Segundo relatos, “Se provocado, não tinha papas na língua, a conveniência não existia, e o contendor era obrigado a recuar porque, com sua peculiar facilidade de versejar, seria capaz de fazer uma segunda sextilha antes que o outro se refizesse do choque da primeira e a tivesse respondido” (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 223).

A referência bio-bibliográfica no livro também inclui os mestres que influenciaram o poeta e os nomes dos tantos com quem ele compartilhou a cantoria. “O velho Pinto merecia um monumento. Merecem-no aliás os cantadores e poetas populares. São Paulo fez um aos bandeirantes. Quais os nossos bandeirantes da cultura popular senão eles, os cantadores e poetas de bancada?” (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 225).

Embora este seja o trabalho de maior destaque da dupla e único analisado ao longo deste capítulo, José Alves Sobrinho e Átila Almeida, juntos também elaboraram o *Romanceiro*

---

<sup>48</sup> PINTO, SEVERINO LOURENÇO DA SILVA – (Alagoa do Monteiro PB 21-11-1895), cantador e poeta popular, reside em Sertânia – PE, muito conhecido por Pinto ou Pinto do Monteiro. É irmão de outro celebre cantador – Heleno Pinto. (Almeida; Sobrinho, 1978, p. 221)



*Popular Nordestino – Marcos e Vantagens* (1981), onde continuaram as pesquisas em torno dos poetas e cantadores da região nordeste, se preocuparam em apresentar os aspectos relacionados a um tipo específico da poética popular nordestina, ao qual envolve os marcos e vantagens. Segundo os autores “por trás da palavra Marcos está a ideia de fortificação que na concepção do poeta representa algo inabordável e imbatível, símbolo de sua superioridade de versejar sobre todos os seus pares” (Almeida; Sobrinho, 1981, p. 11)

Ao longo deste capítulo foi apresentado, um panorama das pesquisas de alguns intelectuais no contexto dos estudos folclóricos no percurso do século XX. A partir de então adentramos no ofício desenvolvido pela figura Átila Almeida, possível graças a elementos mútuos, como a apresentação feita por Horácio de Almeida ao poeta José Alves Sobrinho, com quem desenvolveu as pesquisas de campo e análises de material. Foram problematizadas questões em torno dessa atuação e os meios que os dois intelectuais se utilizaram para instrumentar-se enquanto pesquisadores. Durante os anos que seguiam as pesquisas, Átila Almeida iniciava-se na publicação de contos em revistas e livros, aspectos que serão explanados no próximo capítulo, que visa discutir a atuação do intelectual nesse campo.

### CAPÍTULO III

#### A FACE DO ESCRITOR

*Estes caprichos não poderiam vir a lume sem uma explicação. Uma explicação apenas, não; várias! A primeira... Perco-me no universo caótico que as ideias sugerem? Não há primeira, há explicações.*

(Oliveira, 1981, p. 7)

O presente capítulo tem por intuito evidenciar uma faceta final do intelectual Átila Almeida, sua atuação como escritor. É importante ressaltar que, embora este capítulo aborde Átila enquanto escritor, essa escrita não abrange a totalidade da palavra, quando tão somente infere na escrita de contos compilados em livros durante seus últimos anos de vida. Outras obras escritas por Átila Almeida, mencionadas no capítulo anterior, não estão incluídas na análise subsequente. Assim, serão apresentados os próprios contos passíveis de análise, oferecendo uma interpretação social, que não é exterior ao texto, englobando elementos relacionados à sua criação, disseminação e impacto alcançado, aspectos que delineiam sua trajetória. Com isso, segundo o historiador Valdeci Rezende Borges (2010, p.98)

no universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico.

Com base nessa declaração e nas contribuições da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2004) ao qual infere sobre a importância de compreender a obra literária em seu contexto de criação, buscamos investigar a trajetória do escritor no início da década de 1970. Átila Almeida deu início à sua incursão no universo dos contos, inicialmente publicando em revistas de amigos, os quais acompanhavam de perto as versões em desenvolvimento, até que os contos fossem reunidos em livros individuais. Em suas obras, Átila Almeida empregou pseudônimos para assumir a autoria, uma estratégia literária utilizada em diversos momentos e com diferentes propósitos.

Com esse recurso literário, Átila Almeida lançou três obras utilizando pseudônimos para identificar os autores de cada uma delas. Essa estratégia proporciona a liberdade de explorar diversos estilos narrativos em suas criações, oferecendo ao autor a oportunidade de experimentar de forma mais ampla, como também pode conferir uma sensação de segurança,

permitindo-lhe separar sua identidade real da expressão literária, contribuindo para uma abordagem mais flexível e criativa em sua produção.

Os dois primeiros livros foram lançados pela EDITEL, editora da UFPB, em Campina Grande – PB, onde o autor tinha vínculo institucional como professor de Matemática. Já o último livro foi publicado pela editora Empório dos Livros em João Pessoa – PB. Os títulos em questão são: *Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito* (1979), *As Transparências Impenetráveis* (1981) e *O Livro de Guto: Reflexões De Um Menino Pernambucano* (1991).

A primeira indagação que verdadeiramente nos intriga é o emprego de pseudônimos nessas obras e as funções que desempenham. Ao contrário de outros livros escritos por Átila Almeida, como *Dicionário Biobibliográfico de Repentista e Poetas de Bancada* (1978) e *Romanceiro Popular Nordestino: Marcos e Vantagens* (1981), nos quais ele compartilhou a autoria com o poeta José Alves Sobrinho, nas novas obras literárias, ele optou por não se autodenominar como autor.

Essa decisão aparentemente carece de uma explicação evidente, podemos conjecturar uma distância em relação ao estilo que vinha desenvolvendo concomitante, ou talvez seja apenas um hábito, como sugere a declaração de sua filha Oriana Trindade de Almeida, “acho que é uma modéstia de antigamente, acredito que não há uma razão específica. Os contos internos, inclusive, tratam o pseudônimo como se fosse uma história real, confundindo o leitor. Mas acredito que essa era a intenção” (Almeida, 2023).

Em vários textos publicados no mesmo período no país, o uso de pseudônimos era frequentemente justificado pelo temor da repressão<sup>49</sup> durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), sendo adotado como uma medida de segurança para permitir a continuidade das críticas ao regime, e para não sofrer reprimendas diretamente<sup>50</sup>. Entretanto, no caso de Átila Almeida, que não estava diretamente envolvido em questões políticas, não havia enfrentado conflitos que justificassem a adoção de nomes fictícios. Quanto à inclinação política de Átila, sua esposa, Ruth Trindade de Almeida, afirma:

---

<sup>49</sup> Por receio, vários autores escolheram esconder suas identidades como uma tática para contornar o autoritarismo. Nas diversas formas de expressão artística, como nas artes, música, teatro e televisão, a estratégia incluiu o uso de duplo sentido ou sentido figurado como um mecanismo.

<sup>50</sup> Quando se trata das produções literárias femininas, o uso de pseudônimos representava a única alternativa para as mulheres conseguirem publicar suas obras, conforme destacado por Beatriz Moraes Borges: Uma das motivações que levaram muitas mulheres a fazer uso de pseudônimos foi o preconceito e julgamento que enfrentavam num período em que a mulher exercia, em sua maioria, apenas os afazeres domésticos. As mulheres que ousavam fazer uso de seu próprio nome eram extremamente criticadas. Em decorrência desse fato, elas encontravam refúgio em nomes masculinos para poderem divulgar seus escritos. (2022, pág. 9)

o Átila era um homem mais de direita, no tempo da faculdade foi muito de esquerda, mas depois se decepcionou muito com a esquerda, com o comunismo, e aí virou de direita... a gente sempre ficava mais no centro direita, nunca tivemos problemas, nem dentro da universidade, nessa época a universidade era morna, não tinha muita agitação (Almeida, 2018).

É notável que Átila Almeida não se via compelido a se esquivar ou a dissimular-se diante das ações civis e militares da ditadura no país. Da mesma forma que Horácio de Almeida, que era abertamente vinculado e envolvido com partidos de direita. Átila também pendia para a direita, de modo que não era alvo de ações diretas. Nesse contexto, a perspectiva de Ruth Trindade se justifica ao descrever a universidade como morna. No entanto, as ações estudantis, particularmente a partir dos anos 1960, desafiaram vigorosamente o regime ditatorial e outros governos, em contraste com a visão da antropóloga. O movimento estudantil, ao contrário do que ela afirma, se organizou e atuou de forma decidida<sup>51</sup>.

Por conseguinte, fica evidente que o uso de pseudônimos não tinha como objetivo contornar a censura ou evitar punições durante a ditadura. Pelo contrário, essa postura política de direita, proporcionou a Átila Almeida um ambiente tranquilo e confortável dentro da universidade, sem se preocupar com questões relacionadas ao regime dentro desse contexto. Sua inclinação política para a direita lhe conferiu uma espécie de estadia tranquila, permitindo-lhe atuação sem qualquer interferência política.

Destaca-se, portanto, a sugestão de sua filha, indicando que tal prática poderia ser mais uma questão de tradição ou de afinidade com os nomes escolhidos. Vale ressaltar que esses pseudônimos foram cuidadosamente selecionados, ajustando-se minuciosamente a cada uma das narrativas que serão exploradas ao longo deste capítulo.

Os livros de Átila Almeida sempre encontraram, inicialmente, um público leitor dentro de sua própria família. Alguns dos membros familiares liam seus rascunhos, participando assim do processo criativo. Oriana Trindade de Almeida relata que, durante longas horas, ele permanecia concentrado em sua obra, enquanto ela mesma o auxiliava em algumas atividades, como quando o ajudava com caixotes para guardar livros.

No contexto da criação literária, é crucial compreender as intenções por trás do que é produzido. A obra deve ser concebida com a finalidade de ser percebida e apreciada, caso contrário, ela apenas direciona nossa atenção para um mero reconhecimento. Como destaca

---

<sup>51</sup> Entre 1956 e 1964, o movimento estudantil no Brasil atingiu nível de atuação e de influência política acentuado, sobretudo no primeiro quinquênio dos anos 60. A União Nacional dos Estudantes (UNE) crescera em grau de representatividade e o programa, material, propostas e manifestos de seus congressos, abarcavam gama variada de preocupações: desde a solidariedade com os “povos oprimidos” da Ásia, África e América Latina até a luta pela defesa da “cultura nacional”. (Medeiros, Castanho, 2014, p. 180)

Kastrup e Gurgel (2019, p. 1009), “O artista deve assumir a postura do ‘percebedor’ no momento da criação. Dessa forma, o primeiro leitor é sempre o próprio escritor”. Ainda segundos autores:

o escritor tem um duplo papel: é, simultaneamente, agente e fruidor. Ele tanto age sobre uma matéria quanto se abre ativamente para um encontro com aquilo que está sendo produzido. Os aspectos ativo e receptivo são inseparáveis e coexistem ao longo de toda a experiência estética. O escritor é aquele que age e padece ao produzir sua obra, visto que o obrar artístico também lança seus efeitos sobre ele (a partir de sua face perceptiva) (p. 1010).

Dessa forma, é possível identificar nos escritos de Átila Almeida uma conexão direta com o ambiente em que são concebidos. Durante os anos em que publicou seus livros, ele também desempenhava um papel ativo nas pesquisas folclóricas ao lado de seu colaborador José Alves Sobrinho. Essas pesquisas culminaram em obras que, embora compartilhem o período de publicação, apresentam um estilo de escrita distinto. Os anos em questão aproximam-se e, de certa forma, se repetem, como evidenciado quando, em 1981, Átila Almeida lançou *Romanceiro Popular Nordestino Marcos e Vantagens* (1981) e *As Transparências Impenetráveis* (1981). Entretanto, os livros escritos em colaboração com José Alves Sobrinho se concentram nas categorias populares como objeto de estudo. Porém, nos contos de Átila Almeida, nota-se uma direção oposta, pois ele não se dirige às classes populares, mas sim à chamada “literatura clássica”, destinada às elites sociais.

Buscando destacar essas questões, as análises prosseguem, explorando a natureza intrínseca da escrita do autor e procurando estabelecer conexões com o contexto em que foram geradas. O objetivo é evidenciar as características mais relevantes de cada obra de Átila Almeida, além de examinar as principais percepções expressas pelos diversos públicos, tanto em relação ao seu nome real quanto aos momentos em que se dirigiram ao seu pseudônimo.

### 3.1 TRAJÉTÓRIA DE UM CONTISTA: ÁTILA ALMEIDA E SEUS CONTOS

A jornada de Átila Almeida como contista, resultou em reconhecimento considerável, conferindo-lhe um estilo narrativo singular. Seus primeiros contos foram reunidos em uma coletânea, intitulada *Bruxaxá: contos sem exemplo e histórias sem proveito* (1979), sob o pseudônimo de Francisco Jorge Torres (1783-1852). Apresentando sua perspectiva de mundo através dos contos.

Átila Almeida trabalhava a linguagem em oficina própria, com linha de montagem peculiar e visão de mundo bastante particular. Isto significando inclusive, que procedeu o desnudamento dos nossos atos cotidianos, da comicidade e do fantasmagórico que nos circunvolvem sem torcer o caminho da realidade, por mais suja e dramática; e sem retorcer a língua com exotismos semânticos ou sintagmáticos. O que resultou num estilo vigoroso e rítmico (Soares, 1993, p.3).

Dessa forma, nos contos de Átila Almeida, é possível identificar o uso da crítica satírica de forma sucinta. Ele habilmente envolve o leitor apresentando situações corriqueiras, onde o trágico e o ridículo coexistem. Átila desafiou a ideia equivocada de que o uso do humor desacredita a crítica social. “Ao contrário do que se poderia deduzir, o humor não estabelece tal distância, pois confere à literatura uma qualidade de jogo, de divertimento” (Soares, 1993, p.5). Ele demonstrou como o humor pode ser utilizado para descrever uma situação em diferentes níveis de realidade, proporcionando maior qualidade a narrativa.

O nascer do Átila escritor de contos não foi premeditado, mas era esperado dentro desse contexto. Ele era um homem frequentemente visitado em sua residência por um restrito grupo intelectual, embora pequeno, diversificado. Nas sextas-feiras, promovia um sarau literário em sua casa, onde se reuniam para discutir uma ampla variedade de tópicos, incluindo política, Literatura de Cordel e, não menos importante, sua área de formação, a matemática. Entre as personalidades que participavam desses encontros estavam “Edmundo Gaudêncio, Sérgio Dantas, Prof. Sebastião Vieira, Dr. Everaldo Lopes, Themira Brito, Rawlinson (Rau) e literatos que vinham de outras cidades e estados para visitá-lo” (Rodrigues, 1993, p. 13).

Diante da afirmação acima, que descreve o círculo intelectual de Átila Almeida, podemos inferir uma questão não mencionada que se refere ao silêncio ou ao não dito desse circuito. Nesse pensamento, segundo Pesavento (2004, p. 71),

práticas sociais podem valer como discursos, silêncios falam, ausências revelam presenças, coisas portam mensagens, imagens de segundo plano revelam funções, canções e músicas revelam sentimentos, piadas e caricaturas denunciam irreverência, senso de humor e deboche.

Por conseguinte, uma questão emblemática é a ausência da presença de José Alves Sobrinho nessas reuniões, que acaba por evidenciar a natureza elitista desses encontros. Embora Sobrinho tenha frequentado a residência em outros momentos, ele não fez parte deste ciclo.

Sendo assim é possível demarcar a rede de sociabilidades em que Átila estava envolvido, desempenhando o papel de um organizador, ou pelo menos gerenciando os encontros entre amigos. A utilização do conceito de sociabilidade aqui se alinha com a perspectiva de Sirinelli,

que aborda a polissemia do ser intelectual. Isso implica nas diversas funções desempenhadas por esses indivíduos na sociedade e na interpretação desses grupos ao longo dos séculos XIX e XX, ampliando seu alcance devido às múltiplas definições da palavra. Dessa maneira, no contexto de grupos intelectuais, Sirinelli (2003, p. 248) destaca que

todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver. São estruturas de sociabilidades difíceis de aprender, mas o historiador não pode ignorar ou subestimar.

Assim compreendemos a dinâmica do grupo intelectual mencionado, onde Átila Almeida desempenhava o papel de anfitrião, uma vez que sua residência servia como ponto de encontro para esse grupo seletivo. A inserção na escrita de contos de Átila teve início durante essas reuniões, cultivada no ambiente amistoso entre amigos e evoluindo além do mero entretenimento recreativo. Sobre esse encabeçamento no mundo dos contos, Dantas (1993, p.7) comenta.

tive o privilégio de ver nascer o Átila escritor, ficcionista. A coisa começou como brincadeira. Átila, Everaldo Lopes, Accioly e eu nos propusemos a escrever, cada um de nós, um conto. Accioly e eu cometemos, Everaldo escreveu e Átila brilhou. A diferença entre o talentoso, o aplicado e os simples conhecedores do alfabeto avultou óbvia (ou óbvia, no dizer de um ex-edil).

Dantas (1993) ainda comenta sobre a exigência de Átila em relação ao que escrevia, revisando o texto, corrigindo e reescrevendo até alcançar a melhor narrativa possível. Ainda segundo Dantas (1993), o contato com os estudos da cultura popular, sua paixão pelo colecionismo de livros, todos esses elementos contribuíram efetivamente para moldar Átila como um escritor de habilidades notáveis. Certamente, esse foi o ambiente em que Átila esteve imerso, entre livros e em um cenário intelectual de elevada qualidade.

Foi no seio dessas amizades intelectuais, em sua rede de sociabilidade, que a inclinação como escritor se desenvolveu, dando origem a uma prática constante de abordar temas diversos e compartilhá-los com amigos. Esse intercâmbio foi um elemento crucial que não apenas contribuiu para seu crescimento como escritor, mas também o motivou, resultando em convites

para integrar instituições, como o convite para fazer parte da equipe editorial da Revista *Ranhura*<sup>52</sup>.

Um dia, desocupado, telefonei para o professor com a proposta de tentarmos editar uma revista literária. Ideia que nutria juntamente com o amigo do escritor Ricardo Soares. O professor topou, e imediatamente lhe pedi um texto, que me entregou dias depois com o título: NADA A DIZER, somente seis páginas datilografadas. Imaginem se ele tivesse alguma coisa a dizer (Rodrigues, 1993, p. 13).

Não há evidências que indiquem a extensão da participação de Átila Almeida na fundação da revista. No entanto, após o seu falecimento em outubro de 1993, a edição do ano II n° 3 foi inteiramente dedicada a ele. Seus amigos editores e colaboradores escreveram uma série de artigos com o objetivo de prestar homenagens póstumas. Os responsáveis por esses tributos foram Ricardo Soares, Sergio Dantas, Edmundo de Oliveira Gaudêncio e José Edmilson Rodrigues.

Entretanto, foi identificado que em uma das edições da Revista *Ranhura*<sup>53</sup>, Átila Almeida contribuiu com contos sob o pseudônimo de Francisco Jorge Torres, o mesmo nome que ele adotou para o seu primeiro livro de contos lançado em 1979. Antes mesmo do lançamento do livro, Átila recebeu uma menção honrosa ao participar do concurso nacional Prêmio Prosa e Poesia, promovido pela Remington<sup>54</sup> do Brasil em 1977.

---

<sup>52</sup> Não foram localizadas informações referentes à fundação, período de circulação, quantidade de edições e volumes da Revista *Ranhura*. Sabe-se apenas que a publicação esteve em circulação exclusivamente na cidade de Campina Grande, Paraíba, durante as décadas de 1980/1990.

<sup>53</sup> O exemplar da revista não possibilitou a identificação do ano e volume específicos.

<sup>54</sup> O Prêmio Remington de Prosa e Poesia foi instituído pela Sperry Remington em celebração aos seus 70 anos no Brasil. A empresa, especializada em máquinas de escrever, convidava escritores de romances, poetas e contistas de todo o país a participar. O prêmio em dinheiro totalizava CR\$ 200.000,00, e ressaltava que as obras concorrentes podiam ser tanto inéditas quanto já publicadas. Um total de 3.181 obras foram recebidas para concorrer ao prêmio, e a comissão julgadora era composta pelos senhores José J. Veiga, Hélio Pólvora, Flávio Moreira da Costa, Affonso Romano de Sant'ana, Dirce Cortes Riedel e Silviano Santiago.



### Imagem 13 - Lançamento do Livro *Bruxaxá* (1979)



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

Na imagem, é perceptível a presença de Átila Almeida com a cabeça baixa à esquerda, enquanto ao centro está Raimundo Asfora segurando um exemplar do livro, seguidos de José Pedrosa (1914-1994), o ex-deputado Aluísio Campos (1914-2002)<sup>55</sup>, o jornalista Tarcísio Cartaxo e o professor Sebastião Vieira, ex-reitor da UEPB<sup>56</sup>. O lançamento do livro *Bruxaxá* aconteceu na Livraria Pedrosa, em agosto de 1979, estabelecimento que Átila Almeida frequentou por muito tempo e onde adquiriu muitos dos livros que compõem sua coleção.

O conto inicial, intitulado *O pseudônimo*, revela a busca do autor por elucidar a origem e a verdadeira identidade por trás do nome Francisco Jorge Torres. A narrativa constantemente mergulha o leitor em um universo onde o real e o fictício se entrelaçam, com informações factuais inseridas na trama, acrescentando um elemento de julgamento. No início do conto,

<sup>55</sup> Aluísio Afonso Campos, campinense, foi um ex-deputado federal da Paraíba. Era filho de Affonso Rodrigues de Sousa Campos (Fórum Affonso Campos), um dos maiores juristas da Paraíba e Porfíria Montenegro Campos (D. Iaiá). Era Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (Faculdade de Direito, Recife); Curso da Escola Superior de Guerra, 1959; estagiário em Crédito Rural (Universidade Lafaiete, EUA) além de Pecuarista. Como político, marcou a sua presença na História do Brasil como Deputado Constituinte e um dos autores do preâmbulo da Constituição Federal de 1988. Faleceu no ano de 2002 sem deixar herdeiros, sendo seu patrimônio deixado em testamento para a Fundação Furne. O Complexo Aluísio Campos, sua casa sede da Fazenda Ligeiro, foi transformada em memorial, mantidos o mobiliário original, livros e referências pessoais, de forma a proporcionar estudos e trabalhos de preservação das memórias de sua família. Azevedo, Rômulo. Aluísio Campos: o homem do ligeiro. Retalhos Históricos de Campina Grande. 2010. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/2013/09/aluisio-campos-o-homem-do-ligeiro.html>. Acesso em: 28/01/2024.

<sup>56</sup> Informações coletadas em: Araújo, Adriano; Sousa, Emmanuel. “Faça do Livro o Seu Melhor Amigo”: 2014 - Centenário de Seu Pedrosa. Retalhos Históricos de Campina Grande. 2014. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/2014/10/faca-do-livro-o-seu-melhor-amigo-2014.html>. Acesso em: 28/01/2024.

Átila Almeida descreve o desenvolvimento e a audiência inicial dos primeiros contos que escrevia.

quando remeti o primeiro conto para a Revista do Mês, não esperava que fosse tão bem recebido pelo público. Entusiasmado, mandei outro, depois outro, e assim fui enviando um por mês. Para a revista era um negócio da China porque eu dava os contos de mão beijada, reservando-me apenas os direitos autorais para a eventualidade de reuni-los posteriormente em volume. Pressionada pela enxurrada de cartas de leitores, a revista me escreveu pedindo mais, e eu, pelo menos de início, lisonjeado, mandava-os vendo nisso o reconhecimento público de meus méritos literários (Torres, 1979, p.11).

No entanto, ele não detalhou a revista específica à qual enviava os contos. Todavia, conforme mencionado anteriormente, foi possível identificar sua contribuição para a revista *Ranhura*. No conjunto, Átila Almeida compilou 22 contos no livro, abordando uma ampla gama de temas, nos quais as narrativas são permeadas por um humor satírico. Em determinado momento, ele expressa uma certa satisfação por estar imerso no véu do uso do pseudônimo.

Depois, notando que minha produção estava sendo consumida com a mesma gula que o eram “Joãozinho, Meu Carro” e “Meu pé de Jaca Mole”, dei para desconfiar de meus juízes, e conseqüentemente, da qualidade de meus contos. Foi quando me felicitei por estar escondido sob o pseudônimo mais engenhoso de quantos, imagino, foram concebidos. Também o mais desastroso (Torres, 1979, p.11).

O nome Francisco Jorge Torres pertence a um parente distante na linhagem da família Almeida. Utilizando as informações fornecidas por Antônio Washington de Almeida Gondim<sup>57</sup> em sua obra *Família Gondim e Outras Linhagens Areenses* (2017), podemos traçar essa genealogia da seguinte maneira: Francisco Jorge Torres casou-se com Maria Franca Torres<sup>58</sup>. Entre os filhos do casal, uma, com nome homônimo da mãe, foi Maria Franca Torres (1826-1872). Essa Maria Franca Torres casou-se com Santos da Costa Gondim (1810-1894), e de sua união nasceu Adelaide Jucunda da Costa Gondim. Adelaide, por sua vez, casou-se com Rufino Augusto de Almeida, tornando-se pais de Horácio de Almeida. Horácio casou-se com Corinha Freitas de Almeida, e juntos foram pais de Átila Augusto Freitas de Almeida, sendo assim, Francisco Jorge Torres, seu trisavô.

<sup>57</sup> Antônio Washington de Almeida Gondim é engenheiro agrônomo, mestre na área de Recursos Hídricos, professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba. É o décimo filho de José Castor Gondim (1895-1987) e Rita de Almeida Gondim (1910-1999). “José Castor Gondim e Horácio de Almeida eram primos em primeiro grau” (Gondim, 2017, p. 282)

<sup>58</sup> Não foram localizadas informações sobre as datas de nascimento e falecimento, bem como outras informações adicionais, relacionadas a Maria Franca Torres (Mãe), esposa de Francisco Jorge Torres.

Francisco Jorge Torres foi um imigrante português que chegou ao Brasil no início do século XIX, desembarcando no Recife. Inicialmente, trabalhou na cidade e, posteriormente, dirigiu-se para o Brejo de Areia, onde estabeleceu residência. Após essa experiência, retornou a Portugal, onde casou-se com a compatriota Maria Franca Torres, e juntos retornaram ao Brasil. No Brejo Paraibano, esse empreendedor imigrante prosperou, envolvendo-se em atividades que o levaram a acumular fortuna, expandir seus empreendimentos e tornar-se o homem mais abastado da localidade. Segundo Gondim (2017) suas atividades incluíam o comércio, beneficiamento de algodão e cultivo de terras, seguindo padrões semelhantes aos de outros colonizadores portugueses, como a utilização da escravização de pessoas negras.

Na comunidade de Areia, Francisco Jorge Torres recebeu o apelido de “Marinheiro Jorge”, embora não existam evidências históricas que confirmem a veracidade desse ofício realizado por ele. Como o homem mais rico da região, foi o primeiro a concluir a construção de um sobrado em Vila Real do Brejo de Areia em 1818, onde passou a residir com sua família. Segundo relatos de Gondim (2017), a estrutura dessa casa incluía 33 quartos, além de uma senzala, tornando-a uma das poucas, ou possivelmente única, residência com essa característica na época daquela localidade.

Átila Almeida aproveitou as informações disponíveis sobre Francisco Jorge Torres e as incorporou de maneira mecânica em sua narrativa, destacando a importância da casa desse homem que deixou sua marca em Areia. Na história, ele apresenta a propriedade que foi transformada em um hotel chamado Bruxaxá.

fiquei sabendo que fora construído por um tal Francisco Torres, conhecido na crônica da cidade como Marinheiro Jorge, apesar de nunca ter sido marinheiro. Sua experiência de marinhagem foi ter atravessado o atlântico como emigrante. Só. Na cidade serrana foi promovido ou rebaixado a marinheiro, não sei. Vesti-me na pele do marinheiro e refugiei-me no quarto secreto de minha imaginação. Resolvi adotar o nome do finado como pseudônimo e agir como se morasse na cidade (Torres, 1979, p. 12).

Para além do uso do pseudônimo como uma espécie de máscara autoral, a narrativa vai busca apresentar um personagem-narrador que adota a identidade do homem integralmente, incorporando não apenas o nome, mas também características próprias, como o endereço de residência. O hotel, batizado como Bruxaxá, provavelmente se refere ao mesmo hotel que se instalava na cidade de Areia – PB no fim da década de 1970 e início de 1980, como também o título do livro de Átila Almeida fazem uso da palavra Bruxaxá, que remonta aos primórdios da colonização portuguesa na capitania da Paraíba, para descrever o que viria a se tornar a cidade

de Areia, “conhecido em seus primórdios como Sertão de Bruxaxá” (Moraes, 2008, p. 30). Essa denominação tem suas raízes em terminologias indígenas<sup>59</sup>.

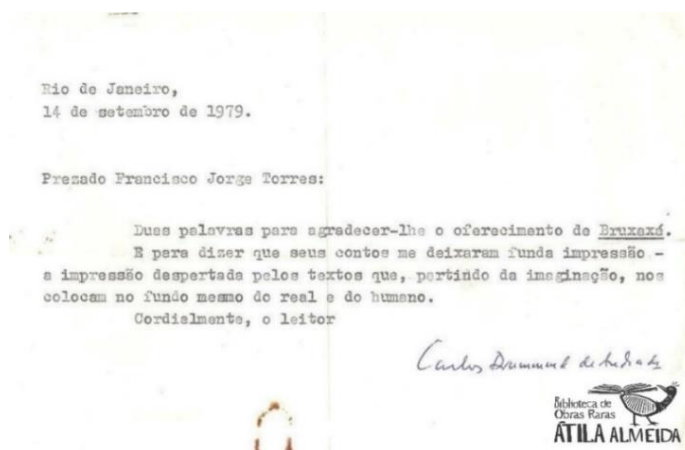
Dessa forma, torna-se claro como o escritor Átila Almeida conseguiu incorporar em suas obras elementos que as enriqueceram, tanto nos detalhes quanto na própria narrativa. Já em vida, ele começou a perceber essa apreciação por parte dos leitores, indo além do seu círculo de amigos que ocasionalmente liam seus textos antes da publicação.

A respeito da relação entre o público leitor e a obra, podemos inferir as seguintes conclusões:

o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Desse modo, o público é o fator de ligação entre o autor e a sua própria obra (Candido, 2023, p. 47).

As respostas recebidas sobre o conteúdo da obra complementam a conexão discutida pelo sociólogo e crítico literário Antonio Candido, ao percebermos o valor das considerações sobre as obras de Átila Almeida ainda em vida. Essa constatação fica evidente ao analisarmos a breve correspondência enviada por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) em 14 de outubro de 1979.

#### Imagem 14 - Carta de Carlos Drummond de Andrade<sup>60</sup>



Fonte: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida

<sup>59</sup> Em meados do século VXII a área era conhecida como o Sertão dos Bruxaxás que, na língua dos índios cariris, significava “terra onde canta a cigarra”. Areia, mesmo localizando-se no Brejo, era conhecida como Sertão devido ao fato de a direção do poente modificar-se sua geografia pela terra seca, impermeável, de clima semiárido e solo aberto de cascalho. (Fiúza, 1998, p. 45)

<sup>60</sup> Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1979.

Prezado Francisco Jorge Torres: Duas palavras para agradecer-lhe o oferecimento de Bruxaxá. E para dizer que seus contos me deixaram funda impressão - a impressão despertada pelos textos que, partindo da imaginação, nos colocam no fundo do real e do humano. Cordialmente, o leitor. Carlos Drummond de Andrade.

A correspondência datilografada foi dirigida a Francisco Jorge Torres, pseudônimo utilizado por Átila Almeida. Nela, Carlos Drummond de Andrade assume o papel de leitor dos contos, parabenizando o autor e compartilhando os sentimentos que experimentou ao ler a obra. Drummond destaca a capacidade dos textos em revelar o aspecto mais humano e real do leitor. Não existem evidências conclusivas que confirmem se Carlos Drummond de Andrade estava ciente ou não da verdadeira identidade do autor, no entanto, é possível inferir que provavelmente tivesse conhecimento, visto que a identidade de Átila Almeida em relação aos contos não era completamente omitida, podemos observar no lançamento do livro que ficou registrado.

### 3.2 O SUCESSO DOS CONTOS DE ÁTILA ALMEIDA

Neste tópico, serão apresentados os contos de Átila Almeida, acompanhados por uma breve análise de seus conteúdos, com o intuito de também oferecer um vislumbre da realidade do autor. As três obras totalizam 50 contos, incluindo o prefácio do segundo livro. Alguns desses contos transcenderam os limites da obra literária, alcançando os palcos do teatro e as telas de cinema, enquanto outros se destacam pelo seu valor literário intrínseco. Vale ressaltar que este estudo não comportaria uma análise abrangente de todos os contos, exigindo uma seleção parcial. Essa escolha foi feita com base no interesse que esses contos revelam sobre o autor e a sociedade da época. A seguir, serão destacadas as principais nuances dessas narrativas.

#### **3.2.1 *Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito (1979)***

Dentre os 22 contos escolhidos para compor a obra *Bruxaxá: Conto sem exemplo e histórias sem proveito* (1979), três se destacaram significativamente em relação aos demais. Dois destes contos, intitulados *Fazendo Flores* e *Júlia*, narram histórias diferentes, mas compartilham o tema central da mulher como protagonista, explorando a temática do amor não vivido devido a diversos obstáculos. Ambos foram adaptados para os palcos teatrais, sendo apresentados no espetáculo nomeado *Fêmeas* (1990). O terceiro conto *A Cruviana* foi transformado em enredo para um curta-metragem.

Em *Fazendo Flores*, a narrativa se desenrola a partir da perspectiva de uma mulher de quarenta e cinco anos, proprietária de uma floricultura, que nunca teve experiências sexuais com nenhum homem. Ela lamenta não ter aproveitado sua juventude para fazê-lo. A

personagem menciona a partida de uma mulher negra chamada Catarina, que deixou seu filho Benedito aos seus cuidados. A protagonista criou o menino como seu próprio filho, compartilhando o leito com ele até a adolescência, quando ele também partiu aos vinte e dois anos. Os lamentos da mulher conferem à história um tom cômico e ao mesmo tempo realista diante da situação.

burra que fui! Tivesse feito, não estava aqui com quarenta e cinco, cabaçuda, amolegando homens em pensamento. Agora está sem jeito. Não posso sair pela rua pedindo aos homens para me arrancarem os tampos. Humilhação morrer virgem, sem nunca, nem uma vezinha, ter sido bolinada. O único pinto que peguei foi o de Benedito quando era pequenininho, dando banho nele. Foi o mesmo que ter pegado no biquinho do Espírito Santo. Preciso é de bico de tucano! Virgem de corpo e puta de coração. Vou pro inferno e me amigo com Satanás. Virgem Maria, estou pensando doideira! (Torres, 1979, p. 44).

O lamento persiste cotidianamente enquanto a vendedora de flores, testemunha os cortejos que os homens dedicam às jovens frequentadoras de sua floricultura, incluindo a filha de Dona Lalá, uma moça deslumbrante. Enquanto isso, no segundo conto, *Júlia*, somos apresentados à perspectiva de uma jovem que se apaixona por um homem que, de maneira misteriosa, envia-lhe sinais de cortejo por meio de códigos.

ontem, do outro lado da rua ele me disse: “Chega à janela. Hoje não, amanhã sim”. Hoje, quando fui, papai estava na calçada, mas mesmo assim conversamos. Ele me disse “Meu desespero é mortal! Espero tua resposta. Meus olhos só vêm a ti. Só para ti existo.” (Torres, 1979, p. 46-47).

Quando questionada por sua irmã Palmira sobre a forma como essa comunicação ocorria, Júlia revela a maneira não convencional: “\_conversamos em código. Não conheces o dicionário das Flores, Folhas e Frutos?” (Torres, 1979, p.47). Conforme a narrativa se desenrola, os pais de Júlia descobrem seu envolvimento com um homem misterioso e proíbem qualquer contato entre eles. Enfurecida, Júlia passa a adotar comportamentos hostis com a família, chegando a fugir em algumas ocasiões, mas sempre retornando para casa. No desfecho, o comportamento de Júlia a leva a ser rotulada como louca por toda a família, resultando na completa interrupção de seu contato com o pretendente.

Durante muitos períodos da história, as questões de loucura relacionadas ao feminino foram amplamente influenciadas por estereótipos e preconceitos de gênero. Mulheres que desafiavam as normas sociais estabelecidas ou que manifestavam comportamentos considerados não conformes eram frequentemente rotuladas como “loucas” ou “histéricas”.

Esses rótulos muitas vezes serviam para silenciar as vozes das mulheres e desqualificar suas experiências, relegando-as a uma posição de inferioridade e falta de credibilidade. No entanto, é importante destacar que muitas das chamadas “loucuras” femininas eram na verdade respostas legítimas a opressões sociais, traumas ou dificuldades emocionais. A compreensão da loucura no contexto do feminino deve levar em conta as complexas interações entre gênero, poder e saúde mental, buscando sempre desafiar estereótipos e promover uma abordagem mais empática e inclusiva para com as experiências das mulheres. O contexto do conto de Átila Almeida reflete posicionamentos e interpretações acerca do feminino.

As duas histórias, *Fazendo Flores* e *Júlia* compartilham semelhanças relevantes que as uniram no espetáculo *Fêmeas* (1990). A obra foi adaptada pela teatróloga Campinense Lourdes Ramalho<sup>61</sup> (1920-2019) em parceria com Átila Almeida, sob a direção do espanhol Moncho Rodriguez, com o apoio do Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, de Campina Grande. A estreia ocorreu em 07 de fevereiro de 1990, rua do Catete, nº 338, Teatro Cacilda Becker, no Rio de Janeiro, trazendo em cena grandes artistas como a atriz Virginia Cavendish<sup>62</sup>, Gilberto Brito<sup>63</sup>, David Miguel<sup>64</sup> e Melania da Silveira<sup>65</sup>.

Ambos os contos, Átila Almeida buscou apresentar mulheres imersas em uma sociedade profundamente marcada por valores machistas, que não apenas influenciam suas ações, mas também moldam seus posicionamentos e determinam suas escolhas de vida. Em *Fazendo Flores*, isso fica evidente na fala da personagem dona da floricultura, quando ela declara: “Perderia a freguesia. Qual madame que viria encomendar flores? Vivo da minha postura. Meu recato é meu cabedal!” (Torres, 1979, p. 44). Essa representação claramente reflete as normas e expectativas vigentes no final da década de 1970 e, sem dúvida, reflete os ideais da sociedade.

O outro conto que se destacou na obra de Átila Almeida foi *A Cruviana*. Em 1982, esse conto foi adaptado por José de Lima Acioli<sup>66</sup> (1932-2012), um amigo de Átila Almeida e

---

<sup>61</sup> A escritora, dramaturga, cordelista e pedagoga Maria de Lourdes Nunes Ramalho nasceu em 23 de agosto de 1920 na cidade de Jardim do Seridó (RN). Autora de mais de cem textos teatrais (alguns ainda inéditos), o alcance que tiveram os textos e espetáculos de Lourdes Ramalho lhe rendeu muitas homenagens, indicações e premiações, inclusive internacionais em países como Portugal e Espanha. Lourdes Ramalho. Paraíba Criativa, 2023. Disponível em: <https://paraibacriativa.com.br/artista/lourdes-ramalho/>. Acesso em 28/01/2023

<sup>62</sup> Atriz e produtora. Fez, no cinema, filmes de sucesso como o *Auto da Compadecida* (2000) e *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), dirigidos por Guel Arraes.

<sup>63</sup> Conhecido pelo seu trabalho em *Os Últimos Românticos do Mundo* (2020), *Justiça* (2016) e *Árido Movie* (2005).

<sup>64</sup> Não foram encontradas informações sobre os trabalhos do ator.

<sup>65</sup> Entre alguns dos seus trabalhos nos palcos teatrais, destaca-se sua interpretação da personagem Virgem Maria em *O Divino Calvário* (2011), apresentado em João Pessoa. Além disso, merece menção especial sua participação na narração do espetáculo *Baú de Contos* (2019).

<sup>66</sup> José de Lima Acioli, nasceu em Viçosa, Alagoas, em fevereiro de 1932. Formou-se em Física pela antiga Universidade do Brasil (hoje UFRJ). Foi professor da Universidade de Brasília (UnB). “Zé Acioli, reestruturou o curso de Física da UnB e foi um dos fundadores do Pólo de Cinema de Brasília. Deu cursos de cinemática relativística ao mesmo tempo em que organizava pescarias no Araguaia e no Urucuia. Filmou *A Cruviana* e a

professor de Física na Universidade de Brasília (UnB) como enredo para um curta-metragem<sup>67</sup> que narra a jornada de um sertanejo vindo de um engenho. Carregando mantimentos nos lombos de seus burros, ele passa a noite intrigado com o significado da palavra “cruviana”, após ter sido alertado a ter cuidado, por um morador local durante sua jornada na estrada.

calculou as horas, a distância a percorrer e sossegou. Que diabo é? Brincadeira dele? Não! Não é homem de brincadeira, nem eu [...] infelizmente nem sempre elas estão onde a gente quer... Volante da polícia com ordem de? besteira. O homem me viu hoje pela primeira vez! [...] Algum bicho que não conheço. Guaxinim, porco do mato não é, nunca vi (Torres, 1981, p.118).

A narrativa, permeada por um tom bem-humorado, revela a imaginação vívida desse viajante ao longo da noite, enquanto ele especula sobre as diversas possibilidades do que a cruviana poderia ser. Em sua busca por respostas, chega a queimar a cangalha de um dos burros para aumentar a fogueira e se proteger do frio intenso, permanecendo alerta e armado com uma espingarda para enfrentar a misteriosa cruviana.

nem dos lados dos burros vinha o menor ruído. “A cruviana?” Inquietou-se. Pelo menos soubesse o que era! Alerta, retesado como mola pronta para distender-se, o rifle nas mãos, esperou. Súbito um grilo começou a ensaiar intermitentemente o canto. [...] Afrouxou a tensão, mas continuou alerta. “Se vier, leva é bala...” A friagem crescia (Torres, 1981, p.119).

O humor da narrativa reside na arrogância e no orgulho do personagem em evitar questionar o morador local sobre o significado da palavra “cruviana”, com medo de parecer tolo. Ele prefere manter uma pose de machão e destemido, preparando-se para enfrentar qualquer desafio que possa surgir. Átila Almeida possivelmente atribui essa postura aos moradores do interior como pessoas que não se submeteriam a questionamentos óbvios.

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, “cruviana” pode significar: frio excessivo; chuva leve e passageira; vento muito gelado que surge ao longo da madrugada. E, de fato, foi esse infortúnio que acompanhou o peregrino durante sua jornada noturna. Ao final de sua intensa noite ao relento, o viajante novamente encontra outro morador local.

\_Bons dias.

Deteve-se também. Arriou-se de lado, na sela, e respondeu ao cumprimento.

---

*Meleca* enquanto escrevia seu livro de *Termodinâmica*. Faleceu no final da tarde de 26 de junho do ano passado (2012) (Canuto, 2013, p. 4)

<sup>67</sup> O professor Acioli investiu recursos próprios na produção do filme intitulado *Cruviana*, deslocando-se até o Estado de Alagoas para realizar as filmagens. A obra obteve maior reconhecimento ao conquistar o prêmio de melhor filme e melhor trilha sonora, com Wilson Trajano, no 1º Festival do Filme Brasileiro em 1982.



\_Bons dias.  
 \_Prá cidade?  
 \_Prá cidade.  
 Ficaram uns segundos calados.  
 \_Dormiu no mato?  
 Ponderou a resposta e largou-a:  
 \_Aí atrás.  
 Novo silêncio. Quebrou-o o desconhecido:  
 \_Não sei como aguentou! A cruviana essa noite foi braba... (Torres, 1979, p. 120).

O tom cômico se intensifica pela naturalidade dos acontecimentos, especialmente na revelação, apenas no último momento, ao leitor, que muitas vezes pode não estar familiarizado com termos de uso local. Elementos em que a localidade é fundamental para compreender o enredo estão presentes em outros contos que compõem o livro, como é o caso de *Os Brabos*, no qual a narrativa se desenrola no interior do estado da Paraíba.

na imensa região dos Cariris Velhos, era falar-se em coragem e saía a história de Pedro e Miguel. Não faltaram poetas de bancada para versá-la. Pelo menos dois romances são de meu conhecimento. Em verso como em prosa, as narrativas só diferiam quanto a pequenos episódios, todos destinados ao velho Matias, conterrâneo, como eu, dos dois brabos (Torres, 1979, p. 22).

Explorar a narrativa é intrigante, pois percebemos elementos que se entrelaçam com a realidade do autor. Por exemplo, é mencionado, a região dos Cariris Velhos, onde Ruth Trindade de Almeida esposa de Átila Almeida conduziu pesquisas catalogando pinturas rupestres e sítios arqueológicos. Além disso, os “poetas de bancada”, área de pesquisa de Átila que resultou em dois livros, foram desenvolvidos durante a produção deste livro. O teor humorístico do conto se baseia em uma história lendária da região envolvendo dois homens, os “brabos”, que, após desentendimentos, acabam assassinando um forasteiro e, eventualmente, morrendo durante o desenrolar dos eventos. A história, no entanto, apresenta várias versões do ocorrido.

Ainda sobre elementos que mesclam realidade e ficção, o conto *As Almofadas* apresenta uma situação em que o personagem se assemelha ao processo de aquisição de livros por Átila Almeida.

há poucos anos foi-me oferecida uma coleção do Diário da Serra. Movido do inexplicável impulso, ao qual não foi estranho o baixo preço pedido, comprei-a. Num ocioso domingo comecei a foliar os jornais, apreciando os altos e baixos de nossa imprensa provinciana. No curso de minhas observações, deparei-me com notas curiosíssimas, principalmente na seção policial. Força-

me a verdade a confessar que minha busca visava o encontro de temas que me permitissem certas explorações literárias. Logo, não era tão ocioso o emprego do meu domingo (Torres, 1979, p. 38).

A observação feita neste ponto destaca a semelhança entre o personagem e Átila Almeida no apreço pelo colecionismo de jornais. No caso do Jornal do *Diário da Serra*, não foi possível identificar com certeza se o jornal é real, pelo menos com base na lista de jornais catalogados na BORAA, já que o nome não é mencionado. No conto, o personagem que adquiriu os jornais fica intrigado com uma notícia publicada na edição relacionado à morte de uma professora.

pôs-me sob os olhos nota saída duma edição de 1968, cujo título fez-me recuar aos anos quarenta. A notícia, intitulada “A morte de Pegueite”, pareceu-me escrita por plúmbeo romântico, atrás do qual senti vibrarem as emoções de um Zorro social. Esta afirmativa poderá aparecer um tanto cínica, e na verdade o é. Cínica e contraditória. Explico-me. Não me sensibilizou a desumanidade social, a culpa coletiva apontada pelo repórter. Doeu-me o drama humano que saltou das letras de forma, ricocheteou em meu espírito e fez-me cair no ano de 1943. Levado por amor de mim mesmo, solidarizei-me com a dor, o sofrimento, o drama do próximo. Quero dizer, Maria das Graças da Silva Morais, vulgo Pegueite (Torres, 1979, p. 38).

O drama continua com o jovem revelando lembranças de sua juventude, quando conheceu a professora mencionada, com quem teve aulas na infância. Ele explica por que ela era conhecida como “Pegueite”, contando que durante a época em que Maria das Graças estava viva, correu atrás de um pretendente que fugia dela, seu Manoel. Quando finalmente o alcançou, ela gritou “peguei-te”. Esse incidente deixou a pobre professora marcada, mesmo que ninguém a chamasse diretamente por esse nome, apenas indiretamente.

Além desses, vários outros contos do livro mergulham o leitor em uma variedade de temas, como romances, investigações policiais, mistérios e histórias macabras. Essa diversidade de conteúdo conferiu ao primeiro livro de Átila Almeida um valor literário considerável, proporcionando-lhe um espaço significativo para continuar suas produções, como será apresentado a seguir.

### **3.2.2 *As Transparências Impenetráveis* (1981)**

No segundo livro, Átila Almeida apresenta uma nova coleção de 13 contos inéditos, acompanhados por um prefácio que também assume a forma de conto. Para dar título à obra, escolheu um dos contos, *As Transparências Impenetráveis*, assinando-o sob o pseudônimo de

Aldo Lopes Dantas de Oliveira. Átila preservou a característica marcante do livro anterior ao habilmente mesclar realidade e ficção, envolvendo o leitor em um intrigante jogo entre esses dois universos.

Assim como no início de seu livro anterior, o primeiro conto serve para introduzir ao leitor o pseudônimo que nomeia a obra, neste caso, A. Lopes Dantas de Oliveira, na narrativa é o pai da pessoa que encontrou os escritos, reuniu-os neste livro e os lançou sob seu nome. O filho de Dantas de Oliveira revela a intenção inicial de nomear o livro apenas de *Caprichos*, para referir as peripécias do pai. Diferentemente das outras obras, o pseudônimo não pertence a uma pessoa real, não sendo possível inferir sobre detalhes e motivos da escolha.

No conto que dá título ao livro, *As Transparências Impenetráveis*, Átila Almeida deliberadamente imerge o leitor em um cenário misterioso onde os personagens são mantidos no anonimato, identificados apenas por suas iniciais.

a morte de W assanhou defuntos que viviam no meu esquecimento. T foi um dos que acordaram [...] A história é o que foi, a ficção o que não foi, mas poderia ter sido. Ao resolver contar o reencontro de T, decidi-me pela história, no caso, memória (Oliveira, 1981, p. 25).

O conto evoca lembranças de um personagem não nomeado, imerso em luto, enquanto observa uma mosca persistente tentando atravessar a transparência do vidro da janela, um símbolo da inacessibilidade representada por uma transparência impenetrável.

No que se refere a abordagem misteriosa na nomeação dos personagens, apenas por suas iniciais, é repetida em outros contos do livro, como *A Bribe e a Mariposa*, *Ressurreição*, e *Cartas Marcadas*. Um personagem recorrente nessas narrativas é W, inicialmente mencionado em *A Guisa do Prefácio*. Em *A Bribe e a Mariposa*, W é descrito como um amigo de São Paulo que morre antes de sua visita planejada a um amigo em São Paulo. A questão da distância entre amigos ou familiares pode ser associada a realidade de Átila Almeida que eventualmente viajava com a família para visitar parentes.

Em *Ressurreição*, W troca correspondências com X e E, que nunca as leem e as queimam; após a morte de W, sentem o desejo de tê-las lido. Em *Cartas Marcadas*, os personagens principais são Capitão-Mor B, M e M.E, seguidos de outros que recebem nomes completos, como Dumas, Júlio Verne e Frutuoso Barbosa, numa narrativa que remonta à história colonial da Paraíba.

Através dos detalhes que somam a narrativa uma qualidade literária, característica da chamada “literatura clássica”, em contraposição à “literatura menor” da poesia popular, os

contos de Átila Almeida são direcionados ao consumo de uma classe social elitista. Isso é perceptível através de uma escrita que está repleta de referências a outras obras literárias, como no conto *Ismael da Rua Luizinho de Melo, ou o Homem Cuja Vida Não Teve Enredo*.

na bodega de Seu Manuel, nas tardes dos sábados e manhãs dos domingos, atracava-se em patrióticos debates: Dante, Miguel Ângelo, a Torre de Pisa, o Escorial, Dom Quixote, Camões, a Torre de Belém, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, Epiácio Pessoa, o Rio Amazonas, o Cruzeiro do Sul, as Cachoeiras de Sete Quedas, Iguaçu e Paulo Afonso. Excepcionalmente, entravam na briga o Etna, o Renascimento, o Estreito de Gibraltar, o Tejo e o Cabo Branco (Oliveira, 1983, p. 49).

No conto, é apresentada a diversidade de assuntos debatidos por um grupo de amigos reunidos em uma bodega, abordando temáticas históricas e conhecimentos variados, em um circuito intelectual restrito, bem semelhante ao que era vivenciado por Átila Almeida. Através da discussão sobre os diferentes nomes que a Rua Luizinho de Melo recebeu ao longo da história do Brasil, passando por “antiga Rua do Sertão, cujo nome no império fora Rua do Imperador e, na República, Marechal Deodoro da Fonseca. [...] O prefeito que à artéria de nome vacante o de seu filho Luizinho” (Oliveira, 1981, p. 49).

Embora os contos se utilizem de elementos populares para criar um tom humorado, como em *O Peido é Meu Pastor*, situando-se numa situação íntima entre um casal, o humor já se insinua no título do conto. A narrativa retrata uma situação corriqueira na vida do casal, em que Júlio se sente incomodado com as liberdades que a intimidade de sua parceira Joana está tomando, a ponto de considerar o divórcio. A história é narrada a um advogado, Raimundo:

contei como fui ao purgatório e ao inferno levado pelo vento das propulsões retais de minha adorada cara-metade, e roguei que ele desse entrada a meu pedido de desquite, amigável, é claro, disse-me, deixando-me estupefato. Para ser amigável eu deveria, inicialmente, discutir o assunto com Joana. Imagine o ridículo do diálogo: Joana, quero dequitar-me, você não me respeita nem me ama mais, vive aos peidos... peidona (Oliveira, 1981, p. 56).

Apesar de apresentar um tom humorístico evidente, que poderia sugerir uma compreensão facilitada aos leitores, a narrativa não está necessariamente destinada a ser facilmente compreendida por todos os públicos. Embora utilize elementos populares como conteúdo, não é direcionada ao consumidor final comum.

Portanto, o círculo intelectual de Átila Almeida era restrito a um grupo seletivo de grandes nomes, como mencionado anteriormente, refletindo-se também na distribuição limitada de seus livros para um número reduzido de leitores. Isso resultou em uma porcentagem diminuta de

peessoas envolvidas nos diversos processos de produção das obras, o que também contribuiu para a escassez de exemplares disponíveis. Nesse contexto de um mercado restrito, a escrita foi direcionada de maneira similar.

### 3.3 OS ÚLTIMOS CONTOS: UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

A última obra de Átila Almeida, intitulada *O Livro de Guto: Reflexões de um Menino Pernambucano* (1991), foi lançada apenas alguns meses antes de sua morte no mesmo ano, sob o pseudônimo de Luiz Augusto de Almeida Mascarenhas Leite<sup>68</sup>, seu primeiro neto, filho de sua primogênita Olivia Trindade de Almeida com João Luiz Mascarenhas Leite, o menino serviu como autor dessa obra singular. Os contos desta publicação apresentam uma peculiaridade tanto no uso do neto como autor quanto na escrita que reflete a perspectiva do próprio Átila Almeida, configurando assim uma narrativa autobiográfica, ainda que não em primeira pessoa.

À semelhança de suas outras obras literárias, como *Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito* (1979) e *As Transparências Impenetráveis* (1981), o tom bem-humorado característico de Átila Almeida persiste. No entanto, esta obra inova em seu estilo literário ao explorar narrativas centradas em sua realidade e sua família. Os contos, apresentados em 14 capítulos, são destacados pelos títulos, que refletem o tom amolecado do autor pseudônimo, cuja ótica é filtrada através de seu neto, utilizado como instrumento para perceber a realidade por meio de Átila Almeida.

Podemos compreender a posição desses personagens/familiares nas narrativas do livro ao considerar diferentes dimensões da realidade. A primeira dimensão representa as pessoas como são, com suas peculiaridades e características próprias, sem interferência externa. A segunda dimensão reflete como esses elementos são percebidos pela visão de Átila Almeida, com suas limitações individuais. Por fim, a terceira dimensão, apresentada no livro, é a tentativa de Átila Almeida de entender essas personas através da perspectiva de seu neto, buscando se distanciar de suas próprias concepções, embora sempre ligadas às suas descrições, uma vez que é impossível dissociar sua compreensão pessoal da realidade.

Nesse contexto, a escrita presente em *O livro de Guto: Reflexões de um Menino Pernambucano* (1991) se enquadra no que Foucault (1992) e Gomes (2004) chamaram de “escrita de si”. É perceptível a presença, ou pelo menos a intenção, de Átila Almeida ao abordar

---

<sup>68</sup> Luiz Augusto de Almeida Mascarenhas Leite é o primeiro neto de Átila Almeida, recifense de 26 de janeiro de 1984, graduado em Matemática pela UFPE (Gondim, 2017, p. 194).

aspectos pessoais, especialmente em narrativas relacionadas a seus familiares mais próximos, com os quais teve uma relação mínima. Ele expressa suas opiniões e análises sobre esses personagens/família, como evidenciado ao relatar sobre os pais de seu neto, a quem ele mesmo determina como o autor da obra.

a geração de meus pais é social e racialmente mais democrática. A geração de meu pai, não, que é bem recifense. Também faz exceção o meritíssimo marido de minha tia Veveca, dita Verônica no registro, tão nobre e antiquada que não carrega nenhum pacote na rua (Leite, 1991, p. 27).

Neste momento, para além de suas próprias compreensões sobre o comportamento familiar, Átila procura esclarecer os posicionamentos de cada membro, destacando e, de certa forma, expondo atitudes racistas aos quais estão sujeitos. Em alguns momentos, ele busca justificativas para comportamentos ainda enraizados em arcaísmos. Átila visa evidenciar distinções entre as gerações da família, tentando estabelecer um distanciamento da geração de seu pai, Horácio de Almeida, que ainda carregava fortemente o peso da herança escravocrata. Essas construções de sentidos e significados em torno dos personagens, conforme Angela de Castro Gomes, constituem um conjunto de ações que se ligam a escrita de si.

essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita — como é o caso das autobiografias e dos diários —, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em coleções (Gomes, 2004, p. 11).

Na construção da memória familiar, Átila Almeida inicialmente destaca a genealogia da família Almeida, descrevendo: “Meu avô é Átila Augusto, o filho Horácio Augusto, é pai de outro Átila Augusto, este Vilar, e de um Felipe Augusto” (Leite, 1991, p. 31). Ele aborda especificamente seu terceiro filho, Horácio Augusto de Almeida<sup>69</sup>, nascido em 1958, e seus netos, Átila Augusto Vilar de Almeida<sup>70</sup> e Felipe Augusto Vilar de Almeida<sup>71</sup>. Em outro trecho, Átila Almeida enumera as realizações tanto de seu pai quanto dele próprio durante suas vidas,

<sup>69</sup> Horácio Augusto, segundo filho de Átila Almeida é engenheiro civil pela UFPB-UFCG, nasceu no Rio de Janeiro em 9 de julho de 1958.

<sup>70</sup> Átila é o quarto neto de Átila Almeida, manauense de 19 de janeiro de 1987, graduado em História pela Universidade Federal do Amazonas.

<sup>71</sup> Felipe é o quinto neto de Átila Almeida nasceu em Alagoa Nova-PB, a 19 de março de 1989; é formado em Ciência da Computação na Fucapi, Manaus.

estabelecendo, de certa forma, uma tradição familiar relacionada aos trabalhos entre esses dois intelectuais.

meu bisavô Horácio escreveu uma História da Paraíba e uma história da cidade dele: Brejo de Areia. Esse negócio de escrever está na massa do sangue. Vovô cotocudo também escreveu umas besteiras que ninguém lê. Até um dicionário bisbilhotando a vida dos poetas populares diz ele que escreveu. Bem apuradas as coisas, ele só foi o escriba. A substância do livro foi um grande poeta popular, José Alves Sobrinho, quem ditou pra ele. E o pior é que vovô, ou fazendo cu doce, ou o tipo, como diz vovó antropóloga, declara pedantemente: Minha preocupação foi inventariar a poesia popular para que sua memória não passasse batida (Leite, 1991, p. 47).

Átila Almeida posiciona a escrita como uma tradição familiar que perdura em sua geração. Ele destaca trabalhos de Horácio de Almeida, como *História da Paraíba* (1978) e *Brejo de Areia: Memórias de um Município* (1980). Em seguida, menciona sua própria contribuição, que continua a ser referência em pesquisas sobre a Literatura de Cordel, o *Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada* (1978), trabalho que resultou de pesquisa de campo em parceria com o poeta José Alves Sobrinho e reflete uma preocupação em relação à autoria dos poemas dos poetas e repentistas, uma discussão que emergiu, no início do século XX.

Assim sendo, a prática da escrita emerge como um elemento perene em ambas as gerações da família, manifestando-se por meio de trabalhos de notável relevância em seus respectivos campos de conhecimento. Michel Foucault (1992) destaca a escrita como uma evidência e uma espécie de pedra de toque, capaz de revelar os movimentos do pensamento e dissipar a sombra interior onde se entrelaçam as tramas do adversário.

Nesse sentido, a produção escrita desses intelectuais assume o papel de materialização dos pensamentos e preocupações compartilhados por ambos. No caso de Átila, esse processo se desencadeia em virtude da herança cultural recebida, conforme expresso por ele mesmo: “[...] meu bisavô juntou muito livro. Quando morreu, ficou tudo para vovô Átila, que puxou ao pai e vive comprando livro” (Leite, 1991, p. 51), o que também fica subentendido é seu desejo que seus descendentes como seu neto perpetuassem a escrita familiar, “[...] Vovô talvez queira que a gente seja escritor. Mal de família que até hoje só faz escarrapichar pena” (Leite, 1991, p. 39).

Horácio de Almeida deixou um trabalho autobiográfico intitulado *Ao redor de mim mesmo: lembranças que não se apagam* (1985). Por sua vez, Átila escreveu os contos que compõem *O livro de Guto: reflexões de um menino pernambucano* (1991), os quais, embora

tenham um teor fictício mais pronunciado, ainda se configuram como tal. Nesse sentido, buscamos evidenciar nossas análises por meio do que se denomina de escrita de si, definida por Josimere Maria da Silva e Hudson Marques da Silva como aquelas em que o sujeito aborda sua própria história de vida, permitindo-nos perceber as questões sociais do autor.

uma escrita de si seria, sumariamente, aquela em que o sujeito aborda a sua própria história como temática de seus escritos. Contudo, ao tomar-se no plano de uma narrativa, esse sujeito trará consigo, também, o espaço e em que se insere, bem como os grupos sociais aos quais pertence. Logo, uma escrita de si nunca será a história de um sujeito isolado, neutro (Da Silva. Da Silva, 2018, p. 84).

Nesse contexto, o principal grupo ao qual Átila Almeida se insere é o seio de sua própria família, a qual, na época, começava a se dispersar pelos estados do país. Ele estava vinculado à Universidade Federal da Paraíba, onde atuava como professor e pesquisador da cultura popular, publicando suas obras pela editora da universidade, tanto os trabalhos resultantes de suas pesquisas quanto os contos que escrevia.

A partir desses contos autobiográficos e biográficos, exploramos as definições e características da escrita de si. “Denominamos autobiografia o relato retrospectivo em prosa que alguém faz de sua própria existência, desde que ela coloque o acento principal sobre sua vida individual, em particular sobre a história de sua personalidade” (Pereira, 2000 *apud* Lejeune, 1975, p. 14). Esse método foi utilizado na construção dos contos, mesmo ao falar de outras pessoas, é notável a presença de Átila Almeida, mesmo quando ele busca se distanciar da narrativa ao dar voz ao pseudônimo. Na narrativa, ele menciona o momento em que apresentou os contos a sua irmã, Armênia.

Qual foi minha surpresa! Disse-me ela que não havia gostado porque era visível que vovô estava, nessas páginas, se escondendo atrás de mim! Que disparate, sou tão miúdo e vovô tão graúdo que ele, mesmo todo encolhido atrás de mim, eu que menos serei visto, tantas serão as sobras de vovô que aparecerão além de meus diminutos físicos. Ela também julgou que este livro fosse uma obra para crianças, escrita por um adulto, quando a coisa é exatamente o contrário: trata-se de uma obra adulta, escrita por uma criança (Leite, 1991, p. 95).

Átila procura distanciar-se das narrativas através de sua escrita, buscando conferir mais credibilidade ao seu pseudônimo, seu neto Luiz Augusto. Ele mescla realidade e ficção de forma a intrigar o leitor. Nesse contexto, é relevante mencionar as reflexões propostas por Alfonso de



Toro (2007) sobre “autoficção”, que busca descentralizar o sujeito e a construção do eu no processo de escrita.

por não ter a pretensão da verdade nem da exata reprodução do representado, ao contrário, por problematizar categorias como o “eu”, o “real” e a “verdade”; por não pretender totalizar o apresentado, optando pela fragmentação; e por tematizar a dificuldade de distinção entre realidade e ficção, já que tudo seria parte real do eu, porque se encontra na mente do autor e se concretiza no ato da escrita. A “autoficção” seria uma dessas formas de meta-autobiografia ou biografia transversal, na concepção de Alfonso de Toro (Velasco, 2015, p. 8).

Dentro do conceito de autoficção, podemos compreender a realidade dentro da ficção como tudo aquilo que o autor define como real, enquanto o fictício se resume ao resultado do que o autor optou por revelar de si mesmo. A “autoficção surge a partir do romance *Fils*, de Serge Doubrovsky, ao articular o pacto romanesco com a identidade onomástica da tríade autor-narrador-personagem” (Velasco, 2015, p. 8). Para Doubrovsky, que cunhou o termo em 1977 em sua obra, a ficção consiste nas escolhas do autor, ou seja, aquilo que ele decide expor de si<sup>72</sup>.

Leonor Arfuch (2010), ao abordar a escrita autobiográfica, ressalta a importância de compreender as estratégias ficcionais de autorrepresentação empregadas pelo autor na construção de sua narrativa. Destaca-se que não se pode exigir um pacto autobiográfico entre o autor e o narrador, uma vez que os próprios mecanismos de produção de texto do autor driblam essa necessidade. Assim, é possível fundamentar uma escrita não apenas na primeira pessoa do singular, mas também na segunda e até na terceira pessoa, através dessas estratégias do escritor para expressar-se. A característica é particularmente marcante nos contos de Átila Almeida.

No conto presente no capítulo XI, intitulado *Deus fez, o vento espalhou e o diabo juntou*, Átila Almeida revisita a genealogia da família, fornecendo mais esclarecimentos sobre as origens do primeiro Almeida na linhagem.

O mais antigo Almeida da minha família chamava-se Luiz José de Almeida, o primeiro do nome, que teve um filho, e um trineto, que é meu tio-avô, de mesmo nome. Pois, o **segundo do nome antecipou-se a meu avô cotocudo casou com uma Trindade das bandas do Rio Grande do Norte**, uma paparjirimum. Esse meu tio cacaravô teve a ideia de botar, no único filho de quem se teve notícia que gerou, o nome de Zábulon Gil de Almeida (ou foi Zábulon

<sup>72</sup> Serge Doubrovsky, referência inevitável nos estudos sobre o gênero da autobiografia, cunhou, em 1977, o termo e conceito de “autoficção” – prática que não inaugurou, mas que sistematizou a partir de então. Numa de suas múltiplas referências ao próprio texto, lê-se: “Escrevo meu romance. Não uma autobiografia (...) sou um ser fictício. Escrevo minha autoficção (...) Minha vida fracassada será um sucesso literário” (Un Amour de soi, 1982). A autoficção, portanto, transforma o “si mesmo” em espetáculo. (Nogueira, 2016, p. 6150)

Joven Herói da Trindade?). Pronto, criou o triângulo das Bermudas genealógico! (Leite, 1991, p. 109, grifo do autor).

Antônio Washington De Almeida Gondim descreve a linhagem que remonta a um primeiro Luiz José de Almeida, casado com Joana Albuquerque, que gerou três filhos: Ana Alexandrina de Almeida, Francisca de Almeida e Luís José de Almeida, filho de nome homônimo ao pai. Este relato possibilita uma compreensão mais ampla dessa linhagem.

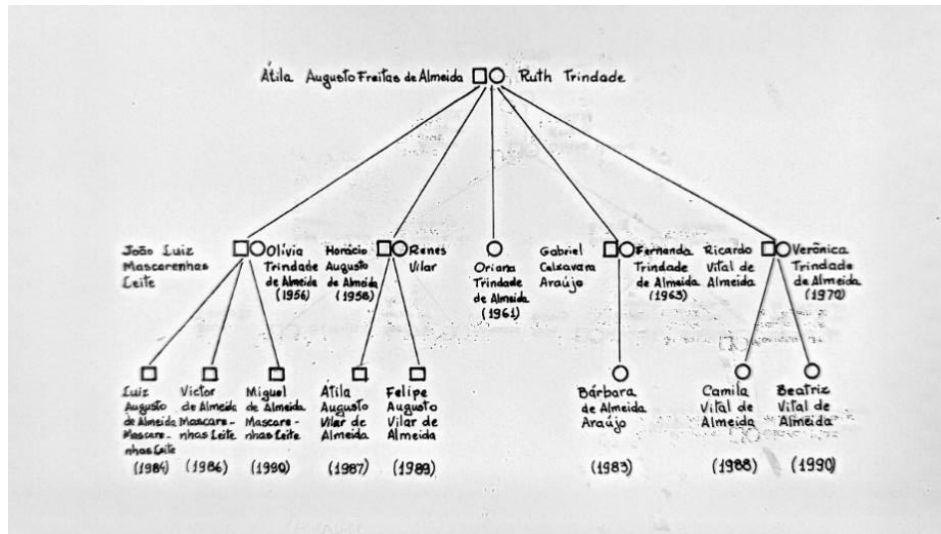
Luís José de Almeida, o filho, casou com Maria Trindade, Sinhá Trindade, filha de Trindade do Bujari. Deles nasceu Zabulon Herói Jovem da Trindade que casou com Porfíria Augusto Bezerra, natural do Rio Grande do Norte. Esse casal teve os filhos Anna Maribondo Bezerra da Trindade, Izabel Bezerra, Franklin Bezerra Maribondo da Trindade proprietário de engenho em Sapé. Anna era a mãe de Zabulon Maribondo da Trindade, seu Zabulon, pai de Maria Augusta, Violeta e Zabulon Maribondo da Trindade; de Franklin Maribondo da Trindade, pai do meu contemporâneo, amigo, conterrâneo e parente Francisco Antônio de Albuquerque Neto, cognominado Tico (Gondim, 2017, p. 393).

Átila Almeida faz uma brincadeira com as coincidências familiares, chamando de triângulo das bermudas genealógico, começando pelo fato de Luiz José de Almeida (o segundo do nome) ter se casado com uma mulher de sobrenome Trindade, embora ela não tenha qualquer parentesco direto com Ruth Trindade de Almeida. O nome Luiz José de Almeida<sup>73</sup> ressurge quando Horácio de Almeida batiza seu quarto filho com esse nome em 1927. Embora não haja justificativas documentadas para essa escolha, é observado, através da genealogia, o padrão recorrente de utilizar nomes homônimos aos dos pais, como é o caso na geração de Átila Almeida. Para facilitar a compreensão da genealogia familiar, Átila inclui ao final dos capítulos árvores genealógicas.

---

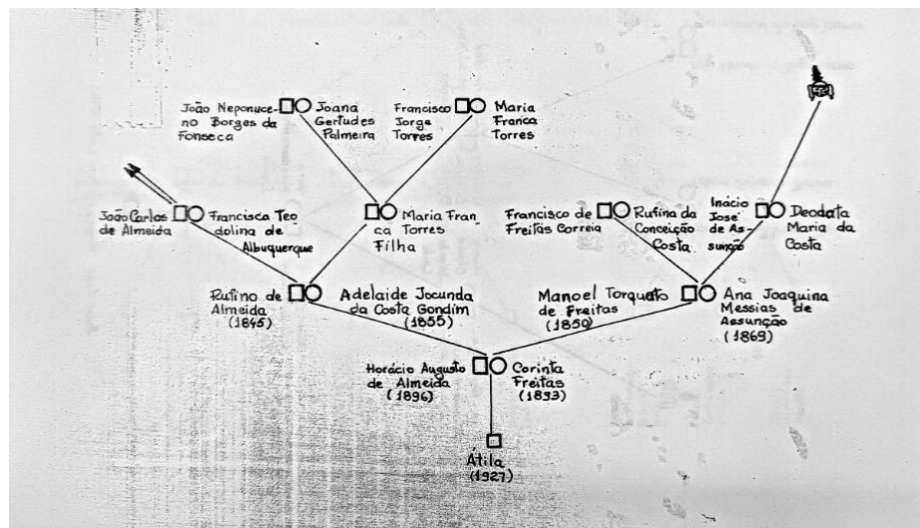
<sup>73</sup> Luiz José de Almeida nasceu a 7 de novembro de 1927, em Areia. Era engenheiro civil, formado pela Escola Nacional de Engenharia, em 1950. Foi professor da antiga Escola Politécnica de Campina Grande, depois Centro de Ciências e Tecnologia-CCT, Campus II da UFPB. Participou da administração dessa universidade, coordenando a Pós-Graduação em Engenharia Civil no CCT, sendo prefeito da Cidade Universitária no Campus I. Exerceu a superintendência Suplan, órgão encarregado do planejamento e execução de obras do Estado da Paraíba. No governo Emani Sátiro, assumiu a Secretária de Estado de Infraestrutura e Obras. (Gondim, 2017, p. 197)

**Imagem 15 - Genealogia de Átila Almeida e Ruth Trindade de Almeida**



Fonte: Leite, 1991, p. 149

**Imagem 16 - Genealogia de Átila Almeida**



Fonte: Leite, 1991, p. 151

O desfecho do livro traz à tona seis árvores genealógicas, entre as quais se destaca a linhagem da descendência de Luiz Augusto de Almeida Mascarenhas Leite, pseudônimo e neto do autor, filho de Olívia Trindade de Almeida e João Luiz Mascarenhas Leite, bem como a própria família do autor com Ruth Trindade, conforme evidenciado na imagem 15. Essas linhagens se estendem até os descendentes, revelando a presença recorrente dos nomes Átila e Horácio, o segundo filho de Átila, além do neto também chamado Átila, destacando a tradição na nomenclatura familiar. Uma outra árvore genealógica é detalhada de forma independente,

conforme mostrado na imagem 16<sup>74</sup>, seguindo o processo até alcançar o próprio autor, revelando desde Francisco Jorge Torres, pseudônimo adotado em seu primeiro livro de contos.

Com as narrativas informativas apresentadas em sua obra, é possível mergulhar cada vez mais na história de Átila Almeida, trazendo à tona sua notável atuação, especialmente em sua incursão na escrita de livros literários, representando seus últimos trabalhos. Em 24 de agosto de 1991, na cidade de Campina Grande, Paraíba, falecia este intelectual multifacetado, professor, folclorista, escritor, editor, esposo e pai, deixando um legado de dimensões imensuráveis para a cultura popular e a memória não só da Paraíba, mas do país como um todo. As contribuições que Átila Almeida registrou através de seus estudos e pesquisas ainda carecem de maior discussão nas produções dos cursos de graduação e pós-graduação. É necessário aprofundar cada vez mais nossa compreensão sobre suas produções, pois estas servem de fontes para diversos campos de estudo dentro das ciências.

---

<sup>74</sup> Na árvore genealógica mostrada na imagem 2, um equívoco é perceptível, provavelmente devido a um erro de digitação. A data de nascimento de Átila Almeida está registrada como sendo em 1927, quando o ano correto é 1923.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho representa o resultado da experiência pessoal como licenciando em história de fazer pesquisa e tornar-se pesquisador, representa as falhas e os acertos da pesquisa histórica, mas, acima de tudo, representa a consolidação de uma experiência que brotou a partir da iniciação científica, a qual proporcionou a prática primeira da imersão nos arquivos e instigou a magia da descoberta através da ciência. Portanto, reconhecemos as limitações que o presente trabalho possui e as lacunas evidentes da investigação, e ainda assim, reconhecemos, que nenhum trabalho por mais aprofundado que possa ser, jamais será capaz de esgotar qualquer fonte que seja. Os questionamentos que não foram respondidos, lançam um panorama de novos caminhos, que se construirão em face de novas pesquisas que visem responder estas indagações.

Ao longo do percurso desta pesquisa, e aqui em particular da escrita deste TCC, conseguimos aprender sobre a figura de Átila Almeida, podemos apresentar, na medida do que nos foi possível, trajetórias diversas atreladas ao nosso sujeito de estudo, onde buscamos problematizar suas atuações e as relações ao longo de suas vivências. Nosso objetivo foi debater no âmbito da historiografia, os elementos formadores das diversas atuações do intelectual, trazendo assim um estudo que apresentasse Átila Almeida e suas contribuições na esfera social, seja por meio de seus estudos em cultura popular, ou no seu acervo particular que se desdobrou na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, além de outros elementos que compõe o repertório de sua produção, como seus livros publicados.

A intenção não foi destacar Átila Almeida meramente como intelectual, ou menos elevar o nome da elite da família Almeida. Em vez disso concentramo-nos na importância do trabalho desenvolvido e as contribuições que estas representam para os estudos em cultura popular e, em especial, a Literatura de Cordel. Nesse espaço buscamos problematizar as questões políticas, posicionamentos e ações do intelectual, como a própria ideia do que é o intelectual. Isso foi sendo conceituado a medida em que se apresenta o rico legado perpetuado em suas produções e os meios pelos quais foram elaborados e possibilitados de construção.

No primeiro capítulo, *A face de bibliófilo*, ao retrocedermos a trajetória de Horácio de Almeida, foi possível aprendermos como se constituiu o espaço propício para a atuação posterior de Átila Almeida, além do ambiente que possibilitou sua atuação bibliófila. Horácio além da relação paternal com Átila Almeida representa um dos principais colaboradores na constituição de uma mentalidade intelectual no filho. Essas trocas inicialmente são compartilhadas pelo interesse em comum pela cultura.

Através das narrativas em torno da figura de Horácio de Almeida, foi possível entender elementos que constituíram sua trajetória, a ascensão de Horácio no cenário político e intelectual paraibano. Também conseguimos apresentar brevemente as interações entre Horácio de Almeida e Átila Almeida, a qual utilizamos das contribuições das pesquisas do historiador Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio que já trabalhou diretamente com as correspondências dos intelectuais, visto a dificuldade de documentação particular de Átila Almeida. Ainda assim, percebemos e analisamos os projetos políticos entre os dois na construção de bibliotecas particulares.

No segundo capítulo, *A face do folclorista*, percebemos a complexidade do trabalho desenvolvido por Átila Almeida. Para tanto, foi necessário apresentar o panorama das pesquisas folclóricas do início do século XX, que a princípio se mostrou necessário para compreendermos o intelectual dentro desta categoria, o que nos possibilita apresentarmos as dimensões do trabalho desenvolvido por Átila Almeida junto ao seu maior colaborador, o poeta José Alves Sobrinho.

Com a contribuição da pesquisadora Joseilda de Sousa Diniz, sobre o poeta José Alves Sobrinho, foi possível ter dimensão da atuação em conjunto dos dois intelectuais. Ao momento em que foi apresentado a trajetória do poeta e sua relação direta com Átila Almeida, podemos ter noção da extensa pesquisa desenvolvida por ambos, e os sentidos que cada intelectual atribuía aos poetas e cantadores, partindo de um lugar onde um tinha uma visão de dentro do campo de pesquisa, o poeta, e o outro, no campo institucionalizado. Para uma melhor compreensão e atribuir sentido ao conjunto de ideias defendidas, tomamos as obras, *O Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada* (1978) e o *Romanceiro Popular Nordestino – Marcos e Vantagens* (1981), como resultados da junção das pesquisas entre ambos.

No terceiro capítulo, *A face do escritor*, partimos de um ponto peculiar de Átila Almeida, a qual apresentamos os contos escritos por ele, presentes nas obras literárias, *Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito* (1979), *As Transparências Impenetráveis* (1981) e *O Livro de Guto: Reflexões De Um Menino Pernambucano* (1991). Nestas obras podemos aprender sobre os elementos constitutivos em sua construção, além das narrativas apresentadas nos contos, como a exemplo os ambientes que oportunizaram o seu nascer escritor, a exemplo a própria cidade de Campina Grande, na Paraíba, ao qual nutria na população o hábito comum de frequentar livrarias.

Nesse sentido, também nos utilizamos dos livros como fonte para nossa escrita, analisando em si, os contos que constituem as obras. Percebemos como estas, são reveladoras

de pensamentos, posicionamentos políticos e ideais de uma época não distante. Foi ainda exposto, os desdobramentos e sucessos que algumas das obras obtiveram, gerando reconhecimento ainda em vida para Átila Almeida, mesmo estando encoberto pelo uso de pseudônimos como autores dos livros.

De tal modo, com o estudo, foi possível examinar a trajetória de Átila Almeida, a qual percebemos estar vinculada a do pai, Horácio de Almeida, com quem estabeleceu as primeiras interações intelectuais. Neste sentido, foi possível delinear como os projetos políticos de Horácio contribuíram para os do filho, em um cenário próprio para a perpetuação de um legado cultural, que se tornou interesse em comum. Sendo Átila Almeida fruto, até certo ponto, das aspirações de seu pai, Horácio de Almeida, ainda nos resta entender melhor em níveis específicos, mais tramas que desencadearam os movimentos destes e com outros intelectuais em contexto nacional, estabelecendo e delineando as intenções e projetos pessoais.

Assim, o propósito do estudo, foi apresentar elementos constitutivos das trajetórias de Átila Almeida, apresentados através de suas principais faces, *bibliófilo*, *folclorista* e *escritor*. Espera-se que a partir daqui novos caminhos possam emergir no cenário historiográfico, proporcionando entendimento múltiplos sobre o intelectual, como em torno de sua produção e dos elementos aqui apresentados. Reitero, portanto, a vontade de desbravar, dentro do campo da ciência histórica, novas faces sobre este sujeito. Como aponta Michel de Certeau, a escrita que aqui foi apresentada, encerra as diversas etapas de uma operação historiográfica a que me dediquei, entretanto, ainda a partir dela, novas operações serão iniciadas.

## FONTES

### LIVROS:

ALMEIDA, Átila. SOBRINHO, José Alves. **Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: UFPB, 1978.

ALMEIDA, Átila. SOBRINHO, José Alves. **Marcos e Vantagens, 1. Romanceliro popular nordestino**. Campina Grande: EDITEL, UFPB, 1981.

ALMEIDA, Horácio de. **Ao redor de mim mesmo (lembranças que não se apagam)**. Campina Grande: [s. n.], 1985.

LEITE, Luis Augusto Mascarenhas. **O livro de Guto: reflexões de um menino pernambucano**. João Pessoa: Empório dos Livros, 1991.

OLIVEIRA, Aldo Lopes Dantas de. **As transparências impenetráveis**. Campina Grande: Editel, 1981.

TORRES, Francisco Jorge. **Bruxaxá: Contos Sem Exemplo e Histórias Sem Proveito**. Campina Grande: Editel, 1979.

### CORRESPONDÊNCIAS:

ALMEIDA, Horácio. [Correspondência]. Destinatário: Átila Almeida. Rio de Janeiro, 7 fev. 1974 - 24 dez. 1974.

### DEPOIMENTOS:

ALMEIDA, Oriana Trindade de. Depoimento (dez. 2023). Entrevistador: Emanuel Lucas dos Santos Silva. Universidade Federal de Campina Grande, 2023. Questionário eletrônico (36 Questões). **Entrevista concedida para pesquisa sobre Átila Almeida**.

ALMEIDA, Oriana Trindade de. **Oriana Almeida (NAEA/UFPA) entrevista a arqueóloga Ruth Almeida**. *YouTube*, 21 de fevereiro de 2018. 19min41s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OcSNyKm\\_1zw&ab\\_channel=LandaraMendes](https://www.youtube.com/watch?v=OcSNyKm_1zw&ab_channel=LandaraMendes). Acesso em: 14 de setembro de 2023.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. Depoimento (mai. 2019) Entrevistador: Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio. 13 maio. 2019. (58 min). **Entrevista concedida para pesquisa sobre Horácio de Almeida**.

## REFERÊNCIAS



ALBERTI, Verena. **História oral:** a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. **O morto vestido para um ato inaugural:** procedimentos e práticas dos estudos de folclore e da cultura popular. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. **Folhetos:** a literatura de cordel no Nordeste brasileiro. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos cariris velhos.** João Pessoa: Editora da UFPB, 1979.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico:** dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROS, Ewerton Wirley Silva. **Nos enredos do folclore:** Luís da Câmara Cascudo no Movimento Folclórico Brasileiro (1939-1963). 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2018.

BARROSO, Gustavo. **Ao som da viola.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

**BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA.** Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: <http://bibliotecaatilaalmeida.uepb.edu.br/>. Acesso em: 18 de agosto de 2023.

BORGES, Beatriz Moraes. **O uso do pseudônimo como refúgio na literatura.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras–Língua Portuguesa e Literaturas) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Paulo Lopes, 2022.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore?** São Paulo: Brasiliense, 1982.

BURKE, Peter. O polímata: a história cultural e social de um tipo intelectual. **Leitura: Teoria e Prática**, v. 29, n. 56, p. 4-10, 2011.

BURKE, Peter. **O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag.** Traduzido por Renato Prelorenzou. – São Paulo: Editora Unesp, 2020

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** Todavia, 2023.

CANUTO, Sylvio. Professor José Acioli e a Física na Universidade de Brasília. **e-Boletim da Física**, v. 2, n. 5, p. 1-4, 2013.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. **A escrita da história**, v. 2, p. 65-109, 1982.

CONFERÊNCIAS. **O Imparcial**: diário ilustrado do Rio de Janeiro, edição 223, 23 jul. 1913, p. 8. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=107670\\_01&pesq=%22literatura%20popular%22&pagfis=2732](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=107670_01&pesq=%22literatura%20popular%22&pagfis=2732). Acesso em: 20 jul 2020.

CURRAN, Mark Joseph. **Literatura de cordel**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.

DA SILVA, Hudson Marques; DA SILVA, Josimere Maria. Escrita de si e memória: a narrativa como testemunho de vidas. **Tabuleiro de Letras**, v. 12, n. 2, p. 82-91, 2018.

DANTAS, Sergio. Um perfil de Átila Almeida. **Ranhura**, Campina Grande, v. 2, n. 3, p. 1-20, 1993.

DE TORO, Alfonso. ‘Meta-autobiografía’/‘autobiografía transversal’ postmoderna o la imposibilidad de una historia en primera persona. A. Robbe-Grillet, S. Doubrovsky, A. Djebar, A. Khatibi, N. Brossard y M. Mateo. **Estudios públicos**, n. 107, 2007.

DINIZ, Joseilda de Sousa. **José Alves Sobrinho**: um poète entre deux mondes. 2009. Tese (Doutorado em Linguísticas, Letras e Artes; Literatura Brasileira) – Instituto de Ciências Humanas e Sociedade. Universidade de Poitiers, Poitiers, 2009.

DINIZ, Joseilda de Sousa. Recriar o espaço de voz do poeta: a memória entre dois mundos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, Nº 35. p. 103-128, 2019.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

FIÚZA, Alexandre Felipe. **Uma história de Areia**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1998.

FOLK-LORE. **O Imparcial**: diário ilustrado do Rio de Janeiro, edição 226, 18 jul. 1913, p. 2. Disponível em:  
[https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670\\_01&pesq=%22folk-lore%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2770](https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107670_01&pesq=%22folk-lore%22&pasta=ano%20191&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2770) Acesso em: 15 out 2022.

FOUCAULT, Michel. **O que é o autor?** Forense Universitária, 2001.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Literatura popular em verso**: estudos. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Educação e Cultura, 1973.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. A coleção paraibana e a biblioteca de obras raras Átila Almeida. **Memória e informação**, v. 4, n. 1, p. 95-113, 2020.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Da academia ao bar**: círculos intelectuais, cultura impressa e repercussões do modernismo em Campina Grande - PB (1913-1953). Dissertação, (Mestrado em História) UFCG - Campina Grande, 2012.

GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. A palavra Cativa. **Ranhura**, Campina Grande, v. 2, n. 3, 1993.

GOETTERT, Jones Dari. ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. **GEOgraphia**, v. 11, n. 22, p. 157-161, 2009.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Editora José Olympio, 2016.

GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2007.

GONDIM, Antônio Washington de Almeida. **Família Gondim e Outras Linhagens Areenses**. João Pessoa: Ideia, 2017.

GURGEL, Veronica Torres; KASTRUP, Virginia. O Processo de Escrita Literária e o Co-Engendramento da Obra de Arte e do Autor. **Psicologia em Revista**, v. 25, n. 3, p. 1000-1020, 2019.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, vol. 5, n.10, 1992, p. 134-146.

MEDEIROS, Ruy Herman de Araújo; CASTANHO, Sérgio. Trajetória do movimento estudantil e expectativas sociais dos estudantes brasileiros: 1960-1980. **Revista História, Sociedade e Educação no Brasil On-line**, v. 55, p. 180-194, 2014.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982**. 2003.

MELO, Rosilene Alves de. **Intelectuais, instituições e usos da literatura de cordel no Brasil: de literatura popular a patrimônio cultural (1913-2018)**. Projeto de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq/UFCG. Cajazeiras - PB, 2022.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros: reencontros com o tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MONTEIRO, Gisela Costa Pinheiro. **A identidade visual da Coleção dos Cem Bibliófilos do Brasil, 1943/1969**. 2008. Dissertação (Mestrado em Designer) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

MORAES, Carla Gisele Macedo Santos Martins. **Areia-Paraíba: morfologia e desenvolvimento urbano (séculos XVIII, XIX e XX)**. Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Urbano - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2005.

NASCIMENTO, Francineide Batista do. **Estudo sobre a Preservação Documental do Arquivo do Prof. Átila de Almeida**. 2013. Monografia (Especialização em Gestão em Arquivo) – Universidade Federal de Santa Maria, São Lorenzo do Sul, 2013.

NOGUEIRA, Luciana Persice. A autoficção de S. Doubrovsky e o registro da memória de si: obra em Si Bemol. *In*: XV ENCONTRO ABRALIC, 15., 2013, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2016. p. 6150-1658.

NUNES, Layo Kayru Soares. **Severino Bezerra de Carvalho em múltiplas facetas: do acervo pessoal à biografia histórica**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2020.

OLIVEIRA, José Walber Vieira de. **“A viagem começou”**: Luís da Câmara Cascudo e a construção de uma cultura popular alimentícia a partir de sua viagem à África (1928-1967). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras - PB, 2023.

OS CANTADORES POPULARES. **O Jornal**, Maranhão. Edição 1863, 20 dez, 1920, p.4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720593&pesq=%22Leonardo%20Mota%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5992> Acesso em: 15 out 2022.

OS CANTADORES. **O Jornal**, Maranhão. Edição 1858, 17 dez. 1920, p. 1. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720593&pesq=%22Leonardo%20Mota%22&pasta=ano%20192&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=5988> Acesso em: 15 out 2022.

PAES, Marilene Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **História oral**, v. 3, p. 117-127, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª. Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 02-13, 2010.

RANHURA, Revista. Cronologia e dados biográficos de Átila Almeida. **Ranhura**, Campina Grande, v. 2, n. 3, p. 1-20, 1993.

RIBEIRO, João. **O folclore**. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1919.

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2009.

RODRIGUES, José Edmilson. O homem, os livros, o vinho, seus arremessos. **Ranhura**, Campina Grande, v. 2, n. 3, p. 1-20, 1993.

RODRIGUES, Marcia. Memória, patrimônio, bibliotecas nacionais e a construção da identidade coletiva. **Em Questão**, v. 21, n. 2, p. 243-262, 2015.

SALES NETO, Francisco Firmino; BARROS, Ewerton Wirley Silva. Qual será nossa tarefa no Brasil? Instituições, intelectuais e estudos folclóricos nos anos 1940. *In*: COSTA, Bruno Balbino Aires da; FERNANDES, Saul. (Org.). **Capítulos de história intelectual do Rio Grande do Norte**. Natal: IFRN, 2018. p. 127-161.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 10, n. 37, p. 479-492, 2002.

SILVA, Larissa Fernandes. Átila Almeida Personal Archive: organization and preservation of a permanent archive through the lens of Archivology. **Archeion Online**; v. 9 n. 2. p. 119-137, 2021.

SILVA, Sheila dos Santos; MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Escritas de si e espaço biográfico–revisão teórico-crítica. **Memento**, v. 7, n. 2, p. 15, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOARES, Ricardo. A metáfora satírica em Átila Almeida. **Ranhura**, Campina Grande, v. 2, n. 3, p. 1-20, 1993.

TERRA, Ruth Brito Lêmos. **Memórias de lutas**: a literatura de folhetos no Nordeste (1893- 1930). São Paulo: Global, 1983.

VELASCO, Tiago Monteiro. Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual. *In*: XIV CONGRESSO INTERNACIONAL–FLUXOS E CORRENTES: TRÂNSITOS E TRADUÇÕES LITERÁRIAS, 14., 2015, Belém: **Anais** [...] Belém: UFP, p. 1-12, 2015.

WASSERMAN, Claudia. História intelectual: origem e abordagens. **Tempos históricos**, v. 19, n. 1, p. 63-79, 2015.